



Centro Cívico e Cultural de Santa Clara
Universo de Memórias João Carlos Abreu
Da Realidade à Virtualidade

Sílvia Cristina Abreu Nóbrega Chícharo Laranjeiro

Dissertação apresentada na Universidade da Madeira para a obtenção do grau de mestre em *Arte e Património: no Contemporâneo e Actual*

Orientadores:

Professora Doutora Idalina Sardinha

Do Departamento de Arte e Design da Universidade da Madeira

Professor Doutor Gonçalo Gouveia

Do Departamento de Matemática e Engenharias da Universidade da Madeira

2008

Dedicatória

À minha mãe que muito me auxiliou
nestes último dois anos.

Ao meu marido, pela força que me deu
nos momentos menos bons.

Aos meus filhos que muitas vezes ficaram
privados da minha companhia e atenção.

Agradecimentos

Aos meus orientadores, professora Doutora Idalina Sardinha e professor Doutor Gonçalo Gouveia, pela leitura cuidadosa e modificações sugeridas durante a elaboração desta dissertação.

A João Carlos Abreu pela contribuição relevante que teve na elaboração deste trabalho, respondendo às entrevistas, auxiliando na legendagem de fotografias e sugerindo alterações.

À família Faria pela preciosa ajuda que deram ao cederem as fotografias da casa, outrora sua morada, e pelas informações prestadas acerca das características do edifício.

À minha amiga Jesus Rodrigues pela revisão do “Abstract”.

Aos meus colegas de trabalho, principalmente à Nádía Freitas e à Susana Abreu, pelo auxílio que me deram durante o período de elaboração desta dissertação.

À *Direcção de Serviços do Sistema de Informação* – Secretaria Regional de Educação e Cultura, em particular ao Engenheiro Martin Freitas e ao técnico de informática Daniel Soares por todo o apoio técnico prestado na elaboração do *site*.

À *Direcção Regional dos Assuntos Culturais* em particular ao técnico Bruno Pereira pela elaboração do vídeo do *site*, ao técnico Rui Camacho por algumas das fotografias executadas e ao técnico superior Manuel Freitas pela elaboração da visita guiada em formato *flash*.

À *Fundação Caridade Pestana* pela bolsa de estudo concedida para apoiar a frequência deste mestrado.

Resumo

Situado num edifício do séc. XIX¹, o *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu* foi adquirido pelo Governo Regional em 2002, para acolher todos os bens doados à Região Autónoma da Madeira, por João Carlos Nunes Abreu.

Este Centro Cívico e Cultural é responsável pela manutenção e exposição ao público do espólio doado, estando também vocacionado para acolher e desenvolver acções de carácter cultural. Dispõe de um jardim, de uma Casa de Chá e de um Auditório.

Encenado como um “caleidoscópio”, o “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*” é um repositório de memórias construídas ao longo da sua vida de jornalista, viajante, poeta, escritor, político, actor e artista, com passagem por diversos países.

Institucionalmente falando, este é um espaço relativamente recente, criado “de raíz” para acolher, expor e divulgar colecções pertencentes a uma só pessoa. Desta forma, iniciaremos este estudo com uma abordagem aos factores que constituem a **realidade** da Instituição – política de funcionamento, colecções albergadas, aspectos relevantes da vida do doador e espaço físico.

Na segunda parte, o nosso trabalho irá recair sobre a componente **virtual** da Instituição sob o ponto de vista da utilização das novas tecnologias. Abordaremos, sucintamente, o ciberespaço e o mundo da Internet e culminaremos o estudo com a elaboração do *site* oficial do *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu* que permitirá potenciar o acesso à Instituição de forma mais ampla, fazendo com que esta ultrapasse as suas próprias fronteiras físicas. Pretende-se que este *site* seja, acima de tudo, dinâmico de maneira a envolver o visitante, fidelizando-o e conseqüentemente fazendo com que este queira passar da **virtualidade** à **realidade** visitando o espaço físico.

¹ Calçada do Pico nº 2, Freguesia de São Pedro – Funchal, Madeira

Abstract

Placed in a 19th century building, the *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu* was purchased by the Regional Government in 2002 to lodge the collections which were donated by João Carlos Abreu.

This Civic and Cultural Centre is responsible for the maintenance and exhibition to the public of the donated assets. It is also used to receive and to develop cultural activities. It offers a garden, a tea house and an Auditorium.

Staged like a "kaleidoscope", the "*Universo de Memórias João Carlos Abreu*" contains a collection of mementoes collected throughout his life as journalist, traveller, poet, writer, politician, actor and artist on trips to different countries around the world.

Institutionally speaking, this is a new space created to lodge, exhibit and make public display of one's collections. Thus, we will begin this study with an approach to the factors that constitute the reality of the Institution – working politics, sheltered collections, relevant aspects of the life of the donator and physical space.

In the second part, our study will reflect the virtual component of the Institution according to the use of the new technologies. We will briefly make reference to the cyberspace and the Internet world. This dissertation will culminate with the creation of the official web *site* of the *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu* which will allow one to have a larger access to the Institution, going beyond its physical frontiers.

The main aim of this *site* is especially expected to be dynamic enough in order to establish a relationship with the visitor, making him be loyal to the site and consequently encouraging him to want to visit the physical area itself.

Resumo

Dedicatória

Agradecimentos

Sumário

1. Índice de imagens e quadros.....	8
2. Índice de apêndices	22
3. Índice de anexos.....	23
4. Lista de abreviaturas.....	24

Introdução

1. Tema.....	26
2. Delimitação de estudo.....	26
3. Objectivos e justificativas.....	27
4. Definição de termos.....	27
5. Metodologia de investigação.....	28
6. Organização do trabalho.....	28

Capítulo I – A Realidade

1. <i>Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu</i>	31
1.1. Conceito.....	31
1.2. Funções museológicas.....	32
1.3. Recursos Humanos e financeiros.....	36
1.4. Instalações.....	36
1.5. Estrutura orgânica.....	37
1.6. Acesso ao Público.....	37
1.7. Criação da Instituição.....	38
Considerações finais.....	39

2. Colecção	40
2.1. A colecção de João Carlos Abreu.....	41
2.2. Valores e percursos da colecção.....	63
2.3. O coleccionador.....	65
2.4. A vocação do coleccionador.....	68
2.5. A memória.....	69
2.6. O coleccionador e o objecto.....	69
2.7. A memória e o coleccionador.....	72
2.8. A doação.....	73
Considerações finais.....	74
3. Dados biográficos de João Carlos Abreu enquanto doador.....	75
3.1. O jornalismo.....	77
3.2. Os investimentos privados.....	79
3.3. O turismo.....	80
3.4. A política.....	81
3.5. As viagens.....	82
3.6. A escrita.....	82
3.7. A pintura.....	86
3.8. O teatro e a representação.....	87
3.9. A Associação <i>CRIAMAR</i>	88
4. Património e reabilitação do edifício do <i>Centro Cívico e Cultural de Santa Clara -Universo de Memórias João Carlos Abreu</i>	89
4.1. Enquadramento.....	89
4.2. Reabilitação.....	92
4.3. Análise <i>SWOT</i>	116
Considerações finais.....	118

Capítulo II – A virtualidade

1. O virtual e o ciberespaço.....	120
2. O mundo da Internet.....	121

2.1. Configuração.....	122
2.2. Breve historial.....	122
2.3. Uma nova mutação cultural.....	124
2.4. O hipertexto.....	125
Considerações finais.....	126
3. Os museus e a Internet.....	127
3.1. Tipos de <i>sites</i> de museus.....	127
Considerações finais.....	131
4. <i>Site do Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu</i>	132
4.1. Considerações acerca do <i>site</i>	132
4.2. Mapa do <i>site</i>	133
4.3. Conteúdos e justificativas.....	135
5. http://cultura.madeira-edu.pt/universodememorias/	196
5.1. Esboços da página de abertura do <i>site</i>	196
5.2. Visualização do <i>site</i> – <i>link</i> no CD ROM.....	200
Conclusão	201
Bibliografia citada	203
Bibliografia de referência	206
Glossário de termos arquitectónicos	212
Glossário de termos informáticos	215
Créditos fotográficos e de imagens	222
Apêndices	223
Anexos	243

1. Índice de Imagens e quadros

Imagens

Fig.1 – Fachada Este e jardim – <i>Centro Cívico e Cultural de Santa Clara</i>	30
Fig.2 – Ficha de inventário utilizada para registo em papel.....	33
Fig.3 – Ficha de inventário utilizada para registo informático.....	34
Fig.4 – Açucareiro, séc. XIX.....	43
Fig.5 – Bengala com cabeça de cavalo, séc. XX.....	43
Fig.6 – Buda, séc. XX.....	43
Fig.7 – Bule, séc. XIX.....	44
Fig.8 – Cachimbo com cavalos esculpidos, séc. XIX.....	44
Fig.9 – Caixinha para comprimidos, séc. XX.....	44
Fig.10 – Lampadário, séc. XIX.....	45
Fig.11 – Cavalo, séc. XV.....	45
Fig.12 – Chapéu, séc. XX.....	46
Fig.13 – Colecção de colheres emolduradas, séc. XX.....	46
Fig.14 – Cristo Crucificado, séc. XVIII.....	47
Fig.15 – Crucifixo Ortodoxo, atribuído ao séc. XI.....	47

Fig.16 – Panorâmica da colecção “Sala das Gravatas”.....	48
Fig.17 – Escultura – “Cabeças”, séc. XX.....	48
Fig.18 – Garrafa, séc. XX.....	49
Fig.19 – Naveta, séc. XX.....	49
Fig.20 – Cítara, séc. XX.....	50
Fig.21 – Crucifixo articulado, séc. XX.....	51
Fig.22 – Colar, atribuído à Idade Média Tardia (séc. XIV-XV).....	51
Fig.23 – Colar com pingente, séc. XX.....	51
Fig.24 – Ícone de Nossa Senhora de Jerusalém.....	52
Fig.25 – Leque, séc. XX.....	52
Fig.26 – Panorâmica da Biblioteca	53
Fig.27 – Máquina de escrever “66 Imperial 66”, séc. XX.....	53
Fig.28 – 3 Marionetas do teatro de sombras da Indonésia, séc. XX.....	54
Fig.29 – Máscaras – As “Quatro Estações”, Itália, séc. XX.....	54
Fig.30 – Canapé, séc. XVIII.....	55
Fig.31 – Ovo de avestruz pintado a ouro, séc. XIX.....	55
Fig.32 – Pastor, séc. XX.....	56

Fig.33 – Pato, séc. XX.....	56
Fig.34 – Rolo de estampagem.....	57
Fig.35 – Pente, séc. XIX/XX.....	57
Fig.36 – Prato, atribuído à Dinastia Ming, Reinado Chenghua (1465 – 1487).....	58
Fig.37 – Par de Urnas de <i>Sèvres</i> , séc. XIX.....	58
Fig.38 – Les Eaux; aguarela; Cruzeiro Seixas, séc. XX.....	59
Fig.39 – Baía do Funchal; Guache sobre papel, Max Römer, 1927.....	59
Fig.40 – Sem Título, óleo sobre madeira, atribuído a Aert Gelder séc. XVII.....	60
Fig.41 – Relógio com pregadeira, séc. XIX.....	60
Fig.42 – Relógio de bolso “ <i>Certina</i> ”, séc. XX.....	60
Fig.43 – Samovar, Russia.....	61
Fig.44 – Scrimshaw, séc. XX.....	61
Fig.45 – Sineta.....	62
Fig.46 – Talha, 1994.....	62
Fig.47 – Pai de João Carlos Abreu, 1945.....	76
Fig.48 – Mãe de João Carlos Abreu, 1947.....	76
Fig.49 – João Carlos Abreu, 1947.....	77

Fig.50 – Cartão de Identidade do “Jornal da Madeira”.....	78
Fig.51 – João Carlos Abreu, correspondente do “Jornal da Madeira” no Concílio Vaticano II.....	78
Fig.52 – João Carlos Abreu no Vaticano, 1962.....	78
Fig.53 – Cartão de Identidade de correspondente do “Jornal do Comércio”.....	79
Fig.54 – Cartão de Identidade de correspondente do Jornal “A Capital”, 1971.....	79
Fig.55 – Capa do disco de vinil - restaurante “Romana”.....	80
Fig.56 – Cartão de Identidade da Sociedade Portuguesa de Relações Públicas.....	81
Fig.57 – Quadro pintado por João Carlos Abreu	87
Fig.58 – Cartaz a anunciar “LA NONNA”.....	88
Fig.59 – Vista aérea do “ <i>Universo de Memórias João Carlos Abreu</i> ”.....	90
Fig.60 – Registo de posse (1888) da casa da Calçada do Pico nº2.....	91
Fig.61 – João Remígio com a filha, M ^a Beatriz ao colo, 1927.....	92
Fig.62 – Fachada Oeste – Planta do Existente, 1998.....	93
Fig.63 – Fachada Oeste – 2º e 3º andares e água furtada, 2007.....	93
Fig.64 – Janela de sacada com estores de madeira, década de 80.....	94
Fig.65 – Janela de sacada com <i>tapa-sol</i> de madeira, 2007.....	94
Fig.66 – Janela de sacada com <i>tapa-sol</i> de madeira e <i>lamberquins</i> , 2007.....	94

Fig.67 – «Recuperação de imóvel para adaptação a museu»	95
Fig.68 – Fachada Este – Planta do Existente, 1998.....	97
Fig.69 – <i>Marquise</i> , década de 70.....	97
Fig.70 – “Recepção e Loja de vendas”, 2007.....	97
Fig.71 – Janela da marquise, década de 70.....	98
Fig.72 – Janela da Recepção e Loja de Vendas, 2007.....	98
Fig.73 – Jardim e varanda 1º andar, década de 70.....	98
Fig.74 – Jardim e varanda 1ºandar, 2007.....	98
Fig.75 – Varanda 1º andar, década de 70.....	99
Fig.76 – Varanda 1ºandar, 2007.....	99
Fig.77 – Calçada madeirense e gradeamento da janela do rés-do-chão, 1981.....	99
Fig.78 – Calçada madeirense e gradeamento da janela do rés-do-chão, 2007.....	99
Fig.79 – Jardim, tanque de lavar e pombal, 1980.....	100
Fig.80 – Casa de Chá, 2007.....	100
Fig.81 – Jardim e pombal, década de 80.....	100
Fig.82 – Casa de chá, 2007.....	100
Fig.83 – Jardim – Planta do Existente, 1998.....	100

Fig.84 – Jardim ladeado à esquerda pela Casa de Chá e à direita pelo Auditório, 2007.....	101
Fig.85 – Jardim e pombal, 1981.....	101
Fig.86 – Jardim e Casa de Chá, 2007.....	101
Fig.87 – Corredor Este do jardim e Casinha de Prazer, década de 80.....	102
Fig.88 – Corredor Este do Jardim e Auditório, 2007.....	102
Fig.89 – Jardim e lago encimado por armação em ferro forjado, década de 70.....	102
Fig.90 – Jardim e lago encimado por duas armações em ferro forjado, 2007.....	102
Fig.91 – Lago e jardim, década de 80.....	103
Fig.92 – Lago com estatueta hidráulica em bronze em forma de menino, 2007.....	103
Fig.93 – Fachada Sul – Planta do Existente, 1998.....	103
Fig.94 – Entrada principal, década de 70.....	104
Fig.95 – Entrada principal, 2007.....	104
Fig.96 – Rés-do-chão – Planta do Existente, 1998.....	105
Fig.97 – Rés-do-chão – Planta Alterada, 2001.....	105
Fig.98 – Estatutos do “VOLEI CLUBE DO FUNCHAL”, 1987.....	106
Fig.99 – 1º Andar – Planta do Existente, 1998.....	107
Fig.100 – 1º Andar – Planta Alterada, 2001.....	107

Fig.101 – Entrada principal, década de 70.....	108
Fig.102 – Entrada principal, 2007.....	108
Fig.103 – Patamar, década de 80.....	108
Fig.104 – Patamar, 2007.....	108
Fig.105 – Porta de passagem entre a “Sala de Jantar” e a Marquise, 1990.....	108
Fig.106 – “Sala de Jantar” e “Recepção e Loja de vendas”, 2007.....	108
Fig.107 – Pormenor do chão da “Sala de Jantar”, década de 80.....	109
Fig.108 – Pormenor do chão da “Sala de Jantar”, 2007.....	109
Fig.109 – Pormenor do tecto pintado do patamar, 2007.....	109
Fig.110 – Pormenor do tecto pintado da “Sala das Viagens”, 2007.....	109
Fig.111 – Pormenor do tecto pintado da “Sala Roxa”, 2007.....	109
Fig.112 – «Recuperação de imóvel para adaptação a museu»	110
Fig.113 – 2º Andar – Planta do Existente, 1998.....	111
Fig.114 – 2º Andar – Planta Alterada, 2001.....	111
Fig.115 – “Sala dos Cavalos”, 2007.....	112
Fig.116 – “Sala dos Cavalos” – pormenor do pavimento, 2007.....	112
Fig.117 – «Recuperação de imóvel para adaptação a museu»	113

Fig.118 – Pormenor do tecto do “Oratório”, 2007.....	114
Fig.119 – «Recuperação de imóvel para adaptação a museu»	114
Fig.120 – Água-furtada – Planta do Existente, 1998.....	115
Fig.121 – Água-furtada – Planta Alterada, 2001.....	115
Fig.122 – Página de abertura do <i>site</i> do “ <i>Universo de Memórias</i> ”.....	119
Fig.123– Página de abertura do <i>site</i> do Museu Nacional dos Coches.....	128
Fig.124 – Página de abertura do <i>site</i> do Museu Nacional de Arqueologia.....	129
Fig.125 – Página de abertura do <i>site</i> do Museu Municipal de Coruche.....	130
Fig.126 - João Remígio com a filha M ^a Beatriz ao colo, 1927.....	136
Fig.127 – Vista aérea do “ <i>Universo de Memórias João Carlos Abreu</i> ”	137
Fig.128 – Marquise, década de 70.....	137
Fig.129 – “Recepção” – Gradeamento nos vitrais da porta e janelas, 2007.....	137
Fig.130 – Jardim e varanda do 1 ^o andar com <i>lambrequim</i> , década de 70.....	138
Fig.131 – Jardim e Casa de Chá; varanda fechada sem <i>lambrequim</i> , 2007.....	138
Fig.132 – Entrada principal, década de 70.....	138
Fig.133 – Entrada principal, 2007.....	138
Fig.134 – Jardim e pombal, 1980.....	139

Fig.135 – Casa de Chá, 2007.....	139
Fig.136 – Jardim, pombal e galinheiro, década de 80.....	139
Fig.137 – Porta Oeste da Casa de Chá, 2007.....	139
Fig.138 – Jardim e pombal, 1981.....	140
Fig.139 – Jardim e Casa de Chá, 2007.....	140
Fig.140 – Corredor Norte do jardim, 1981.....	140
Fig.141 – Porta Este da Casa de Chá, 2007.....	140
.	
Fig.142 – Corredor Este do jardim e <i>Casinha de prazer</i> , década de 80.....	141
Fig.143 – Corredor Este do Jardim e Auditório, 2007.....	141
Fig.144 – Jardim e lago encimado por armação em ferro forjado, década de 70.....	141
Fig.145 – Jardim e lago encimado por duas armações em ferro forjado, 2007.....	141
Fig.146 – Lago e jardim, década de 80.....	142
Fig.147 – Lago com <i>estatueta hidráulica</i> em bronze em forma de menino, 2007...	142
Fig.148 – Entrada principal, década de 70.....	142
Fig.149 – Entrada principal, 2007.....	142
Fig.150 – Porta de passagem entre a Sala de Jantar e a Marquise, 1990.....	142
Fig.151 – Porta de passagem entre a “Sala de Jantar” e “Recepção e Loja de vendas”, 2007.....	142

Fig.152 – Fachada Este e parte do jardim.....	143
Fig.153 – Telhado de quatro águas com telha <i>marselha</i> , uma clarabóia, quatro gateira e duas águas furtadas.	144
Fig.154 – – Telhado de quatro águas com telha <i>marselha</i> , uma clarabóia, quatro gateira e duas águas furtadas.	144
Fig.155 – Calçada portuguesa com motivo floreado – basalto, calcário e cantaria vermelha.....	144
Fig.156 – Calçada portuguesa com motivo floreado – basalto, calcário e cantaria vermelha.....	144
Fig.157 – Calçada madeirense – empedrado em calhau rolado preto e branco com desenhos geométricos e flores.....	145
Fig.158 – Calçada madeirense – empedrado em calhau rolado preto e branco com desenhos geométricos e flores.....	145
Fig.159 – Vista aérea da Casa de Chá (à esquerda) e do Auditório (à direita)	145
Fig.160 – Lagoa em <i>fajoco</i> com decorações geométricas.....	146
Fig.161 – Estatueta hidráulica em bronze em forma de menino.....	146
Fig.162 – Avançado com duas janelas e com um <i>janelo</i> de cada lado, em <i>vitral</i> colorido.....	147
Fig.163 – Leão esculpido com elementos vegetalistas.....	147
Fig.164 – Fachada Oeste – Piso térreo, 1º e 2º andares e água furtada.....	148
Fig.165 – Porta de serviço do piso térreo.....	148

Fig.166 – Água-furtada com <i>tapa-sol</i> em madeira e fachada coberta por ripas de madeira dispostas horizontalmente.....	148
Fig.167 – Janela de sacada com <i>lambrequim</i> , <i>lintel</i> curvo, <i>chave</i> e <i>tapa-sol</i> em madeira.....	148
Fig.168 – Portão em ferro forjado verde-escuro com frontão dourado.....	149
Fig.169 – Fachada Este – 1º, 2º piso e água furçada; corpo saliente com 1º, 2º e 3º piso e terraço.....	149
Fig.170 – Terraço – chaminé prismática de base quadrangular com moldura em relevo de cimento de ressaltos, balcão com <i>balaustrada</i>	150
Fig.171 – Marquise – seis janelas e uma porta envidraçadas por vitrais coloridos e gradeadas pelo lado exterior com ferro forjado pintado de preto.....	150
Fig.172 – Escada centralizada em madeira	151
Fig.173 – Hall de entrada com ladrilho no chão e azulejo vidrado no alizar.....	151
Fig.174 – Patamar com duas janelas ao centro e um <i>janelo</i> em cada lateral de vitrais coloridos, com <i>bandeiras</i> curvas e emoldurados em madeira.....	152
Fig.175 – Tecto da “Sala das Viagens”.....	152
Fig.176 – Tecto do Patamar.....	153
Fig.177 – Tecto da “Sala das Roxa”.....	153
Fig.178 – Pavimento da “Sala das Roxa” – Pau-cetim e sucupira.....	153
Fig.179 – Panorâmica do “Oratório”.....	154

Fig.180 – Vitral de Nossa Senhora de Guadalupe	154
Fig.181 – Água-furtada com clarabóia.....	154
Fig.182 – “Saleta” – escada de acesso ao terraço, em madeira pintada de branco; porta em ferro pintado de branco com caixilhos envidraçados.....	155
Fig.183 – Caricatura de João Carlos Abreu, Jorge Rosa, 1988.....	156
Fig.184 – João Carlos Abreu com o pai, jornalista Manuel de Abreu.....	157
Fig.185 – Entrevista com Joaquim Paço D'arcos, romancista e poeta.....	158
Fig.186 – Entrevista com Ferreira de Castro, romancista.....	158
Fig.187 – João Carlos Abreu no Vaticano, 1962.....	158
Fig.188 – João Carlos Abreu em Roma.....	159
Fig.189 – João Carlos Abreu em Roma	160
Fig.190 – João Carlos Abreu na China.....	160
Fig.191 – João Carlos Abreu com um grupo de amigos em frente ao <i>Kremlin</i> de Moscou.....	161
Fig.192 – Óleo sobre tela, João Carlos Abreu – 1997.....	167
Fig.193 – Óleo sobre tela, João Carlos Abreu – 1997.....	167
Fig.194 – Óleo sobre tela, João Carlos Abreu	168
Fig.195 – João Carlos Abreu em audiência com o papa João Paulo II, no Vaticano.	170

Fig.196 – João Carlos Abreu com o príncipe Alberto do Mónaco.....	170
Fig.197 – João Carlos Abreu com a princesa Stéphanie do Mónaco.....	170
Fig.198 – João Carlos Abreu com o príncipe consorte da rainha Isabel II de Inglaterra, Filipe.....	171
Fig.199 – João Carlos Abreu com o cientista português Carvalho Rodrigues, com o astronauta John Glenn e mulher.....	171
Fig.200 – João Carlos Abreu com a fadista Amália Rodrigues e a pintora Maluda..	172
Fig.201 – João Carlos Abreu com o escritor Jorge Amado e sua mulher Zélia Gattai.....	172
Fig.202 – João Carlos Abreu com Vera Lagoa, publicista e jornalista.....	173
Fig.203 – João Carlos Abreu com os poetas Irving Layton (Canadá), Ivan Wernich (Checoslováquia) e Paolo Roffilli (Itália)	173
Fig.204 – João Carlos Abreu com o poeta russo Ievtuchenko.....	174
Fig.205 – Cavalo <i>Appaloosa</i> antes da intervenção artística.....	186
Fig.206 – Planta do Funchal desde a Avenida das comunidades madeirenses até ao “ <i>Universo de Memórias</i> ”.....	187
Fig.207 – Casa de Chá (Interior)	188
Fig.208 – Casa de Chá (pormenor do jardim)	189
Fig.209 – Auditório.....	189
Fig.210 – Auditório em plena conferência.....	190

Fig.211 – Loja de vendas.....	190
Fig.212 – Logótipo da Instituição.....	192
Fig. 213 - Esboço nº 1 da página de abertura do <i>site</i> oficial do “ <i>Universo de Memórias</i> ”.....	197
Fig. 214 - Esboço nº 2 da página de abertura do do <i>site</i> oficial do “ <i>Universo de Memórias</i> ”.....	199

Quadros

Quadro 1 – Análise <i>Swot</i> do <i>Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu</i>	117
Quadro 2 – Planificação da intervenção artística – Projecto <i>Appaloosa</i>	185

2. Índice de apêndices

Entrevista a João Carlos Abreu – “O coleccionismo”	224
Entrevista a João Carlos Abreu – “Referências biográficas”	236

3. Índice de Anexos

Escritura de compra e venda do edifício da Calçada no 2 e 4.....	244
Análise de inquérito de satisfação aos visitantes do “ <i>Universo de Memórias</i> ” em relação a uma das guias de museu.....	248
Estatística anual (2007) do número de visitantes e nacionalidades do “ <i>Universo de Memórias</i> ”	249
Estatística mensal (Abril 2008) do número de visitantes e nacionalidades do “ <i>Universo de Memórias</i> ”	249
Trabalhos elaborados por crianças do 1º Ciclo no âmbito dos Serviços Educativos.	250
Seleção de mensagens deixadas no “Livro de Honra”	253
Seleção de poemas destinados ao <i>site</i>	262
Seleção de fotografias destinados ao <i>site</i>	307

4. Lista de abreviaturas

APOM – Associação Portuguesa de Museologia.

ARPA - Advanced Research Project Agency.

CD ROM - Compact Disc Read Only Memory - Disco Compacto com Memória Somente para Leitura.

CERN – Centre Européen de Recherches Nucléaires - Centro Europeu para Pesquisa Nuclear.

CPU – Central Processing Unit – Unidade Central de Processamento.

Ed. – Edição.

Fig. – Figura.

FTP – File Transfer Protocolo – Protocolo para Transferência de Arquivos. Protocolo.

HTML – Hypertext Markuo Language – Linguagem de Marcação de Hipertexto.

HTTP - Hyper Text Transfer Protocol - Protocolo de Transferência de Hipertexto.

Internet – **I**nterconnected **N**etworks.

ICOM – Conselho Internacional de Museus.

NSF – National Science Foundation.

P. – Página.

PUUG – Portuguese *Unix* Users Group.

Rev. – Revista.

Séc. – Século.

UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Organization) – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

UNIX – Sistema operativo criado pela *Bell Laboratoires*.

URL – Uniform Resource Locator – Localizador de Recurso Uniforme

URSS – União das Republicas Socialistas Soviéticas.

Vol. – Volume.

www – World Wide Web.

Introdução

1. Tema – “Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu – Da Realidade à Virtualidade”

A escolha do tema, levado a efeito nesta dissertação, decorre simultaneamente de motivações pessoais e profissionais. Também a sua pertinência social, no actual contexto cultural da Ilha da Madeira, assume um papel importante na opção tomada.

Com formação académica na área de turismo, a autora tem tido, um percurso profissional privilegiado pela transversalidade de diversos saberes: arte, cultura, turismo e educação que fazem, pois, parte desta abordagem globalizante.

Achamos pertinente desenvolver um trabalho que pudesse não só dignificar, mas também divulgar e tornar reconhecida uma instituição cultural que, sedeadada na ilha da Madeira, transcenderá as fronteiras territoriais ao entrar no mundo virtual da *Internet*.

Factor preponderante na escolha deste tema é o acesso directo às fontes necessárias para a elaboração do estudo bem como o apoio técnico da Direcção de Serviços de Tecnologias e Sistemas de Informação da Secretaria Regional de Educação e Cultura, a quem ficará entregue a elaboração e alojamento do *site* na *Internet*.

2. Delimitação de estudo

A presente dissertação vai trabalhar com a **realidade** da Instituição e, inevitavelmente, com as memórias do doador do espólio do “*Universo de Memórias*”.

A **realidade** deste estudo está directamente ligada a um homem madeirense do séc. XX, às suas vivências e memórias, intrinsecamente ligadas aos quatro cantos do mundo. Estas memórias, materializadas em objectos, farão parte duma **realidade** virtual no mundo da *Internet*.

Assim sendo, poderemos delimitar temporalmente esta dissertação no séc.XX e primeira década do séc. XXI e espacialmente nos quatro continentes visitados por João Carlos Abreu acabando por convergir na Ilha da Madeira, onde está situada a Instituição, testemunho de toda a existência do seu doador.

Este *Mundo*, universo de toda a colectânea de objectos da Instituição, é um mundo real que se transformará em virtual testemunhando e perpetuando as memórias de João Carlos Abreu relacionando-as com a Madeira e com o Mundo.

3. Objectivos e justificativas

A partir de uma Instituição fisicamente real, o *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu*, a dissertação tem por finalidade transformar essa **realidade** física em realidade virtual, dignificando e dando a conhecer de forma amplamente alargada uma instituição pública de cariz cultural onde as memórias de um *ilhéu* são a base de toda a sua existência.

O desafio deste estudo é entender a **realidade** de uma instituição com características tão peculiares. Daí ser imprescindível trabalhar determinados “conceitos chave” de maneira a podermos transpor, com sucesso, a **realidade** para a **virtualidade**.

Assim, trabalharemos com conceitos norteados pela Museologia, Património, Memória, Coleção, *Internet* e **Virtualidade**. Todos estes conceitos terão, naturalmente, por referência o caso do “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*”.

Não é objectivo da dissertação problematizar conceitos, mas clarificá-los de maneira a desmistificar aquilo que realmente é o *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara-Universo de Memórias João Carlos Abreu*. Só depois de feito este trabalho é que poderemos transpor as fronteiras da realidade física da Instituição, com a certeza de atingir o objectivo primordial desta dissertação – a criação de um *site* dinâmico que divulgue, fidelize e aproxime o “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*” do visitante, fazendo verdadeiramente desaparecer todas as barreiras físicas.

Esta dinamização será feita através da criação de exposições temporárias das peças do espólio do “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*” e da interactividade entre o utilizador e a Instituição de maneira a fidelizar um visitante virtual que acabará por se tornar num visitante real da instituição.

4. Definição de termos

No presente estudo serão abordados termos ligados directa e indirectamente ao *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara-Universo de Memórias João Carlos Abreu*, como instituição museológica, património e reabilitação, memória, coleções, *Internet* e virtual.

Os termos "museu" e "instituição museológica" são considerados sinónimos neste trabalho. Referem-se às instituições permanentes sem fins lucrativos, ao serviço do público e a ele acessível, que conservam, estudam e expõem objectos com valor

educacional e cultural. Assim, estes termos referem-se a qualquer instituição que tenha algumas ou todas as características de um museu. Também as seguintes formas de mencionar a Instituição em estudo, serão sinónimas neste trabalho: “*Centro Cívico e Cultural de Santa Clara*”, “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*”, “*Universo de Memórias*”. O termo **virtualidade** será abordado mas, unicamente, sob o ponto de vista das novas tecnologias no contexto da *Internet*.

Na parte do “Desenvolvimento” deste estudo, os termos ligados ao vocabulário arquitectónico e informático apresentar-se-ão em itálico e sublinhados uma vez que a sua significação encontra-se no respectivo “Glossário”.

5. Metodologia de investigação

A sustentabilidade desta dissertação está, como é óbvio, no levantamento de dados e nos diversos métodos e técnicas utilizados. Assim, a pesquisa terá por base a análise da documentação directa, feita essencialmente através de entrevistas, inquéritos e observação *in loco*, e da documentação indirecta no que se refere, quer em fontes primárias (fotografias, imprensa falada, desenhos, pinturas, objectos de arte, fontes da Internet e documentos colhidos em arquivos públicos ou privados), quer em fontes secundárias (livros, periódicos e publicações).

6. Organização do trabalho

Este estudo está organizado em três grandes blocos – Introdução, Desenvolvimento e Conclusão. No primeiro, é apresentada a dissertação, sua importância, objectivos, delimitações, metodologia e organização. O segundo bloco é constituído por dois capítulos: no primeiro, o estudo incidirá sobre os *itens* que constituem a **Realidade** do *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu* – a política de funcionamento da Instituição, a colecção do doador e suas referências biográficas e o espaço físico do Organismo; no segundo capítulo, o nosso trabalho irá recair sobre a componente virtual da Instituição sob o ponto de vista da utilização das novas tecnologias. Primeiramente, serão trabalhadas as definições genéricas de virtual e *Internet*, no que se refere a estes contextos, para, depois, podermos enquadrar essas significações na elaboração dos conteúdos do *site*, a apresentar no ponto quatro, que se constituirão como o natural culminar deste estudo e a

razão que justifica a escolha do tema desta dissertação: O “*Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu, da Realidade à Virtualidade*”. O site poderá ser consultado através do link “<http://cultura.madeira-edu.pt/universodememorias/>”, disponível no CD-ROM que acompanha esta dissertação.

No desenvolvimento desta dissertação tornou-se imprescindível a utilização de duzentas e catorze fotografias que, a nosso ver, tornam este estudo mais consistente e elucidativo.

A Conclusão culmina e encerra os objectivos lógicos, metodológicos e argumentativos apontados na “Introdução” e “Desenvolvimento” deste estudo. Após esta, é apresentada a “Bibliografia citada” e a “Bibliografia de referência” pesquisada, constituídas por todas as fontes bibliográficas que dão sustentabilidade ao desenvolvimento da dissertação.

Existem duas partes do trabalho onde será referido um vocabulário específico - primeiro capítulo - ponto quatro e segundo capítulo, daí a pertinência de elaborarmos um glossário com termos arquitectónicos e um outro com termos informáticos.

Posteriormente aos “Glossários” iremos apresentar os “Créditos fotográficos” e *de imagens* utilizados em todo o estudo.

Os “Apêndices” são constituídos pelas entrevistas, feitas por nós exclusivamente para esta dissertação, a João Carlos Abreu Abreu sob os temas “coleccionismo” e “referências biográficas”

Os “Anexos” são compostos por todos os documentos impressos e manuscritos que auxiliam o processo de compreensão dos propósitos do trabalho. Também aqui, poderão ser encontrados uma selecção de poemas extraídos dos livros de João Carlos Abreu Abreu bem como uma triagem de fotografias deste com figuras públicas. Tanto os poemas como as fotografias, destinam-se a serem colocados posteriormente no site, conforme os destaques do mês ou épocas festivas.

Capítulo I

A Realidade



Fig.1 – Fachada Este e parte do jardim do *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara - Universo de Memórias João Carlos Abreu*

1. Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu

Aberto ao público desde o dia 1 de Setembro de 2003, o *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu*, é uma instituição que conserva, estuda e expõe as colecções, com valor educacional e cultural, doadas por João Carlos Abreu Abreu à Região Autónoma da Madeira. A Instituição está afectada à Direcção Regional dos Assuntos Culturais – Secretaria Regional de Educação e Cultura

A sua designação oficial é “*Centro Cívico e Cultural de Santa Clara*”, porque, para além da colecção visitável², conhecida por “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*”, este organismo público também inclui, um pequeno auditório, uma loja de vendas, uma Casa de Chá e um jardim.

O nosso objectivo, com a realização deste estudo, é dar a conhecer a política de funcionamento da Instituição e também a qualidade técnica no exercício das suas funções. Como referência base tivemos a Lei Quadro dos Museus Portugueses.

1.1. Conceito

O *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara-Universo de Memórias João Carlos Abreu Abreu* é uma instituição de carácter permanente, com personalidade jurídica, sem fins lucrativos ao serviço do público e a ele acessível, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite não só valorizar um conjunto de bens através da investigação, interpretação, conservação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos, mas também facultar o acesso ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.

² Segundo Lei Quadro dos Museus Portugueses, colecção visitável é o conjunto de bens culturais conservados por uma pessoa singular ou colectiva, pública ou privada, exposto publicamente em instalações especialmente afectas a esse fim, mas que não reúna os meios que permitam o pleno desempenho das restantes funções museológicas que a presente lei estabelece para o museu.

1.2. Funções museológicas

1.2.1. Estudo e investigação

Apesar desta Instituição não promover e desenvolver actividades científicas, através do estudo e da investigação dos bens nela incorporados, tem ao longo dos seus 5 anos de existência, efectuado a análise e a investigação do seu espólio.

Sendo a cooperação científica com outros museus inexistente, o mesmo não acontece em relação à cooperação com o ensino e, prova disso, é a elaboração desta dissertação de mestrado cujo material necessário foi facultado pela Instituição, bem como o *site*, elaborado neste trabalho que será o portal oficial da Instituição.

1.2.2. Incorporação

A incorporação corresponde à integração formal de um bem cultural no acervo da instituição museológica, compreendendo várias formas, entre elas a doação. Esta é a única modalidade da política de incorporações de peças existente no *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu*.

1.2.3. Inventário e documentação

Os bens incorporados são objecto de elaboração da correspondente ficha de inventário, no prazo máximo de 30 dias após a sua incorporação. Nesta ficha (fig.2), estandardizada pela Direcção Regional dos Assuntos Culturais, constam os seguintes elementos: número de inventário, assunto, objecto, matéria, dimensões, autor, época, proveniência, data da incorporação, conservação, colocação e observações. Ao centro, existe um espaço destinado ao registo fotográfico da peça.



Após o preenchimento manual da referida ficha, é feito o registo fotográfico da peça, o preenchimento em suporte informático (fig.3) – *fileMaker* e, finalmente, é colocada a etiqueta na peça com respectivo número de inventário. Seguidamente, a peça é colocada na exposição permanente ou, nas reservas da Instituição.

O inventário informatizado é, regularmente, objecto de cópias de segurança conservadas na Instituição, de forma a garantir a integridade e a inviolabilidade da informação.

Neste processo deparamo-nos com uma lacuna – a inexistência do livro de tomo, que deveria registar, de maneira sequencial, as peças incorporadas, devidamente rubricado pelo responsável da Instituição.

N.º INV. 220
N.º CAD. 220 a)

ASSUNTO Grécia
OBJECTO Conjunto chávena e pires
MATÉRIA Porcelana
DIMENSÕES Chávena: Alt. 6,7 cm Pires 10,3 cm
AUTOR Glovia
EPOCA Sé. XIX
PROVENIÊNCIA Bavária
DATA DA INCORPORAÇÃO Julho 2002
CONSERVAÇÃO basea no cimo da chávena.
COLOCAÇÃO Sala 100a



OBSERVAÇÕES Decorada e/ figuras humanas. Tem
marca "Glovia" Bavária.
o pires tem o n.º 220 a)

Fig. 2
Ficha de inventário utilizada para registo em papel das peças incorporadas

The screenshot shows a FileMaker Pro window titled 'FileMaker Pro - [Inventário 1 a 4033]'. The menu bar includes File, Edit, View, Insert, Format, Records, Scripts, Window, and Help. The toolbar contains various icons for file operations and editing. The main window displays a form with the following fields and sections:

- Instituição:** Universo de Memórias de João Carlos de Abreu
- N.º Inventário:** 32
- N.º de Cat:** (empty)
- Super Categoria:** Artes decorativas
- Categoria:** Ourivesaria
- Denominação:** Bule
- Outras denominações:** (empty)
- Materiais:** Prata
- Dimensões:**
 - Altura: 22 cm
 - Comprimento: (empty)
 - Largura: 23 cm
 - Profundidade: (empty)
 - Dímetro: (empty)
 - Outras dimensões: Base 10 cm
 - Peso: (empty)
- Estado de Conservação:**
 - Muito bom
 - Deficiente
 - Bom
 - Mau
 - Regular
- Intervenção de conservação:**
 - Identificação do processo: (empty)
 - Executada por: (empty)
 - Data: (empty)
- Imagem do Objecto:** (Image of a silver teapot)
- Datção:**
 - Século XX: (empty)
 - Provinência: Inglaterra (Reino Unido)
 - Autor/Produção: (empty)
 - Título: (empty)
 - Estilo: (empty)
- Data da incorporação:** Julho de 2002
- Sala da localização:** Sala de Jantar
- Descrição:** Bule de prata gomada. Na pega tem duas argolas em marfim. A pega e o bico do bule com decoração vegetalista.
- Observações:** Faz conjunto com as peças das fichas n.º 33 e n.º 34.

Fig. 3
Ficha de inventário utilizada para registo em suporte informático das peças

1.2.4. Conservação

A Instituição desenvolve algumas medidas preventivas, necessárias à conservação dos bens nela incorporados e que obedecem a determinadas normas e procedimentos. Nem todos os procedimentos, no entanto, são cumpridos. Tal é o caso da monitorização regular, a nível da iluminação e teor de ultravioletas, da temperatura e da humidade relativa.

No que concerne às reservas, estas não possuem áreas individualizadas e estruturalmente adequadas.

As intervenções de conservação e restauro são feitas por técnicos, de qualificação legalmente reconhecida, especialmente contratados para o efeito.

1.2.5. Segurança

A Instituição possui meios mecânicos e físicos que garantem a prevenção, a protecção física, a vigilância, a detecção e o alarme. Dispõe de vigilância presencial,

através de um vigilante recepcionista e de câmaras de vigilância, devidamente anunciadas na entrada principal. Dispõe ainda de alarmes contra incêndio e intrusão e de um serviço de rondas feito por uma empresa privada de segurança, contratada para o efeito. Essas rondas, efectuadas nos períodos em que a casa está desocupada, são feitas diariamente, em horário aleatório, ao exterior e ao interior do edifício.

Quanto ao acesso, a Instituição pode impedir as entradas por motivos de segurança, no caso dos visitantes se recusarem a depositar, nos armários individuais, os equipamentos de registo de imagem e malas ou objectos de grandes dimensões.

1.2.6. Interpretação e exposição

A interpretação dos bens culturais expostos é feita, presencialmente, por guias devidamente credenciadas para o efeito. A divulgação é realizada através de roteiros turísticos, suportes tecnológicos de comunicação e informação, como a *Internet* e, a partir do dia 5 de Dezembro de 2008 através do *site* oficial da Instituição: “<http://cultura.madeira-edu.pt/universodememorias/>”.

A Instituição optou pelas visitas serem unicamente guiadas, uma vez que o espólio representa as memórias do seu doador e as peças estão associadas a histórias e vivências que são transmitidas pelos guias. Para o público em geral, as visitas são genéricas, para públicos específicos, como escolas e associações, as visitas são de carácter temático. Estas últimas têm por objectivo dar a conhecer determinada colecção, mas também é uma forma de fidelizar o visitante, incentivando-o a visitar mais vezes o “Universo de Memórias” para conhecer a colecção na sua totalidade.

Apesar da Instituição estabelecer parcerias com determinadas agências de viagens, devido à peculiaridade do seu espólio e ao espaço exíguo de determinadas divisões da casa, não está preparada para receber de uma só vez mais de 30 visitantes.

A Instituição também dispõe de um plano anual de exposições que contempla exposições permanentes, temporárias e itinerantes.

As reproduções e a actividade comercial são feitas dentro dos parâmetros exigidos pela lei, ou seja, a Instituição garante a qualidade, a fidelidade e os propósitos científicos e educativos das respectivas publicações, bem como as réplicas de objectos, sem prejuízo dos direitos de autor.

1.2.7. Educação

A Instituição promove a função educativa potenciando a construção de conhecimentos, despertando aptidões naturais, informando e interagindo com todas as faixas etárias e culturais.

Possui programas específicos para os diferentes níveis de ensino, programando as visitas de acordo com os programas escolares em vigor. As actividades³ concebidas, segundo premissas transdisciplinares, procuram desenvolver a relação do indivíduo com o espaço através da descoberta, da aprendizagem e da memorização.

1.3. Recursos humanos e financeiros

É na área dos recursos humanos que este organismo público mais difere de um museu, porque, apesar de possuir pessoal devidamente habilitado, a formação profissional na área de museologia é quase nula. Por ser considerado centro cívico e cultural, a Instituição fica sempre aquém de toda a programação regional ao nível de acções de formação no âmbito da museologia.

Quanto aos recursos financeiros, a Instituição possui um orçamento próprio definido pela Direcção Regional dos Assuntos Culturais adequados à sua vocação, tipo e dimensão. Mas, devido à conjuntura económica do país, este orçamento anual fica muito aquém das reais necessidades da Instituição.

1.4. Instalações

As instalações não foram feitas de raiz para acolher uma colecção visitável mas adaptadas⁴, já que durante mais de 100 anos serviu de morada familiar.

Assim, este organismo público dispõe de espaços de: acolhimento, exposição, reservas, serviços técnicos e administrativos. Possui igualmente uma biblioteca, uma loja de vendas e uma Casa de Chá.

³ Ver Segundo Capítulo – 5.7.1. e “Anexos” – «Trabalhos elaborados por crianças do 1º Ciclo no âmbito dos Serviços Educativos».

⁴ Essas adaptações podem ser vistas no ponto nº 4 deste capítulo – «Património e Reabilitação».

1.5. Estrutura orgânica

Por ser considerado centro cívico e cultural, este organismo público, com personalidade jurídica própria, não possui o regulamento exigido por lei aos museus portugueses. Este regulamento explicita os seguintes itens em relação ao museu: vocação, enquadramento orgânico, funções museológicas, horário, regime de acesso público e os recursos humanos e financeiro.

1.6. Acesso ao Público

A Instituição garante o acesso e a visita pública regular.

O horário de abertura, afixado no exterior da Instituição, foi estudado de acordo com as necessidades das várias categorias de visitantes. Após várias tentativas, a Instituição chegou à conclusão que o presente horário⁵ era o que melhor servia os seus visitantes.

Os custos de ingresso são diferenciados e mais favoráveis em relação aos jovens, idosos, estudantes e grupos. Também a gratuidade é oferecida a determinadas grupos como professores a exercer funções na Região Autónoma da Madeira, portadores de cartão ICOM⁶ e APOM⁷ e crianças até aos 14 anos. O valor do ingresso deveria ser fixado anualmente pela Instituição, o que não acontece desde a sua abertura ao público. A Instituição faculta dois dias por ano de ingresso gratuito (o “Dia Internacional dos Museus” – 18 de Maio e o dia do aniversário da sua abertura ao público – 1 de Setembro).

O registo dos visitantes é feito, diariamente, em impresso próprio, pelo funcionário da bilheteira. Este sistema proporciona um conhecimento rigoroso dos públicos da Instituição. No fim do mês, os registos são inseridos em suporte informático e enviados para a Direcção Regional dos Assuntos Culturais⁸.

⁵ Horário:
Terça a Sábado: 10:00 Horas – 17:00 Horas
Encerrado aos Domingos, Segundas-feiras e Feriados.

⁶ ICOM – International Council of Museums.

⁷ APOM – Associação Portuguesa de Museologia

⁸ Ver “Anexos” – «Estatística mensal (Abril 2008) do número de visitantes e nacionalidades do “Universo de Memórias”».

Quanto à satisfação do visitante são feitos, anualmente, inquéritos aos utentes de maneira a melhorar a qualidade dos serviços da Instituição e atender às necessidades dos visitantes. Os funcionários, cujas funções estão directamente ligadas ao público são alvo de cinquenta inquéritos anuais, feitos de forma aleatória aos visitantes. O apuramento qualitativo, desse universo estatístico, reflecte-se na avaliação de desempenho de cada funcionário⁹. Ainda no campo de satisfação do visitante, a Instituição dispõe não só de um Livro de Reclamações, anunciado de forma visível, como prevê a Lei, mas também de um Livro de Honra¹⁰.

No que concerne ao apoio a pessoas com necessidades especiais, a Instituição não possui acessos adequados para pessoas portadoras de deficiência motora. Isto justifica-se pelo facto do imóvel ter estruturas com mais de 100 anos e de ser muito difícil alterá-las ou mesmo adaptá-las. Por outro lado, a Instituição proporciona um apoio específico aos portadores de outras necessidades que não as motoras através de visitas guiadas adaptadas a cada caso.

1.7. Criação da Instituição

Segundo a Lei Quadro dos Museus Portugueses, a criação de uma instituição museológica deve ser consumada através de um documento em que a entidade proponente expresse formalmente a intenção de formar um organismo público, definindo o respectivo estatuto jurídico e comprometendo-se a executar um programa, bem como a disponibilizar os recursos humanos e financeiros para assegurar a respectiva sustentabilidade.

O programa a efectuar deve integrar os seguintes itens:

- a) A denominação para a instituição;
- b) A definição dos objectivos;
- c) A identificação e a caracterização dos bens culturais existentes ou a incorporação em função da sua incidência disciplinar e temática;
- d) A formulação das estratégias funcionais, designadamente nos domínios do estudo e investigação, incorporação, documentação, conservação, exposição e educação;
- e) A identificação dos públicos;

⁹ Ver “Anexos” – «Análise de inquérito de satisfação aos visitantes do “Universo de Memórias” em relação a uma das guias de museu».

¹⁰ Ver “Anexos” – «Seleção de mensagens deixadas no “Livro de Honra”».

- f) A indicação das instalações e a afectação a áreas funcionais;
- g) As condições de conservação e segurança;
- h) Recursos financeiros;
- i) A previsão do pessoal e perfis profissionais correspondentes.

Durante a pesquisa, levada a efeito para este trabalho, não tivemos conhecimento da elaboração de algum documento do género para *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara-Universo de Memórias João Carlos Abreu*

Considerações finais

Com este estudo ficámos mais cientes da política de funcionamento do *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara-Universo de Memórias João Carlos Abreu* bem como da qualidade técnica do desempenho das suas funções. E, apesar desta instituição se assumir legalmente como centro cívico e cultural, a questão é que, a quase totalidade do público que a visita reconhece-a como museu. Também nos roteiros turísticos da Região e no *site* oficial da Direcção Regional dos Assuntos Culturais, a Instituição está inserida na área destinada aos Museus. Este reconhecimento não é assim tão desapropriado, isto porque o pedido de credenciação¹¹ de um museu depende do prosseguimento das suas funções, da qualidade dos recursos humanos, financeiros e das instalações, bem como do seu acesso ao público. Em resumo, depende daquilo que foi abordado entre o ponto 2.2 e 2.7 e que, como verificámos, é cumprido quase na íntegra.

O reconhecimento desta instituição como museu permitir-lhe-ia beneficiar de programas criados pelo Instituto Português de Museus, de apoios financeiros atribuídos pela administração central do Estado bem como de programas de qualificação específicos. O perigo de uma possível credenciação residiria no facto de poder haver alterações naquilo que de mais genuíno tem esta Instituição – as *memórias*¹² do seu doador.

¹¹ A credenciação de um museu consiste na avaliação e no reconhecimento oficial da sua qualidade técnica. Este reconhecimento tem como objectivos promover o acesso à cultura e ao enriquecimento do património cultural através da introdução de padrões de rigor e de qualidade. O processo de credenciação obedece ao preenchimento de um formulário aprovado por despacho normativo do Ministro da Cultura, após o qual passa por várias fases.

¹² Neste contexto a palavra “memórias” está associada às colecções, à forma como foram organizadas de acordo com as memórias e a subjectividade do doador e à maneira como estas estão expostas.

2. Colecção

“Entre o coleccionador e o objecto, tem de haver empatia. Quando se colecciona por encomenda as peças valem pelo dinheiro e não pelas vivências, não pelas histórias que contam.”

João Carlos Abreu Abreu, 25 de Janeiro de 2008

Poderemos definir colecção¹³ como um conjunto de objectos que têm relação entre si ou que são da mesma natureza. Estes objectos, mantidos fora do circuito das actividades económicas, são sujeitos a uma protecção especial da parte do coleccionador. Não vamos estipular o número de objectos necessários para que uma colecção seja considerada como tal.

“Porque, em geral, o número de objectos que formam a colecção depende do local em que se acumulam, do estado da sociedade, das suas técnicas e do modo de vida, da sua capacidade de produzir e acumular o excedente, (...) Este número é, portanto, necessariamente muito variável no tempo e no espaço e só excepcionalmente pode servir para distinguir uma colecção de um conjunto de objectos que não o é.” (Krzysztof 1984:66-67)

Vamos, de seguida, fazer uma análise acerca da colecção de João Carlos Abreu, tentando definir que tipo de colecção se encontra exposta no “*Universo de Memórias*”, que tipo de coleccionador é João Carlos Abreu Abreu, que motivação o leva a coleccionar durante quase 60 anos e a razão pela qual doou à Região Autónoma da Madeira todo o seu acervo em 2002.

Para podermos atingir os objectivos aqui propostos, partimos de uma entrevista feita ao coleccionador, no dia 25 de Janeiro de 2008¹⁴. Foi uma entrevista deveras interessante que nos revelou pormenores cruciais para o desenvolvimento deste estudo.

¹³ A palavra *colecção* deriva do latim *collectio* que significa, num sentido mais lato, juntar, recolher e reunião.

¹⁴ A entrevista pode ser lida, na íntegra nos Apêndices.

2.1.A Colecção de João Carlos Abreu

“Este é um “universo de memórias” que fui construindo conscientemente durante cinquenta anos, sem qualquer objectivo que não fosse o de me rodear de objectos e livros que me acompanhassem num percurso de vida que nunca imaginei tão longo.

Estes objectos, comprei-os durante uma vida com os meus salários e valem pelas histórias e pelos anos da sua vivência. Muitos deles, ligados ao meu percurso de quarenta anos ao serviço do Turismo, sempre numa envolvimento de pessoas e países que muito me enriqueceram.”

Funchal, 1 de Setembro de 2003

João Carlos Abreu Nunes Abreu

A colecção de João Carlos Abreu, hoje pertença da Região Autónoma da Madeira, é uma colecção que difere das demais pela conjugação de quatro aspectos heterogéneos relacionados com os objectos do seu acervo – a origem, a qualidade, a quantidade e a antiguidade.

A origem, porque grande parte das peças foi adquirida durante viagens e, sabendo que já visitou cerca de 60 países, não é difícil contabilizar a variedade de proveniências. A qualidade, na medida em que existem peças muito boas, certificadas por antiquários qualificados e peças de boa e menos boa qualidade. A quantidade porque considerámos 14000, um número bastante significativo, e a antiguidade uma vez que a peça mais antiga está atribuída ao século XI e a mais recente a 2007. De referir que João Carlos Abreu Abreu continua a doar as peças que adquire ao “*Universo de Memórias*”.

Esta variedade de vivências materializadas, fragmentadas e acumuladas, dá-nos a conhecer a visão de um madeirense que, sendo cidadão do mundo, mantém bem fortes as suas raízes à terra que o viu nascer.

Aos 15 anos, João Carlos Abreu adquire as suas primeiras peças – duas cadeiras pequenas, em palhinha, que lhe custaram, cada uma, vinte escudos. O seu interesse por móveis começou em 1945, aquando duma viagem que fez de quatro dias, no percurso Funchal-Lisboa, a bordo do navio “Serpa Pinto”:

“A guerra tinha terminado e as gibraltinas regressavam a casa. Durante esses dias tive a oportunidade de ouvir as conversas dos adultos. Uma senhora idosa

explicou-me o que eram os estilos dos móveis mostrando-me um álbum escrito em inglês. Nasceu assim, o meu entusiasmo por tantas coisas até aí desconhecidas. Mais tarde, quando tinha 15 anos, comprei um livro que melhor me elucidou acerca dos diferentes estilos.”

Hoje, com 72 anos, João Carlos Abreu continua a coleccionar e, acerca disso, é o próprio que afirma que:

“Coleccionar é uma espécie de vício que se adquire e dificilmente se consegue parar, (...) Há quem beba, fume, há quem seja viciado no jogo e eu colecciono objectos que me dão prazer. (...) Fazem-me companhia e reviver as coisas que passei.”

Esta é, pois, uma colecção muito *sui generis* constituída por várias colecções. Todos os objectos têm em comum o facto de pertencerem às vivências de um só coleccionador e, portanto, serem uma prova viva das suas memórias ... das suas viagens de trabalho e lazer, da sua estada em Roma como estudante e jornalista, da sua breve passagem por Inglaterra e Suíça como estagiário na área hoteleira, dos 50 anos ligados ao turismo e à cultura e, obviamente, de todo o rede de amizades e relações sociais que com o tempo foi tecendo em seu redor. Grande parte das peças foram compradas em feiras de antiguidades, principalmente na feira de “San Telmo” em Buenos Aires, na “Porta Portese” em Roma, no “Mercado das Pulgas” em Paris e na feira de “Porto Belo” em Londres.

Constituído por 36 colecções¹⁵, este acervo encontra-se, actualmente, todo inventariado, fotografado e inserido numa base de dados *fileMaker*. No entanto, existem dados de determinados objectos que são imprecisos. Aqui, temos de ter em conta que João Carlos Abreu colecciona por prazer, nunca pensou doar o seu acervo, daí não ter tido a preocupação de fazer o registo dos objectos que ia comprando.

Passamos de seguida a enumerar, por ordem alfabética, as colecções de João Carlos Abreu, tentando descrever sucintamente cada uma delas.

¹⁵ Optamos por dividir os objectos por género, tal como estão no “*Universo de Memórias*”. Também poderíamos ter classificado os objectos por países de origem, mas para além de se tornar uma sistematização muito extensa, não estaria de acordo com a maneira como estão expostos ao público.

1. 11 Açucareiros

Os açucareiros, em prata e casquinha, são maioritariamente portugueses e ingleses do século XIX.



Fig. 4
Açucareiro
Prata cinzelada
?, séc. XIX
9,5 x 12 cm
Inv. 786

2. 28 Bengalas

As bengalas, dos séculos XIX e XX, cujo material varia entre o marfim, madeira, prata, casquinha e o metal, são de África, Espanha, Índia, Itália e Portugal.



Fig.5
Bengala com cabeça de cavalo
Prata cinzelada
Portugal
Séc. XX
89 cm
Inv 292

3. 11 Budas

Os Budas são maioritariamente da Tailândia e datam do século XX. São em madeira, bronze e porcelana, adornados com pedras semipreciosas e vidrilhos.



Fig. 6
Buda
Madeira cromada com
incrustações de pedras
semipreciosas e vidrilhos
Tailândia, séc. XX
1,52 m

4. 65 Bules e cafeteiras

Os bules e cafeteiras, em prata, casquinha e porcelana, são originários de Inglaterra, Suíça e Portugal, do séculos XIX e XX.



Fig. 7
Bule
Prata cinzelada e marfim
Inglaterra, séc. XIX
18,5x25,5x12,5 cm
Inv. 38

5. 12 Cachimbos

Os cachimbos de marfim, metal, madeira, cerâmica e pele têm proveniência em países como África, China e Turquia e datam dos séculos XIX e XX.



Fig. 8
Cachimbo com cavalos esculpidos
Marfim
Turquia, séc. XIX
4,5x7,5cm
Inv. 3880

6. 179 Caixinhas de comprimidos e de rapé

Datadas dos séculos XIX e XX, estas miniaturas têm por base o ouro, a prata, o metal e a porcelana, maioritariamente adornadas, quer por pinturas ou gravuras, quer por incrustações de pedras semipreciosas ou vidrilhos.



Fig. 9
Caixinha para comprimidos
Prata com medalhão pintado
?, séc. XX
4,3x3,1cm
Inv. 1164

7. 51 Candelabros

Em prata, casquinha, bronze, cristal, ferro, madeira, metal e porcelana, os candelabros mais antigos datam do século XVII. Grande parte dos exemplares é de origem europeia.



Fig. 10
Lampadário com reflector
Prata
Itália, séc. XIX
72,8 x ø 21cm
Inv. 74

8. 600 Cavalos

Apesar de não ser a colecção com mais exemplares é, com certeza, aquela que desde sempre cativou o seu coleccionador: *“Desde pequeno que compro cavalos. O cavalo fascina-me porque tanto tem de guerreiro quanto de dócil, bonito e inteligente.”*.

É uma colecção extremamente heterogénea, uma vez que encontramos cavalos de cerca de 100 países, dos materiais mais variáveis, e de uma antiguidade que vai desde o século XV ao século XXI. O cavalo mais antigo do acervo, é atribuído à Dinastia Ming, século XV.

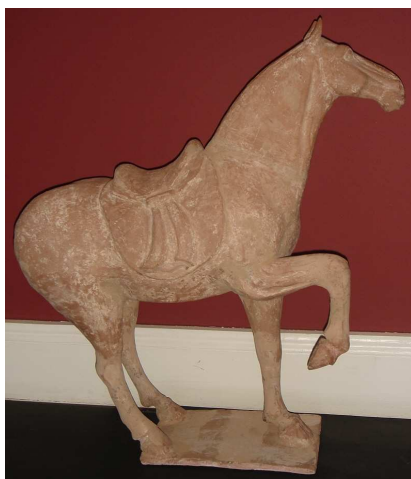


Fig. 11
Cavalo
Terracota
China, atribuído à Dinastia
Ming, séc. XV
61 x 54 cm
Inv. 1715

9. 24 Chapéus

João Carlos Abreu adquiriu, na década de 80, dois chapéus, um no Nepal, em tecido bordado e em prata batida com moedas a adornar, e um outro na Turquia, com uma cauda bordada, destinado às noivas locais. Em 2004, já depois de aberto ao público o “*Universo de Memórias*”, o colecionador recebeu de uma amiga alemã 20 chapéus dos anos 20 e 30, que de imediato doou à Região. Em Abril de 2008, aquando da sua viagem ao Peru e à Colômbia, adquiriu e doou à Instituição, mais dois chapéus.



Fig. 12
Chapéu
Tecido, Prata e vidrilhos
Nepal, séc. XX
52 x ø16 cm
Inv. 805

10. 130 Colheres de chá

A maior parte das colheres são em prata com o símbolo do país de origem no topo. Encontram-se expostas e emolduradas na Casa de Chá do “*Universo de Memória*”s.



Fig. 13
Colecção de colheres emolduradas
Ouro, prata, estanho, metal e porcelana
Vários países, séc. XX
65 x 131cm (moldura)
Inv. 3899 a 4028

11. 4 Crucifixos

Apesar de ser a colecção com menor número de objectos, é uma das mais representativas devido à qualidade e antiguidade dos exemplares. Aqui, encontramos a peça mais antiga das colecções de João Carlos Abreu. Trata-se de um crucifixo de origem bizantina, datado do século XI e adquirido na URSS. Por causa desta peça João Carlos Abreu ficou retido no aeroporto e ficou sob interrogatório durante cerca de duas horas. Trazia consigo 2 crucifixos que, só acabaram por sair daquele país porque o coleccionador alegou terem sido oferecidos por um amigo seu.



Fig. 14
Cristo Crucificado
Madeira, talha dourada e
prata
Portugal, séc. XVIII
134 x 61 cm
Inv. 2757



Fig. 15
Crucifixo Ortodoxo
Bronze
URSS
Atribuído ao séc. XI
23x11,5cm
Inv. 1049

12. 1000 Gravatas

Esta é a segunda maior colecção de João Carlos Abreu, é o “símbolo” do “*Universo de Memórias*”. Encontramos gravatas em seda, penas e madeira, grande parte assinadas pelos grandes costureiros europeus e americanos do século XX e XXI.



Fig. 16
Panorâmica da “Sala das Gravatas”

13. 170 Esculturas

Esta colecção é constituída por 126 esculturas de cariz profano e 44 de cariz religioso. Em madeira, porcelana, barro, terracota e bronze, estes exemplares são oriundos dos quatro cantos do mundo. A maioria é do século XX, encontrando-se ainda exemplares do séculos XVII e XVIII.



Fig. 17
Cabeças
Bronze
Lagoa Henriques
Portugal, séc. XX (segunda metade)
43 x 33 cm
Inv. 145

14. 58 Garrafas

São garrafas em cristal e vidro adornados a prata, madeira ou pintadas à mão. Grande parte da coleção é originária dos séculos XIX e XX e de cidades europeias como Lisboa, Londres e Veneza.



Fig. 18
Garrafa
Cristal de Murano pintado
Veneza, Itália, séc. XX
37,5x ø 9,5cm
Inv. 2785

15. 14 Incenseiros

Do século XX, oriundos de Portugal, Espanha, Itália e Turquia. Apresentam-se em prata, casquinha e metal.



Fig. 19
Naveta
Metal dourado cinzelado
Portugal, séc. XX
17,5x 21cm
Inv. 2193

16. 14 Instrumentos musicais

Em madeira, latão e casca de coco simples, com embutidos ou pintados, encontramos no “*Universo de Memórias*” violas, guitarras, braguinhas, trombones, cornetas e cítaras. São oriundos da Ásia, Áustria, Brasil, Itália e Portugal.



Fig. 20
Cítara
Madeira e metal
Áustria, séc. XX
30 cm x 25cm x60 cm
Inv.

17. 470 Jóias

Esta coleção contém 365 peças de ourivesaria e 105 jóias de cena. Inclui colares, anéis, alfinetes de peito, cruzes, tearas e pulseiras em prata e ouro. As jóias de cena constituem, segundo o colecionador, “(...) o *testemunho de uma grande sensibilidade de artesãos que tão hábil e minuciosamente constroem autenticas maravilhas.*”

Neste conjunto encontra-se um exemplar da Costa do marfim, em ferro batido, atribuído à Idade Média Tardia (séculos XIV-XV).

A maioria destas peças data dos séculos XIX e XX são oriundas de vários países da África, América, Ásia e Europa. Nesta coleção o destaque vai para as 26 cruzes, em ourivesaria e/ou fantasia, que primam pela diversidade de cores,

tamanhos e brilho. Distinguimos igualmente as 57 borboletas em filigrana portuguesa em ouro e prata.



Fig. 21
Crucifixo articulado
Ouro, prata, brilhantes e safiras
China, séc. XX
11,3 x 8,5 cm
Inv. 3498



Fig. 22
Colar
Ferro
Costa do Marfim, atribuído à Idade Média Tardia (séc. XIV-XV)
32 x 20,5 cm
Inv. 1091



Fig. 23
Colar com pingente
Prata e âmbar
Polónia, séc. XX
65 cm, ø 5,8 cm
Inv. 1965

18. 20 Ícones

Coleccionar ícones demonstra o respeito e admiração, de um católico como João Carlos Abreu, pela arte sacra da Igreja Ortodoxa. São ícones maioritariamente russos, embora possamos encontrar exemplares gregos e polacos. Grande parte dos ícones originários da antiga URSS saíram do país clandestinamente, “*por debaixo do casaco*”, como afirma o colecionador. As datas da proveniência dos exemplares são muito imprecisas, mas, segundo alguns especialistas, a maioria são do século XIX e XX, havendo pelo menos um exemplar do século XVII e outro do século XVIII.



Fig. 24
Ícone de Nossa Senhora de Jerusalém
Óleo sobre madeira coberta por folha de prata cinzelada, com exceção para os rostos e mãos
URSS,?
22x17,8cm
Inv.1388

19. 5 Leques

É uma colecção diversificada no tempo, no espaço e na forma. Datados dos séculos XIX e XX, podemos encontrar um exemplar por país – Espanha, Itália, França, China e Japão. São em seda, papel de arroz e tecido, com armação em madeira, marfim e polipropileno. A maior parte deles são adornados com pinturas manuais.



Fig. 25
Leque
Tecido pintado com armação em polipropileno
Japão, séc. XX
22x17,8cm
Inv.3549

20. 10 000 Livros

Esta é a coleção mais extensa e é também aquela que nunca deixou de exercer a função para a qual foi criada – a leitura e/ou consulta. Não é uma coleção que prime pela qualidade das encadernações, embora existam determinadas enciclopédias encadernadas em pele com inscrições a ouro, mas pela diversidade de assuntos. Está catalogada segundo a “Classificação Decimal Universal” e os seus dados estão inseridos numa base de dados informática criada para esse efeito pelo técnico do “*Universo de Memórias*” encarregue desse serviço.



Fig. 26
Panorâmica da Biblioteca

21. 12 Máquinas de escrever

Estas máquinas de escrever foram oferecidas a João Carlos Abreu pelos familiares do Professor Mário Sobrinho. Mesmo não sendo adquiridas pelo próprio colecionador evocam os seus tempos de jornalista e, portanto, não deixam de ser marcos da sua memória.



Fig. 27
Máquina de escrever “66 Imperial 66”
Metal, borracha e polipropileno
Inglaterra, séc. XX
28,5x45cm
Inv.929

22. 101 Marionetas do teatro de sombras da Indonésia

As personagens incluem reis, princesas, gigantes, deuses, demónios e cidadãos, que se distinguem através das feições e das cores. Apresentam-se em pele, madeira policromada e tecido. A marioneta mais antiga data de 1910, é de Bali, feita em pele recortada e pintada. As restantes, de Bali e Java são dos anos 50 do século XX.



Fig.28
3 Marionetas do teatro de sombras da Indonésia
Madeira, pele e tecido
Indonésia, anos 50, séc. XX
Inv. 4038, 4039 e 4040

23. 41 Máscaras

As máscaras são todas do século XX, provenientes de Veneza, de vários países de África, da China, da Indonésia, da Índia e do Sri Lanka.



Fig. 29
Máscaras – As Quatro Estações
Porcelana policromada
Veneza, Itália, séc. XX
34,5 cm, 28,5 cm, 33 cm, 33 cm
Inv. 550, 551, 552 e 553

24. 248 Móveis

“(...) Durante algum tempo tinha na ideia abrir um antiquário, o problema foi vender as peças... gostava de tudo!”

Encontramos nesta colecção peças de mobiliário que vão desde o século XVII à actualidade. São provenientes da China, Índia, Portugal, Espanha, França, Itália e Inglaterra.



Fig. 30
Canapé
Madeira e veludo
Chippendale (1740 – 1760)
Inglaterra, séc. XVIII
108,5 x 36 x 183 cm
Inv. 181

25. 6 Ovos de avestruz

Pintados manualmente ou decorados com técnicas apropriadas, o ovo mais antigo é chinês e data de meados do século XIX, os restantes são do século XX, da África do Sul e Marrocos.



Fig. 31
Ovo de Avestruz
Ovo de avestruz pintado a ouro
China, séc. XIX
ø 28,9 cm
Inv. 270

26. 55 Pastores Napolitanos

Em terracota e tecido, o pastor mais antigo data do século XVII, os restantes são do século XX. De referir que, sempre que João Carlos Abreu vai a Nápoles, adquire um pastor. São todos feitos pelo mesmo artesão, estão devidamente

assinados, e têm a característica de terem todos as mesmas feições mas com expressões faciais diferentes.



Fig. 32
Pastor
Terracota, tecido, cordel e madeira
V. Viladin
Nápoles, Itália, séc. XX
22 cm
Inv.1829

27. 177 Patos

São 177 patos, em barro, cobre, madeira, metal, porcelana e vidro. Encontram-se numa vitrine da Casa de Chá do “*Universo de Memórias*”. São do século XX e provêm dos quatro continentes visitados por João Carlos Abreu.



Fig. 33
Pato
Porcelana pintada
?, séc. XX
12 x 17 cm
Inv.2808

28. 7 Peças de estampar tecidos

Existem 6 peças em bloco, com baixos-relevos, da América Latina, Nepal e Tibete e 1 rolo de estampagem com alto-relevo de cobre, originário da China. São todas de meados do século XX.



Fig. 34
Rolo de estampagem
Madeira e alto-relevo em
metal
China, séc. ?
60,50 x ø 11 cm
Inv.2679

29. 13 Pentes

Os pentes espanhóis e portugueses destinavam-se ao adorno de cabelos, os pentes de origem africana para penteá-los. São em madeira, marfim, metal e prata e datam do séculos XIX e XX.



Fig. 35
Pente
Cabo de marfim e dentes de madeira
Bamileke Ama, África,
Séc. XIX/XX
19,8 x 6,5 cm
Inv. 1342

30. 897 Porcelanas

As porcelanas (chávenas, pratos, jarrões, urnas, potes, ...) constituem a terceira maior colecção de João Carlos Abreu. São oriundas de todos os países europeus, e, também, da China, da Índia, do Japão, da América e da África. A peça mais

antiga é um prato branco e azul atribuído à dinastia Ming, reinado Shenghna (1464 -1487). De grande importância são também duas urnas de Sèvres e uma coleção de pratos da Companhia das Índias.



Fig. 36
Prato
Porcelana pintada
China, atribuído à Dinastia
Ming, Reinado Chenghua
(1465 – 1487)
ø 28,9 cm
Inv. 105



Fig. 37
Par de Urnas de Sèvres
Porcelana pintada e
bronze
Sèvres, França, séc. XIX
49,5 cm
Inv. 694/695

31. 424 Quadros

Nesta categoria incluem-se as pinturas, litografias, serigrafias, gravuras e desenhos, dos mais diversos estilos, correntes artísticas, técnicas e materiais. A pintura mais antiga é uma pintura de “Lucrecia” em óleo sobre madeira, provavelmente do século XVI, atribuída à escola francesa de “Fontainebleau”. Igualmente antigos são dois óleos sobre madeira, provenientes da Holanda,

século XVII¹⁶. Existe uma grande colecção de pinturas de artistas regionais¹⁷, de artistas continentais¹⁸ e de artistas internacionais¹⁹.



Fig. 38
Les Eaux
Aquarela
Cruzeiro Seixas
Portugal, séc. XX (segunda metade)
48 x 44,5 cm
Inv.3070

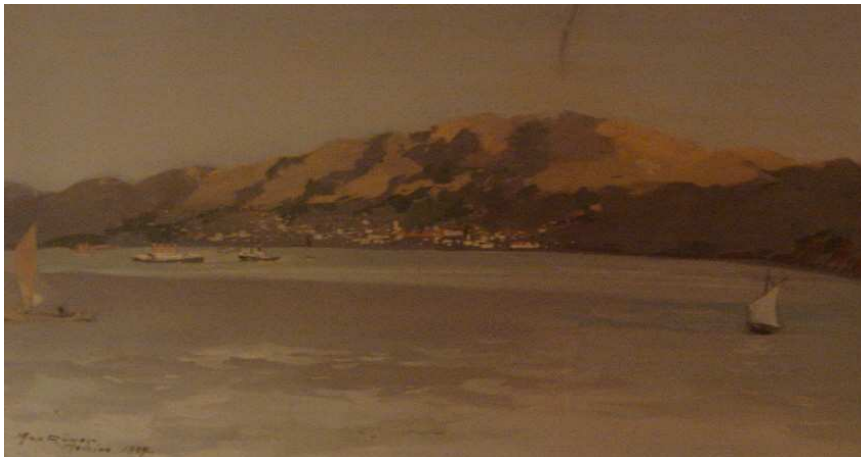


Fig. 39
Baía do Funchal
Guache s/ papel
Max Römer
Alemanha, 1927
41x 61
Inv. 2959

¹⁶ Estas duas pinturas foram oferecidas por Wessler, antiquário e colecionador, de origem judaica, que viveu na Madeira. Na década de 60, João Carlos Abreu trabalhava na Agência de Viagens Star e, a pedido de Wessler, organizou-lhe uma viagem de lazer à Europa. Após um mês de trabalho, com muitas alterações de rotas, destinos e datas, este antiquário desistiu da viagem. Pelo incómodo causado e por todo o trabalho em vão, chamou João Carlos à sua loja e deu-lhe a escolher duas das muitas pinturas que tinham acabado de chegar à Ilha, fruto das vendas de famílias europeias falidas pela 2ª Guerra Mundial. João Carlos Abreu escolheu dois exemplares pintados a óleo sobre madeira. Anos mais tarde, um perito americano de história de arte, ao analisar as referidas pinturas, detectou a assinatura “Rembrandt”. Apesar de não serem, efectivamente, obras do grande mestre holandês, não restam dúvidas que o estilo, as cores e a técnica são muito similares. A partir dessa altura, e após opiniões de vários peritos e antiquários, estes dois exemplares passaram a ser atribuídos aos discípulos de Rembrandt provavelmente ao holandês Aert Gelder (1645-1727).

¹⁷ Alice Sousa, Carla Cabral, Carlos Luz, Dina Pimenta, Emanuel Aguiar, Graça Berimbau, Guilhermina da Luz, Lemos Gomes, Luz Henriques, Manuela Pestana, Nini, Teresa Brazão, Teresa Jardim, ...

¹⁸ Ana Harthley, Botelho, Cargaleiro, Cruzeiro Seixas, Maria Amaral, Mário Silva, Nuno San-Payo, Rui Carita, Vespeira, ...

¹⁹ Marcos Milewski, Max Römer, Patrícia Comand, Pepe Dâmaso, Roberto Chichorro, Sprotte, ...



Fig. 40
S/ Título
Óleo s/ madeira
Atribuído a Aert Gelder
(discípulo de Rembrandt)
Holanda, séc. XVII
67 x 54,8 cm
Inv. 3001

32. 32 Relógios

Embora existam alguns exemplares de parede e de caixa, a grande maioria são relógios de bolso em prata e ouro do séculos XVIII, XIX e XX.



Fig. 41
Relógio com pregadeira
Metal dourado, madeira, veludo
e espelhos
Inglaterra, séc. XIX, Época
Vitoriana (1819-1901)
29 x 38 cm
Inv.1777



Fig. 42
Relógio de bolso Certina
Ouro e vidro
Suiça, ?
ø 4 cm
Inv.722

33. 8 Samovares

No “*Universo de Memórias*” encontram-se samovares, em prata, casquinha e latão. Datam dos séculos XIX e XX.



Fig. 43
Samovar
Prata cinzelada e madeira
Rússia, ?
38,5x25,5xø13,3
Inv.19

34. 5 Scrimshaws

São exemplares de dentes de cachalote gravados com motivos da Região pelo madeirense Manuel da Cunha.



Fig. 44
Scrimshaw
Dente de cachalote gravado
Manuel da Cunha
Madeira, séc. XX
17cm
Inv.2334

35. 32 Sinetas

São sinetas europeias e asiáticas, em casquinha, prata, latão, metal e porcelana, do século XX.



Fig. 45
Sineta
Metal dourado com altos-relevos
?, séc. ?
14,7 x ø 6,5cm
Inv.2485

36. 10 Talhas

De diversos tipos de madeira, estas talhas são feitas por artistas italianos e indonésios. A referência vai para um exemplar em pinho da madeirense Guilhermina da Luz.



Fig. 46
Talha
Madeira - pinho mel
Guilhermina da Luz
Madeira, Portugal, 1994
150 x 43 cm
Inv. 850

2.2. Valores e percurso da colecção

Abordaremos, de seguida, os diversos valores e percursos da colecção de João Carlos Abreu.

Uma colecção, para ser considerada como tal, tem determinados valores que são, obviamente, atribuídos pelo coleccionador, face ao conhecimento intrínseco que possui, ao seu poder económico e sociedade em que está inserido.

Assim, tomando por referência a sistematização de Alfredo Ramos Anciões (2005:133), coleccionar tem em conta cinco valores, sem qualquer ordem de prioridade: Valor Artístico, Valor de Raridade, Valor de Autoria, Valor de Colecção e de Contexto e Valor de Identidade.

Perguntamos a João Carlos Abreu se, ao adquirir um objecto tem em conta esses valores, ao que retorquiu:

“Adquiro aquilo que me diz alguma coisa... Primeiro, gosto. O resto vem por acréscimo, mas tendo sempre em conta as minhas posses. Por exemplo, ainda há dias vi um colar de fantasia que achei extremamente bonito e comprei! Custou-me 800 euros. É tão bonito que, apesar de não ser uma jóia verdadeira, fiquei com ele. Levei-o para casa e até hoje tenho-o guardado...Dentro de um saco de veludo com o nome do artista.”

Com este exemplo, podemos depreender que João Carlos Abreu teve em conta o Valor Artístico²⁰, na medida em que se sentiu atraído pelo design da peça. Também teve em conta o Valor de Autoria²¹, uma vez que refere que o colar foi guardado num saco com o nome do artista gravado. Também poderíamos acrescentar o Valor de Colecção e de Contexto²², uma vez que é uma peça que será incorporada na colecção de jóias de cena.

Para este coleccionador, o mais importante é, sem dúvida, a atracção que sente pelo objecto, quer pelo design, estilo, construção, técnica, cor e matéria.

²⁰ Valor artístico – valor atractivo do objecto, quer pelo design, estilo, construção, técnica, cor e matéria.

²¹ Valor de autoria – a autoria pode aumentar o valor, tanto mais quanto o autor for conhecido e apreciado.

²² Valor de colecção e de contexto – o valor pode estar na peça enquanto pertença a uma determinada colecção, mas também na sua operacionalidade enquanto peça que ajuda a fazer contextos e cenários, como factor estético ou como memória de relação com outras peças.

Daquilo que sabemos das várias colecções de João Carlos Abreu, os únicos valores raramente tidos em conta foram, o Valor da Raridade²³ e o Valor de Identidade²⁴. O Valor da Raridade, não pelo facto de não ter havido afinidade entre o coleccionador e determinado objecto raro, mas porque as suas posses não permitiram a sua aquisição. Apesar disso, existem, na sua colecção, exemplares que primam pela singularidade e que foram adquiridos em determinadas conjunturas favoráveis ao coleccionador, relacionadas quer com oportunidades que acontecem uma vez na vida quer com o pagamento às prestações. Como exemplo disso, destacamos a cruz russa atribuída ao século XI, o cavalo e o prato Ming do século XV, as urnas de Sèvres e as 2 pinturas holandesas atribuídas ao século XVII (mais à frente referenciamos a forma, as circunstâncias em que estas peças foram adquiridas). O Valor de Identidade porque João Carlos Abreu nunca foi influenciado pela mediatização dos objectos, sendo sempre fiel aos seus gostos.

“As “histórias” de vida de cada pessoa, têm percursos diferentes. Diferentes são também as “marcas” pessoais na aquisição e no tratamento de colecções, por mais imperceptível que possa parecer. Estas marcas podem verificar-se a diversos níveis (...).” (Anciões 2005: 134)

Para além dos vários valores conferidos a cada colecção, também podemos atribuir uma trajectória padrão, que vai desde a aquisição do objecto à sua divulgação. Aqui, vamos, novamente, ter por referência Alfredo Ramos Anciões, no mesmo artigo para a revista “Episteme”, em que estabelece um paradigma daquilo que deveria ser feito na altura que alguém pensa em fazer uma colecção. Segundo este historiador, cada objecto deveria passar por cinco etapas²⁵: a recolha, a organização, a preservação e conservação, a documentação e a divulgação.

²³ Valor de raridade – um objecto é tanto mais valioso quanto a sua raridade. O valor acresce se a peça se mantém operacional ou é facilmente recuperável e documentada.

²⁴ Valor de identidade – o valor pode estar na imagem que determinada peça tem entre os públicos que a fruírem. A atribuição de valor tem a ver com as vivências em relação a determinadas peças – vivências directas ou mediatizadas: pela televisão, rádio, espectáculos.

²⁵ Recolha – envolve motivação, gosto, conhecimento, tempo, selecção, espaço de arquivo/armazém e capacidade financeira. É em face da conjugação destes elementos que se realizam recolhas, selecções e posterior preservação.

Organização – são, normalmente, adoptados critérios de sequência que poderão ser por sistemas, datas, tipologias e dimensões.

Preservação e conservação – modo como cada peça deve ser tratada, desde a marcação, ao modo e condições de arquivo/armazém, utensílios e produtos utilizados na limpeza e na intervenção de restauro.

Documentação – podem ser adoptados diferentes critérios de classificação e formas mais ou menos descritivas de cada peça e de cada colecção.

No caso da colecção em estudo, as únicas etapas tidas em conta nesta trajectória foram, a recolha, a preservação e conservação das peças. Todas as outras etapas do percurso são agora reguladas pela Instituição que acolhe e gere todo o seu espólio.

2.3.O Coleccionador

Existem três tipos de coleccionadores: os profissionais ou proprietários de colecções, os mecenas e os coleccionadores amadores.

Os profissionais contam com o apoio de alguém que conhece e acompanha o mercado, que tem uma estratégia de aquisição e conservação e que faz opções que se revelem as melhores e as mais oportunas em matéria de valorização segura.

Os mecenas, adquirem as peças, despendendo, por vezes, de quantias exorbitantes para protegerem os criadores e as suas obras.

Os coleccionadores amadores ou natos são aqueles que adquirem, peça a peça, a sua colecção fazendo com que esta forme uma espécie de rede de conhecimentos e memórias que reflectem a sua própria personalidade. São colecções constituídas com paixão para deleite do próprio coleccionador.

João Carlos Abreu é, sem dúvida, o coleccionador nato. Como o próprio refere:

“Coleccionar tem de ser uma coisa sentida, entusiástica (...) O facto de eu coleccionar tem a ver com a minha alma, com a ocasião – estava ali, gostei da peça, vou comprar para me fazer companhia. Aqueles que têm dinheiro e encomendam as peças através de especialistas são, do meu ponto de vista, mais investidores do que coleccionadores. Eles não compram aquilo que gostam e sentem mas aquilo que certamente vai, com o tempo, valorizar e conseqüentemente rentabilizar. Quando se colecciona por encomenda as peças valem pelo dinheiro e não pelas vivências, não pelas histórias que contam. Um coleccionador rico que encomenda as suas peças, tem dinheiro para fazer tudo legalmente. Eu não. Comprei coisas quase na clandestinidade. Algumas vezes nas alfândegas dos países perguntavam-me o que tinha a declarar, onde tinha comprado esta ou aquela peça, se tinha sido, por exemplo, adquirido

Divulgação – há que ter em conta o tipo de públicos aos quais apresentamos e expomos, o sítio onde a colecção ficará exposta (associações, instituições, media, empresas, museus, feiras) e o “passa-palavra”.

num convento...Na generalidade respondia que tinha sido um amigo. Nunca sabia onde ele estava nem muito menos o seu nome...

As cruzes da Rússia, por exemplo, que me prenderam no aeroporto e fui sujeito a um longo interrogatório...Acabei por ficar a saber que uma das cruzes tinha mais de 1000 anos...Essas histórias é que são importantes porque fazem parte das minhas vivências.

E isto os “pseudo-intelectuais” não entenderão nunca. Ao contrário os verdadeiros intelectuais, porque são pessoas simples, grandes e despreziosas, entendem, admiram e louvam.

Que gozo é que tem, pegar no telefone e encomendar peças sem nunca as ter visto? Não há histórias nem vivências. Entre o colecionador e o objecto, tem de haver empatia, tem de existir uma relação humana.

Comprar uma peça por 1000 contos e às prestações é outra coisa! É por isso que a minha colecção, hoje no “Universo de Memórias”, tem muito valor para mim...tem alma, história, vivências e sobretudo muito entusiasmo.”

Não obstante a tudo o que foi dito, João Carlos Abreu por vezes aconselha-se acerca de determinadas peças que pretende adquirir, não para que se rentabilizem no futuro mas para se certificar se aquilo que gosta vale o preço que custa.

“Tenho um amigo que tem um antiquário em Roma, na Praça Navona, que conhece bem as peças. Por exemplo as urnas de Sèvres da “Sala de Jantar” foi ele que mas vendeu. Custaram cerca de 4000 contos e estavam certificadas, tal como os lampadários com reflectores em prata que também vieram certificados e custaram 5000 contos. Com o tempo fui conhecendo muitos antiquários que por vezes aconselham-me sobre a qualidade de determinadas peças, evidentemente mediante as minhas posses. Se tivesse dinheiro teria comprado peças fabulosas. Um dia um antiquário em Paris disse-me uma coisa curiosa – “nenhuma peça é original, porque foram todas elas copiadas de outras. Elas têm anos, são mais ou menos antigas”.”

Coroline Clifton-Mogg, no seu livro “ A Passion for Collecting”, sistematiza os colecionadores em nove géneros - antiquários, exploradores, herdeiros, perfeccionistas, naturalistas, utilitários, entusiastas, decoradores e miniaturistas. Tendo por base esta seriação, vamos tentar classificar o tipo de colecionador que é João Carlos Abreu.

Sabendo de antemão que é um coleccionador de memórias, perguntamos-lhe se ele se identificava com algum desses tipos de coleccionadores.

Quanto aos “Antiquários”, definidos por Caroline como aqueles que descendem directamente dos coleccionadores do renascimento e do século XVIII, João Carlos Abreu identifica-se na totalidade com eles até porque, durante algum tempo, adquiriu peças com o intuito de criar um antiquário.

Os coleccionadores “Exploradores” procuram algo diferente do seu habitat natural. João Carlos Abreu também é explorador na medida em que colecciona objectos étnicos e outras curiosidades de todo o mundo.

No que diz respeito aos “Herdeiros”, João Carlos Abreu disse-nos que não se identificava com este tipo de coleccionador. No entanto, nós não somos da mesma opinião uma vez que duas das colecções, hoje no “*Universo de Memórias*”, foram oferecidas por amigos seus – as máquinas de escrever e os chapéus. São portanto, duas colecções herdadas mas que não deixam de ser memórias de um coleccionador.

Os “Perfeccionistas” querem somente o melhor e o mais perfeito. João Carlos Abreu não tem qualquer paralelismo com este tipo de coleccionador. Aliás, ele próprio respondeu-nos quando o interrogamos acerca do seu perfeccionismo como coleccionador: “*Nunca, Deus me livre!*”.

Por coleccionadores “Naturalistas”, Caroline define aqueles que extraem os seus objectos do mundo natural, sejam minerais, flora, fauna ou obras de arte. Podemos identificar João Carlos Abreu como sendo um pouco *naturalista*, na medida em que na definição da autora também estão incluídas as obras de arte.

Os “Utilitários” vêem a beleza dos objectos práticos e funcionais, usados normalmente no nosso dia-a-dia. Este tipo de coleccionador é, sem sombra para dúvidas, o género de João Carlos Abreu.

Os “Entusiastas” são coleccionadores versáteis, que não podem resistir a tudo o que lhes apela, desde livros a banjos. São os descendentes de todos aqueles proprietários dos Gabinetes de Curiosidades²⁶. João Carlos Abreu identifica-se com este tipo de coleccionadores, desde que tenha dinheiro.

²⁶ Os Gabinetes de Curiosidades eram uma espécie de galerias de arte um tanto indisciplinadas e pouco organizadas, vocacionadas tanto para mobiliário, escultura, joalheria, como para história natural e ciência. Apesar da indisciplinada e desorganização, os Gabinetes de Curiosidades correspondiam a espaços privilegiados do conhecimento sem o espartilho das disciplinas imposto pelo homem moderno do século XVII. Podemos dizer que os Gabinetes de Curiosidades deram origem, por um lado ao gabinete de história natural que culmina no museu de história natural e por outro ao atelier do artista e consequentemente ao museu de arte. Nestes espaços aparecem já preocupações associadas à colecta, classificação e preservação do objecto natural ou artificial.

Os “Decoradores” têm a habilidade especial de transformar todo o espaço com as suas essências decorativas. Quando questionamos João Carlos Abreu acerca da sua aptidão para transformar os espaços com os seus objectos, respondeu-nos: *Sim, desde muito novo. Desde a altura em que transformava tudo em casa dos meus pais.*

Finalmente, os “Miniaturistas”, fascinados pelo diminuto – pinturas minúsculas, medalhinhas, caixas de rapé e de comprimidos, ou peças em cerâmicas. João Carlos Abreu é sem dúvida igualmente um Miniaturista.

2.4.A vocação do coleccionador

Segundo Jean Poirier (1998:150), para se ser coleccionador também é preciso ter vocação. Há quem nasça coleccionador e a tradição aqui pode ter um papel importante, na medida em que há famílias de coleccionadores como há famílias de médicos, músicos ou de pintores. A propensão de coleccionar por vezes está também ligada ao ofício e ao acaso. O ofício pode incitar às séries profissionais e o acaso despertar a vocação adormecida dentro de alguém.

Quisemos saber se estes três factores foram importantes ou mesmo decisivos para João Carlos Abreu ao longo da sua vida de coleccionador.

Quanto à vocação, respondeu:

“Meu pai coleccionava moedas, selos, isqueiros, livros, principalmente livros policiais já que, para além de jornalista, também era oficial de investigação da Polícia de Segurança Pública. Esta leitura contribuía para a sua formação profissional. Eu achava essas suas colecções chatas, muito organizadas e infundáveis. Minha mãe “coleccionava” vestidos, sapatos e carteiras...era uma verdadeira doença e não usava a maior parte deles.”

Quando lhe questionamos se o facto de coleccionar estava mais ligado ao acaso ou à profissão, ... responde-nos simplesmente: *“Ao acaso, às minhas vivências! “Salientou, no entanto, que o acto de coleccionar nasceu consigo mas, “refloresceu naquela viagem com as gibraltinas²⁷.”.*

Destes depoimentos podemos tirar várias ilações. João Carlos Abreu desde pequeno que se familiarizou com a aquisição de objectos e, provavelmente já nasceu

²⁷ Ler relato dessa viagem – 2.1. «A colecção de João Carlos Abreu».

com essa predisposição. A diferença esteve no objectivo dessa aquisição porque, o pai comprava com o propósito de coleccionar de forma organizada, a mãe, num acto de consumismo.

João Carlos Abreu misturou influências paternas e maternas originando um *vírus* incubado, chamado coleccionismo, que despertou “*naquela viagem com as gibraltinas*”.

2.5. A memória

“Cada colecção é um teatro da memória, uma dramatização e uma mise-en-scène passados pessoais e colectivos, de uma infância lembrada e da lembrança após a morte. Ela garante a presença dessas lembranças por meio dos objectos que evocam. É mais do que uma presença simbólica: é uma transubstanciação.” (Blom 2003: 219)

Apesar da palavra *memória*²⁸ ter uma série de significados, em várias áreas do conhecimento como a história, a psicologia, a informática e a arquitectura, este estudo vai incidir sob o seu conceito enquanto património do indivíduo.

A pertinência desta estudo, justifica-se pelo facto de toda a colecção do “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*” ser resultado das memórias vividas pelo do seu doador.

2.6. O coleccionador e o objecto

A aquisição de um objecto, por parte do coleccionador, é uma acção de resgate na qual o objecto passa a integrar novas relações de afecto e pertença num contexto que visa a sua salvaguarda e continuidade. É neste sentido que achamos que essa espécie de usurpação do objecto da sua função original é colmatada pelo estatuto que ele passa a ter a partir do momento que é incorporado numa colecção. O objecto preservado, conservado, documentado e amado é imaculado pelo seu coleccionador e passa a

²⁸ A palavra *memória*, de origem latina, é formada pelos étimos *memor*, *oris* (que se lembra, que se recorda, que adverte, que traz à memória, reconhecido, grato) e *memoria*, *ae* (memória, lembrança, linhagem, registo, tradição). Na mitologia grega, a *memória* era, a mãe da poesia e a musa épica, bem como um dom a ser exercitado que necessitava de técnicas para relembrar e guardar o que lhes interessava.

transmitir a sua própria identidade pois traz consigo toda a carga de significados que perpetuarão e transmitirão a sua função original, identidade e memória.

Entre o coleccionador e o objecto estabelece-se uma relação pessoal e única, uma união quase mística.

A colecção de João Carlos Abreu, tal como a maioria das colecções, é o espelho do seu coleccionador. Cada objecto reflecte a alma do coleccionador, a sua essência artística e criativa, os seus gostos ao nível de viagens e livros, o seu sentido de humor.

A relação existente entre o objecto e o coleccionador pode estar, não na peça propriamente dita, mas na carga emocional que ela possa transmitir, seja pelas circunstâncias decorrentes em que foi oferecida ou adquirida, seja pelo que representa ou representou para a pessoa que o ofereceu ou adquiriu.

Das 36 colecções, João Carlos Abreu referiu que a peça mais importante para si é uma mesa, que se encontra hoje na “Sala Roxa” do “*Universo de Memórias*”. Essa mesa, com cerca de 200 anos, pertenceu ao seu avó materno. Esta é uma peça que passa completamente despercebida à maioria das pessoas, no entanto a carga emocional que ela transmite ao coleccionador faz com que seja uma das peças mais valiosas do seu espólio. Daí que, mais importante para o coleccionador que o valor real de cada objecto, é o valor sentimental, a história que conta, a quem pertenceu, ...

Outro aspecto importante é o facto do coleccionador saber exactamente aquilo que gosta e que pretende adquirir, por isso raramente é influenciado por modas, sabendo normalmente remar contra a corrente para ser fiel à sua própria inspiração. Neste aspecto João Carlos Abreu é peremptório:

“Só compro algo que me diga alguma coisa e goste (...) Que deve estar dentro do meu orçamento. Mesmo que eu fosse milionário, as modas e o marketing não me influenciariam. Por exemplo, eu gosto muito dos quadros do Picasso, do Salvador Dali, do Miró, do Giorgio, de Chirico ... Mas, mesmo que pudesse adquirir não os queria todos na minha casa, porque de muitos deles não gosto. Eu só tenho aquilo que gosto, quero e posso.”

O apego às peças é tão forte que o coleccionador raramente se separa delas e só excepcionalmente as vende. Quando essa ruptura acontece acarreta um sentimento de culpa muito grande:

“Vendi uma coroa de prata, grande com pedras semipreciosas encrustadas, do Senhor Espírito Santo dos Açores... Era linda e tinha comprado a uma amiga açoriana, a Maria Mendonça ...Fiquei muito triste. Vendi a uma outra amiga minha da Suíça, que insistiu tanto, tanto que acabei por ceder por 20 contos. Arrependo-me até hoje!”

Não obstante ao apego que sentia pelos seus objectos, João Carlos Abreu acabou por doá-los e é essa dualidade de personalidade que também o distingue da grande maioria dos coleccionadores:

“Apesar de tudo eu tenho um desprendimento material. Na vida nada nos pertence, é preciso ter uma boa filosofia de vida. Eu tinha aquelas peças, mas nunca senti que eram só minhas. Vender também não queria e tão pouco que se dispersassem. Tenho noção do meu estatuto temporal e sei que nada disto nos pertence. Gosto de ver que tudo está bem cuidado e continuo a dar coisas a amigos meus.”

Poderemos ainda considerar João Carlos Abreu um coleccionador extrovertido, devido à necessidade que tem de se exteriorizar, de mostrar a sua colecção e os seus objectos com uma certa vaidade e exibicionismo. Isto mais uma vez reflecte todo o seu percurso de vida e a necessidade de ser, como quase sempre foi o centro das atenções do seu círculo de amigos, conhecidos ou mesmo colegas de trabalho.

Por outro lado, João Carlos Abreu também tem o seu lado introvertido, mantendo determinados objectos distantes de tudo e todos e minimizando o valor daquilo que possui. Quando o interrogamos acerca de haver uma colecção secreta, só sua, longe dos olhares curiosos, depois de alguma hesitação, disse: *“Tenho...algumas pinturas e uma pequena colecção de anjos.”*, Perguntamos-lhe se tinha havido alguma peça que não tivesse tido coragem de doar e, novamente hesitou:

“Houve...uma cristaleira holandesa, rara, com cerca de 200 anos...mas um dia destes vai para o “Universo de Memórias”. Gostaria que ficasse na “Sala de Jantar” a meio dos “criados mudos”...Mas ainda não consegui me desfazer...”

2.7.A memória e o coleccionador

No acto de coleccionar há um apelo constante à memória. O coleccionador não se apodera apenas do objecto, mas de todos os significados e memórias a ele ligados, construindo recordações, recolhidas durante uma vida. Ele colecciona a sua própria existência, interrelacionando o passado, o presente e o futuro.

A memória é, antes de mais, recordação e lembrança. E, como lembrar é seleccionar, é escolher, cada indivíduo selecciona e regista aquilo que lhe é mais importante preservar. Neste sentido, o papel de uma colecção enquanto representação de memória do indivíduo é criar algo que possa preservar aquilo que foi definido pelo indivíduo como relevante.

A respeito do significado que as peças representam, João Carlos Abreu defende que estas lhe fazem reviver determinados momentos agradabilíssimos da sua vida alegando que são memórias e emoções que perpetuam as suas vivências: *“a minha vida está ali, feita de muitas histórias. Estão ali muitas etapas da minha vida relacionadas com o turismo da Madeira.”*

Doar uma colecção é a forma de garantir a permanência, do objecto e do seu coleccionador: *“Estas peças que enfeitavam a minha vida agora enriquecem a vida dos outros.”*

O problema está na maneira como esta vai ser gerida por quem recebe, já que o conteúdo do objecto expressa-se no confronto do seu valor de culto com o seu valor de exposição.

A memória do coleccionador não é a mesma daquele que recebe a doação. Se a colecção doada se destinar à exposição pública é imprescindível que os objectos transmitam a personalidade, experiências e vivências do seu doador, caso contrário a colecção perde o seu valor de culto: *“Por isso as visitas guiadas ao “Universo de Memórias” não fazem sentido sem serem contadas as histórias de determinadas peças.”*

2.8. Doação

O verdadeiro coleccionador não se deve alienar do seu acervo, excepto se o mesmo se destinar a integrar outras colecções ou for doado e tenha garantia de que vai ser tratado convenientemente. Com receio que as suas colecções se dispersem após a sua morte, muitos coleccionadores acabam por doá-las. É neste sentido que muitas colecções acabam por ser doadas a museus ou mesmo transformadas em instituições museológicas.

No caso da doação do acervo de João Carlos Abreu, para além dos factores já citados, o factor decisivo foi o pedido que o Presidente do Governo Regional da Madeira, Dr. Alberto João Jardim, lhe fez:

“Ele sempre me disse: “Tu não tens filhos podias juntar as tuas colecções. Não te esqueças que és um homem da escrita e uma casa com as tuas coisas era interessante”. Respondi-lhe sempre: “Sr. Presidente as coisas só valem por aquilo que significam para mim, pela história que elas têm. Cada peça tem uma história...”. Ele sempre me foi falando do assunto. Um dia disse-me: “Qualquer dia morres e não fazes nada”. Disse-lhe: “Concordo em doar!”. Imediatamente replicou que fosse, no dia seguinte, procurar uma casa para instalar todas as colecções. Assim foi. Primeiro vi uma casa na Zona Velha, mas era preciso fazer muitas obras. Depois visitei uma casa na Rua João de Deus não servia. Por fim encontrei esta casa da Calçada.”.

Como podemos depreender destas declarações, doar não foi uma decisão fácil para João Carlos Abreu. Ao que o próprio afirma:

“Meditei muito, principalmente porque conheço os madeirenses. Infelizmente os portugueses, na generalidade, têm pouco espírito de admiração uns pelos outros. Sabia que alguns iriam me criticar, outros naturalmente louvar. As peças são as minhas memórias por aquilo que significam e valem para mim. Contrariamente aos meus receios o “feedback” foi muito bom tanto de grande parte dos madeirenses como dos estrangeiros... Prova disso é o Livro de

*Honra*²⁹ do “Universo de Memórias” em que as pessoas louvam a iniciativa do governo de expor uma colecção como esta. O mais interessante é que, algumas vezes, em países estrangeiros, gente que não conheço, de lado nenhum, fala-me da casa. Sobretudo em Espanha onde durante uma semana passou um vídeo sobre o Universo de Memórias. Não há dúvida que eu nunca quis doar, nem tão pouco reunir todos os objectos numa casa para exposição pública.”

Considerações finais

A colecção de João Carlos Abreu é, antes do mais, uma colecção de colecções que retrata o percurso de vida, as vivências e memórias do seu coleccionador. A combinação da diversidade dos objectos do acervo leva-nos a apelidar esta colecção de “colecção écletica”.

Como se pode depreender, o objectivo de João Carlos Abreu nunca foi o de formar uma colecção. As coisas, simplesmente, foram acontecendo. Adquire os objectos para lhe fazerem companhia indepingentemente do valor que possam custar, desde que não exceda o seu orçamento. Mas, esse objecto é, também, fruto do consumismo do próprio coleccionador. Podemos dizer que grande parte do coleccionismo actual não só intercepta com consumismo mas também, para o seu incremento, associado ao espírito de posse e ao culto da quantidade.

Apesar deste consumismo, subjacente ao acto de adquirir peças, coleccionar é para João Carlos Abreu uma manifestação de carácter afectivo e emocional. A atracção pela forma harmoniosa dos objectos sobrepõe-se a qualquer explicação racional.

O peso do reconhecimento que anima os olhares daqueles que visitam o “Universo de Memórias” é, para o próprio coleccionador e doador, um elogio à sua vida, um reconhecimento daquilo que vem realizando acerca de 60 anos.

²⁹ Ver “Anexos” – «Seleção de mensagens deixadas no “Livro de Honra”».

3. Dados biográficos de João Carlos Abreu enquanto doador

“A história de um homem é a soma das parcelas das histórias que se lhe colaram à pele ao longo de cada fracção de segundo que foi a sua vida. (...)”.

(Gonçalves 2008:7)

Filho de Manuel Gomes Abreu (fig. 47) e Maria da Conceição Nunes Abreu (fig.48), João Carlos Nunes Abreu (fig.49), nasceu no Funchal, na freguesia de São Pedro, a 5 de Dezembro de 1935. Desde tenra idade, e até atingir 25 anos de idade, morou na zona velha da Cidade.

Viveu algum tempo em Roma e em Bolzano, onde estudou Gestão de Empresas, e trabalhou nos serviços de imprensa do Vaticano. Foi também empresário, relações públicas, agente de viagens, director de hotel, Director Regional de Animação, Director Regional de Turismo e, durante 23 anos (1984-2007), foi Secretário Regional de Turismo e Cultura. Em Junho de 2007, cessa as suas funções no Governo Regional da Madeira e a partir desta data tem se dedicado à escrita, ao teatro, às viagens e a causas humanitárias, presidindo à Associação CRIAMAR³⁰. Possui alguns cursos na área das relações públicas, promovidos por instituições de prestígio norte americanas. Em várias cidades do país e em países como Chipre, Canadá, Itália, (Universidades de Nápoles e Roma) e em Espanha (Museu Canário), participou em palestras sobre questões culturais, turísticas e ambientais. Nos anos 90, João Carlos Abreu começa a dar os primeiros passos na pintura.

Desde os 16 anos realiza viagens de estudo e recreio pelos os quatro cantos do mundo, publicou centenas de crónicas, dois guias turísticos sobre a Madeira em inglês, dez livros de poesia³¹ e cinco em prosa³².

³⁰ A Associação CRIAMAR, é um projecto para 3 anos, criado pelo Grupo Pestana, direccionado às crianças em risco, dos 6 aos 12 anos, da Região Autónoma da Madeira. Este projecto engloba áreas expressivas como a música, a dança, as artes plásticas e a criação literária bem como uma área de animação lúdica que inclui visitas pedagógicas a locais de interesse cultural.

³¹ ABREU, João Carlos (1990), *Água no mar*, Ponta Delgada, Eurosigno Publicações Lda, 2ª Edição; ABREU, João Carlos (1990), *Porta aberta*, Madeira, Editorial Eco do Funchal; ABREU, João Carlos (s.d.), *Da ilha & de mim*, Funchal; ABREU, João Carlos, *HOMEM*, Maria Aurora (s.d.), *Ilha a duas vozes*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal; ABREU, João Carlos (1994), *Sobre o voo da gaivota*, Ponta Delgada, Jornal da Cultura – Artes Gráficas e Publicações, Lda; ABREU, João Carlos (1995), *Poema New York*, Funchal, Edição do Autor; ABREU, João Carlos (1996c), *Mon île*, Lisboa, Editorial Éter; ABREU, João Carlos (2001), *A barca sem rumo*, Funchal, Fotolitos; ABREU, João Carlos (2005b), *Voz que navega dentro de mim*, Funchal, O Liberal; ABREU, João Carlos (2008), *Por Dentro do Tempo*, Funchal, O Liberal.

Em 1991 recebeu a “ Medalha de Honra Municipal” de São Vicente pelos trabalhos de recuperação da Vila, em Dezembro de 2003 foi-lhe atribuído o doutoramento “Honoris Causa” em Ciências Sociais, pela Universidade de San Cyrillo, em Roma., em Novembro de 2005 foi condecorado pelo Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, com o grau de “ Grande Oficial da Ordem de Mérito”, em Setembro de 2007, dia “Mundial de Turismo”, foi homenageado pelo Estado Português com a “Medalha de Mérito” e, no dia 1 de Julho de 2008, “Dia da Região” recebeu do Governo Regional da Madeira a “Insígnia Cordão Valor em Ouro”.

De seguida, vamos fazer uma breve passagem pelos vários percursos, profissionais e pessoais, seguidos por João Carlos Abreu, ao longo dos seus 72 anos. A sustentabilidade desta jornada será feita através de depoimentos do próprio, de fotografias e de excertos do livro *Sol na Gaveta*, do escritor madeirense, amigo de João Carlos Abreu, José António Gonçalves.



Fig. 47
Pai de João Carlos Abreu
8 de Julho de 1945



Fig. 48
Mãe de João Carlos Abreu
2 de Setembro de 1947

³²ABREU, João Carlos (1990), *O turismo da cultura*, Ponta Delgada, Eurosigno Publicações Lda; ABREU, João Carlos (1996), *Dona-Joana-rabo-de-peixe*, Ponta Delgada, Jornal da Cultura – Artes Gráficas e Publicações/Editorial Éter; ABREU, João Carlos (1996b) *Dos deuses ao turismo actual*, Ponta Delgada, Jornal da Cultura – Artes Gráficas e Publicações/Editorial Éter; ABREU, João Carlos (2004), *Metem-me no teu coração*, Ponta Delgada, Fórum Culturais; ABREU, João Carlos (2005), *Viagem ao Coração*, Funchal, O Liberal.



Fig. 49
João Carlos Abreu
2 de Setembro de 1947

3.1.O jornalismo

Ter pai jornalista foi decisivo para abarcar a carreira jornalística. Com apenas 17 anos, João Carlos Abreu fez a sua primeira reportagem jornalística acerca da chegada de um navio cruzeiro à Madeira. Um dos seus trabalhos marcantes foi a tragédia do navio Lacónia cujo título era “Lacónia: Cruzeiro em Chamas”.

Na Ilha, trabalhou sempre ao serviço do *Jornal da Madeira* (fig. 50) e quando o interrogamos acerca daquilo que mais o tinha marcado na carreira jornalística disse: “Foi o privilégio que tive em trabalhar, como correspondente do *Jornal da Madeira*, no Concílio Vaticano II³³ (figs. 51 e 52). Foi um acontecimento único no século XX já que não se fazia um Concílio desde 1869.”.

Nos anos 70, João Carlos Abreu também foi correspondente de vários jornais do continente português, como é o caso de “O Tempo”, “Jornal do Comércio” (fig 53), “Jornal a Capital” (fig 54) e “A voz”.

Um dos momentos mais preenchidos da sua carreira foi, segundo o próprio, “o convívio com uma grande mulher: a escritora Maria Lamas”.

Hoje, passados cerca de 55 anos sobre o seu primeiro trabalho jornalístico, João Carlos Abreu continua a colaborar com o “Jornal da Madeira”, fazendo, pontualmente, artigos de opinião.

³³ 21º Concílio Ecuménico Vaticano II, sob o papado do Papa Paulo VI - 1962 a 1965.



Fig. 50
Cartão de Identidade do “Jornal da Madeira”
1958



Fig. 51
Autorização do Vaticano em nome de João Carlos Abreu – correspondente do “Jornal da Madeira” no Concílio Vaticano II
1962



Fig 52
João Carlos Abreu numa reunião de imprensa, no Vaticano (Papa Paulo VI)
1962



Fig. 53
Cartão de Identidade de correspondente no Funchal do “Jornal do Comércio” 1971



Fig. 54
Cartão de Identidade de correspondente, no Funchal, do Jornal “A Capital” 1971

3.2. Os investimentos privados

Nos finais dos anos 60, quando regressou à Madeira, após ter concluído o curso de Gestão de Empresas, em Bolzano, João Carlos Abreu investiu na Zona Velha da Cidade: “Decidi-me por este sítio, não só por ser o local onde vivi durante muito anos, mas também para requalificar, revitalizar e, de certa forma, “salvar” toda aquela zona que estava degradada e votada ao abandono.”

Na área da restauração apostou em três espaços, “A Romana”, “O Portão”, e o “Marcelino Pão e Vinho”. “A Romana” foi, sem dúvida, o mais conhecido. Era um restaurante que se diferenciava dos demais da época, pela música ambiente (fig.55), pela decoração, qualidade e variedade das ementas e pela interacção que havia entre os clientes e os artistas convidados. Só havia lugar mediante reserva antecipada e as mesas tinham os nomes de ruas romanas³⁴.

³⁴ Muitos clientes faziam questão de jantar em determinada “rua” e, para isso, alguns teriam de fazer as suas reservas com cerca de um ano de antecedência. Caso raro na restauração da Madeira

Na área do mobiliário e decoração João Carlos Abreu investiu numa pequena loja chamada “Toni bric-à-brac”. Esta loja não teve êxito e fechou dias depois de ter aberto as portas ao público. Este fracasso deveu-se ao facto de João Carlos Abreu ter gostado da maior parte das peças expostas e não ter tido coragem de as vender.

O “Refugio dos Poeta”, nos anos 70 e 80, foi um “patamar” de encontros com personalidades do mundo das letras, da arte e da política. Foi visitado por individualidades como Amália Rodrigues, David Mourão Ferreira, Fernando Carneiro, Vera Lagoa e o Príncipe Alberto do Mónaco.

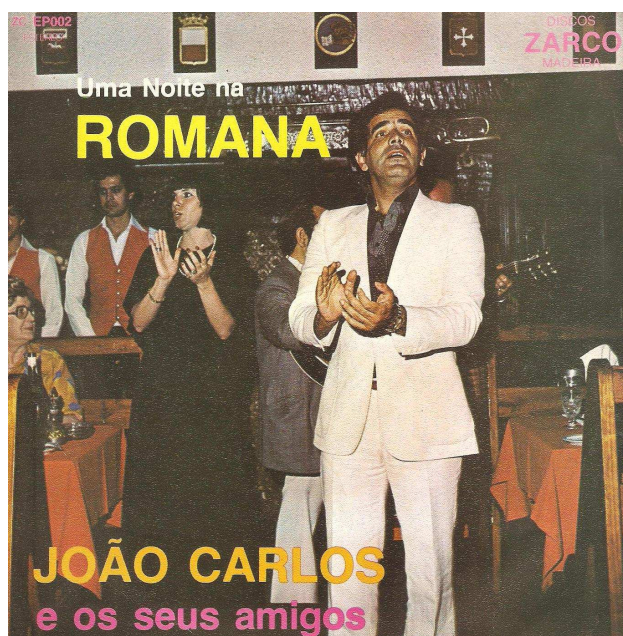


Fig. 55
Capa do disco de vinil com a animação musical existente no restaurante “Romana”

3.3.O turismo

João Carlos Abreu inicia a sua actividade na área do turismo em 1964, após concluir uma série de seminários de animação turística na Suíça e de ter estagiado em Londres.

Segundo o próprio, o turismo foi um complemento ao jornalismo, pelas viagens, pelas pessoas que conheceu, pela versatilidade do mundo, formação e informação.

Começou por exercer funções numa agência de viagens, depois foi director geral do hotel “Lido Sol”, passando a Assistente do Director Geral e Director de Relações Públicas do “Sheraton Hotel”, em finais dos anos 70.

Ainda ligado à área do turismo deu aulas de turismo e relações públicas (fig.56) na Escola de Hotelaria da Madeira e no Colégio da Apel.

A carreira no turismo prosseguiu até 2007, ligada, nos últimos 27 anos, ao sector público, como veremos de seguida.



Fig. 56
Cartão de Identidade da
Sociedade Portuguesa de
Relações Públicas
1978

3.4.A política

João Carlos Abreu ingressou na política em 1980, como Director Regional de Animação, depois foi nomeado Director de Turismo e de 1984 a 2007, desempenhou o cargo de Secretário Regional de Turismo e Cultura. Entre 1984 e 1992 também teve a pasta da Emigração. Cumpriu 5 mandatos, sendo o primeiro de apenas 3 anos.

Por ter tido o pelouro de áreas que se inserem “grosso modo” nas ciências humanas, a sua carreira política foi uma “tarefa” muito enriquecedora, como afirma, o que permitiu pôr a Madeira em relacionamento com várias regiões e personalidades na área dos negócios, turismo, ciência, música, literatura, pintura, moda, ...

As quase três décadas, ligadas à política, foram marcadas pela forma como fez renascer determinados acontecimentos regionais, como o Carnaval, a “Festa da Flor”, o “Festival Atlântico” a “Festa do Vinho” e as Festas do Fim do Ano, dando-lhes uma dimensão ao nível mundial e fazendo daquilo que era muito rudimentar e quase exclusivo dos madeirenses, verdadeiros cartazes turísticos que trouxeram e, continuam a trazer, milhares de turistas à Madeira. É de salientar que o facto de trazer para as ruas o Carnaval inseria-se num projecto consciente – fenómeno de ordem sociológico – de pôr os madeirenses a conviver uns com os outros, quebrar tabus e fazer expandir aos concelhos rurais toda esta animação e interacção.

3.5.As viagens

João Carlos Abreu começou a viajar com 7 anos de idade: “ (...) *Para Lisboa e, obviamente de barco. Viajei de barco até ser inaugurado o aeroporto da Madeira.*”

Motivado pelo desejo de conhecer gentes e locais, João Carlos Abreu escolhe determinado destino tendo por base a sua cultura geral. Procura sempre a parte humana porque acredita que só através desta consegue entender todo o património local. Nunca pesquisa acerca do destino escolhido porque gosta de ser surpreendido e só usufrui de excursões organizadas quando vai em cruzeiros e faz escala em várias cidades.

Durante muitos anos viajou sozinho, hoje, só viaja em grupo. Desde os anos 90, por alturas da Páscoa, que viaja com um grupo de amigos, à descoberta de novos destinos (fig.191). Como forma de perpetuar as experiências vividas, João Carlos Abreu, traz de cada sítio que visita, recordações: “*Tudo o que gosto e o que possa comprar.*” São uma espécie de memórias materializadas que o fazem reviver tudo o que de bom passou.

Não consegue dizer qual o sítio que mais gostou de visitar alegando que: “(...) *Cada um tem o seu próprio encanto.*” No entanto, não hesita em dizer que o seu país de eleição é Itália. Não houve nenhum sítio que tivesse visitado e que nunca mais quisesse voltar e os lugares que ainda não conhece, mas que gostaria muito de conhecer são, o Irão, a Jordânia e a Síria.

3.6.A escrita

O gosto pela leitura é também uma questão de educação, de hábito e de estímulo, motivado, muitas vezes, pelo ambiente que rodeia o indivíduo.

João Carlos Abreu nasceu no seio de uma família, cuja leitura fazia parte do seu dia-a-dia. Seu pai, jornalista de profissão, enchia a casa de revistas e livros. Sua mãe deliciava-se com as obras dos grandes romancistas portugueses e estrangeiros.

O primeiro encontro consciente de João Carlos Abreu com os livros deu-se quando tinha oito anos de idade:

“A velha estante envidraçada de madeira de castanho onde meu pai guardava os livros, era o encanto que “decorava” o silêncio das minhas horas e, assim aos poucos, foi nascendo dentro de mim este salutar gosto

pelos autores e obviamente pelos livros. (...). Viajei através de tantas páginas e com elas desfiz “tabus” e enriqueci a alma. Fiz cúmplice das minhas leituras, alguns amigos aos quais ofereci dezenas de livros (...).³⁵”

O gosto pela leitura instigou João Carlos Abreu à escrita. Primeiramente, como jornalista e posteriormente como poeta e escritor. *Água no Mar*, publicado em 1990, foi o primeiro de dez livros em poesia que escreveu. Seguiu-se a prosa, com cinco títulos publicados, o último dos quais, *Viagem ao Coração*, publicado em 2007, é, uma relato de uma fase da sua vida:

“Não é ficção. Não é um romance. É a realidade vivida, de factos sucedidos, com os nomes próprios das personagens intervenientes. Esta reportagem é uma homenagem aos meus médicos, aos meus irmãos, sobrinhos e amigos, (...).³⁶”

Ao lado dos maiores poetas mundiais, participou, em representação de Portugal, no Festival Mundial de Poesia, levado a efeito pela Universidade de Nápoles, onde se destacaram Raphael Alberti³⁷, Tahar Bem Jelloun³⁸, Bertolucci³⁹, Josef Brodsky⁴⁰ e outros. Foi um dos nove convidados a apresentar os seus poemas no decurso do prémio Capri⁴¹ em 1991. Recebeu vários prémios internacionais pela sua acção no campo cultural, tendo sido destacado pelo prestigiado crítico literário, Prof. M. Frias Martins, como sendo uma das quatro correntes poéticas da Madeira.

Os seus poemas estão traduzidos e publicados em revistas da especialidade de países como a França, Itália e Espanha. É membro do P.E.N. CLUB⁴².

³⁵ Extracto do texto da placa acrílica da “Biblioteca” do “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*”.

³⁶ ABREU, João Carlos (2005), *Viagem ao Coração*, Funchal, O Liberal.

³⁷ Poeta espanhol (1902-1999) com influências surrealistas; associado à geração de 27 - Grupo de escritores espanhóis, muitos deles exilados e mortos na guerra civil espanhola (www.macgreevy.org/namedb/results.jsp, consultado a 04/02/2007).

³⁸ Nasceu em Marrocos em 1944, mas desde 1971 que vive em França. (...) É hoje reconhecido como um dos grandes escritores francófonos e seguramente como o maior romancista marroquino. (www.asa.pt/noticia.php?id_noticia=143, consultado a 04/02/2007.)

³⁹ Filho do realizador e poeta italiano Bernardo Bertolucci.

⁴⁰ Prémio Nobel da Literatura 1986. (<http://almaz.com/nobel/literature/1987a.html>, consultado a 04/02/2007).

⁴¹ Evento literário mundial realizado anualmente na ilha de Capri, Itália.

(http://www.premiocaprisanmichele.it/origine_%20del_premio.htm, consultado a 04/02/2007).

⁴² O P.E.N. (Poetas, Ensaístas e Novelistas) Internacional, também conhecido por PEN CLUB, é a maior e a mais antiga organização de escritores do mundo inteiro. Foi criada em 1921, no rescaldo da Primeira Guerra, por escritores ingleses e o seu primeiro Presidente foi John Galsworthy, Prémio Nobel em 1932. Em Portugal o P.E.N.

CLUB foi fundado a 15 de Novembro de 1974 e dos seus sócios fundadores destacam-se: Casimiro de Brito, Pedro Tamen, Vergílio Ferreira, Ana Hatherly, José Cardoso Pires, Fernando Namora, Jacinto do Prado Coelho, Sophia de Mello Breyner Andresen, Urbano Tavares Rodrigues, Miguel Torga e Manuel Alegre. (http://penclub.no.sapo.pt/pen_portugues/fundadores.htm, consultado a 04/02/2007).

3.6.1. Críticas literárias

De seguida passamos à transcrição de extractos de críticas, feitas por professores, escritores e críticos literários acerca da poesia de João Carlos Abreu.

“Na Madeira considero quatro correntes poéticas: Irene Lucília, José António Gonçalves, João Carlos Abreu e Vieira de Freitas.”

Frias Martins

Prof. Doutor da Faculdade de Letras de Lisboa, Portugal

“10 Anos de Poesia em Portugal”

(Abreu 1990: 5)

“O João Carlos Abreu é um Ilhéu com uma língua universal.”

Dullio Riccardo

Escritor, Itália

(Abreu 1990: 5)

“Despidos de pretensão, elevados de conteúdo, fortes e torrenciais espelham em progressão desenfreada um estado de alma que os torna por isso mesmo verdadeiros e originais.

(...)

Mas a beleza maior consiste justamente na captação dos momentos, dos actos, dos edifícios, das gentes que são o todo de uma vida de contínua observação humana.”

Fátima Marques

Professora, Madeira

(Abreu 1994: 9)

“Os textos de João Carlos Abreu enunciam referência precisa, momentos concretos, como se ele fosse datando o tempo de uma vivência pessoal, traduzida agora em cada poema, viagem e cenário de permanentes inquietudes.”

José de Sainz-Trueva

Director do Museu de Arte Contemporânea, Madeira

(Abreu 1994: 12)

“Dona Joana Rabo-de-Peixe é um regalo saborosíssimo, com uma autenticidade tocante, faz lembrar Jorge Amado mas não é Jorge Amado (...).”

Pedro Tamén

Poeta, Lisboa

(Abreu 1996: contra capa)

“ (...) Um percurso poético que, apesar de marcadamente individual, se articula com parâmetros caracterizadores da prática da poesia portuguesa mais recente, o que se pode comprovar na coragem do assumir de uma clara vertente de puro lirismo, aliada à subtil presença da neblina de uma subtil narrativa (...).”

“ (...) O poeta João Carlos Abreu segue este difícil caminho que conduz à conciliação da extrema contenção e simplicidade do intimismo com a abertura de possibilidades de expansão da narrativa poética (...).”

Ana Margarida Falcão

Escritora e professora da Universidade da Madeira

(Abreu 2005: 5-8)

3.7.A Pintura

“A pintura é um momento de loucura da minha vida. Comecei a pintar porque queria mudar o visual do meu gabinete para o novo milénio.”.

João Carlos Abreu

11 de Março de 2008

João Carlos Abreu começou a pintar em 1997, a sua pintura não é figurativa, não tem técnica, mas tem força. A mescla de cores, como o próprio afirma, nasce do momento, do estado de espírito, da força e da alma.

De seguida passamos a descrever, extractos da entrevista que fizemos a João Carlos Abreu, em Janeiro de 2008, que nos contam algumas situações curiosas acerca das suas pinturas.

“Ainda ontem (24/01/2008) pintei um quadro que ofereci a um amigo, pintei para não pintar e até escrevi atrás “já não pinto mais a partir de agora”. Tem tanta mistura de tintas que o fundo do quadro tem uma côr que ninguém consegue fazer, nem eu! Fiz e desfiz, misturei acrílico com óleo, por engano, mas o resultado foi uma obra viva, com energia, força e alma.

(...)

Aquela outra pintura (fig.57), estava eu no meu gabinete, na Secretaria do Turismo e Cultura, e um dia houve um artista suíço que tinha uma reunião marcada comigo e que me alertou para o facto do quadro estar ao contrário e que com certeza o artista não iria gostar de ver o seu trabalho adulterado. Ele mostrou-me um veleiro no centro do quadro, quadro esse que, segundo ele, estava ao contrário, acedi prontamente e...virei o quadro. Mal sabia ele que o artista era eu. Agora toda a gente vê o veleiro direito...a minha assinatura é que está ao contrário!

(...)

Um dia o Embaixador da Áustria descreveu pormenorizadamente a alma do artista, sem nunca saber que tinha sido eu a pintar. Disse-lhe que conhecia o artista mais ou menos bem e também lhe disse que tudo aquilo que ele tinha dito coincidia com aquilo que descrevia. Por fim, disse-me para felicitar o meu amigo.

Eu nunca deixava que fotografassem os meus quadros mas houve um dia que uma das minhas secretárias permitiu um jornalista fotografa-los. Tempos depois, sem nunca saber que tinham fotografado as pinturas, estava eu em Lisboa, a folhear uma revista, quando de repente me deparo com fotografias dos meus quadros com a respectiva crítica. Foi uma surpresa muito agradável até porque as críticas eram boas.”.



Fig. 57
Quadro pintado por
João Carlos Abreu e
onde é visível um
veleiro ao centro.

3.8.O teatro e a representação

A 17 de Outubro de 2007, João Carlos Abreu estreia-se como autor, no Teatro Baltazar Dias, no Funchal, com a peça “*La Nonna*”, da responsabilidade do grupo de amadores “*Contigo Teatro*” (fig. 58). Diz que, ao subir ao palco, sentiu um misto de emoção e responsabilidade. Emoção por ver o teatro repleto de gente e responsabilidade pelo facto, de ter tido muita dificuldade em decorar o papel, já que na vida nunca decorou as intervenções e discursos que fez. Lia-os ou fazia-os de improviso. Diz, também, que esta experiência serviu para melhor compreender que o teatro não é apenas a representação. É a alma dos actores que vivendo intensamente os personagens por vezes confundem a ficção com o real.

A 7 de Junho de 2008 João Carlos Abreu repetiu a experiência no mundo do teatro, participando no elenco da peça “*A Ceia dos Cardeais*” integrada no programa das comemorações dos “500 Anos do Funchal” e, cujas receitas reverteram para a

CRIAMAR – Associação de Solidariedade para o Desenvolvimento e Apoio a Crianças e Jovens.



Fig. 58
Cartaz a anunciar *LA NONNA*

3.9. A Associação *CRIAMAR*

Dirigir uma Associação de solidariedade é o sonho de há alguns anos que João Carlos Abreu transforma, agora, em realidade. A *Associação de Solidariedade para o Desenvolvimento e Apoio a Crianças e Jovens - CRIAMAR*, é um projecto para 3 anos, criado pelo Grupo Pestana e direccionado, às crianças em risco, institucionalizadas, dos 6 aos 12 anos, da Região Autónoma da Madeira.

Este projecto engloba áreas expressivas como a música, a dança, as artes plásticas e a criação literária bem como uma área de animação lúdica que inclui visitas pedagogias a locais de interesse cultural. O objectivo é contribuir para que estas crianças sejam mais receptivas às realidades do mundo globalizante onde vivemos.

4. Património e Reabilitação do edifício do Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu

O nosso estudo incidirá, agora, sobre a reabilitação do edifício nº 2 da Calçada do Pico, que foi concebido como residência e posteriormente adquirido pelo Governo Regional da Madeira em 2002. Este palacete, construído nos finais do século XIX, foi então transformado e adaptado a centro cívico e cultural com o objectivo de albergar todo o espólio doado à Região pelo madeirense João Carlos Abreu Abreu.

Esta abordagem será feita através de comparações de plantas e fotografias actuais e anteriores à reabilitação do edifício. Para facilitar o paralelismo entre os dois períodos, optou-se por colocar todas as fotografias, até 1998, a preto e branco e as actuais a cores.

Primeiramente, faremos uma apresentação do edifício, sua localização e breve referência histórica para posteriormente tratarmos da reabilitação propriamente dita do edifício. Esta abordagem será feita através da apresentação das Plantas do Existente, datadas de Janeiro de 1998, e das plantas da alteração de 2001. O «antes» e o «depois» serão mostrados através do confronto de plantas e/ou fotografias. No final, elaboraremos um diagnóstico estratégico do edifício reabilitado, agora instituição pública, através do modelo de análise *SWOT*. O objectivo é fazer o ponto da situação do organismo para melhor rentabilizar o espaço no presente e no futuro

4.1. Enquadramento

Localização

Situado na Calçada do Pico nº 2 e 4, Freguesia de São Pedro, Concelho do Funchal, o “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*” faz arrife sobre a Travessa das Capuchinhas, confrontando na Calçada de Santa Clara com o Convento de Santa Clara e na Calçada do Pico com o Museu Quinta das Cruzes (fig.59).

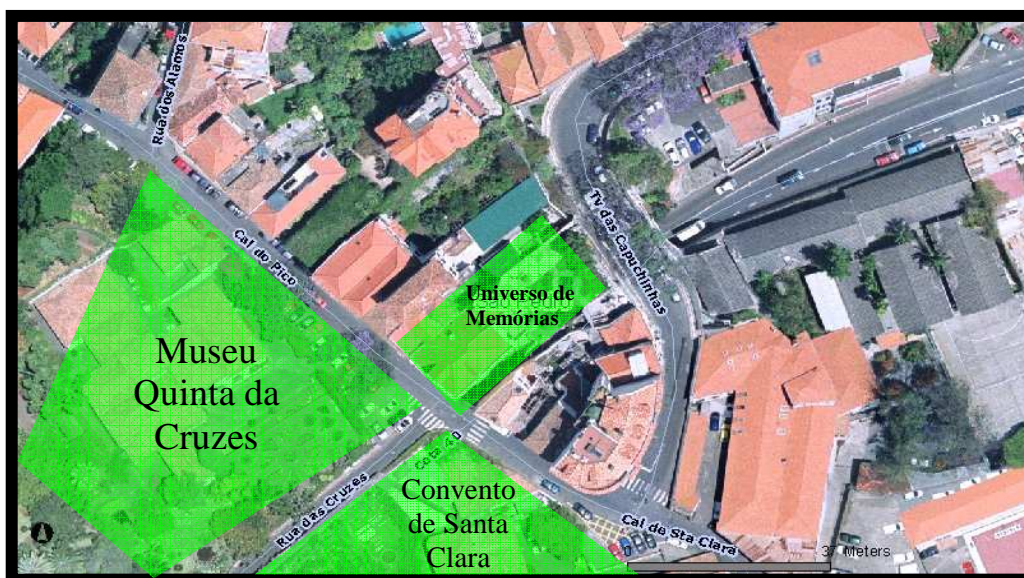


Fig. 59
Vista aérea da zona onde está situado o “Universo de Memórias João Carlos Abreu”

Breve referência histórica

O edifício foi construído para uma função residencial tendo sido utilizado como tal até 1998. Em 2002 foi adquirido pelo Governo Regional da Madeira e transformado em centro cívico e cultural.

O documento mais antigo, encontrado sobre o edifício, data de 27 de Outubro de 1888 (fig.60) e prova que foi pertença do madeirense, comerciante na Guiana Inglesa, Simeão Francisco que faleceu na casa a 23 de Janeiro de 1900.

Segundo informações de M^a Beatriz M. P. F. G. Farinha Faria⁴³ que nasceu na casa em 1927 (fig. 61), o seu avô herdou-a, no início do século, do seu padrinho João Carlos Abreu Castro, passando posteriormente para o seu pai, João Remigio Gonçalves Farinha. Entre 1930 e 1974 a casa foi alugada ao médico Nuno Porto, passando, a partir dessa data até 1998, a viver lá a família proprietária. Em 1998, o edifício foi adquirido pelo arquitecto Norberto Melim que, em 2002, vende ao Governo Regional da Madeira. É nesta altura que se faz a reabilitação do edifício para ser adaptado a centro cívico e cultural. Todo este processo de reabilitação foi acompanhado por João Carlos Abreu Abreu uma vez que a casa teria de ser adaptada para receber o espólio que doou à Região.

⁴³ Proprietária da casa até 1998.

N.º 1. - Em 5 de Novembro de 1888. Se-
nhora Francisca, Casada, proprietária
viúva, e moradora nesta cidade, apre-
 sentou sob N.º 4 do Diário, uma es-
 critura; publica celebrada em 27 de
Outubro de 1888 off. 6.º e uno do L.º 34 das
notas do tabelião da Comarca - do
Funchal Joaquim Urbano de Sousa.
 Por este documento inscrevo defi-
 nitivamente em favor do apresentan-
 te a transmissão do domínio útil
 do prédio urbano situado a Calçada
 do Pico, freguesia de São Pedro, Dis-
 crito sob N.º 37 off. 75 un. do L.º 1731.
 A extinta Conservatoria do Concelho
 do Funchal, averado com o foro de trez
 mil. Duzentos deuzenta e Dois e mais reis
 como rendimento em 4 Doutores de cada
 anno a favor do Capitão Jacinto An-
 tónio Loureiro, casado, morador nesta
 cidade; - domínio útil comprado por
 elle apresentante pela quantia de
 Dois contos e nove-cintenta e seis
 e Joas Urbano Curado de Vasconcellos,
 por de: como procurador da sua mu-
 lher D. Carolina Amélia de elle-
 zere Vasconcellos e de sua irmã
 D. Luiza de S.ª D.ª de Barros Luiza
 Curado de Vasconcellos, solteira,
 D. Maria de S.ª, todas proprietárias,
 e aquelles moradores nesta cidade e
 nesta freguesia da Boa Ventura,
 com authorza de referidos deuzentos e
 sessenta e seis e mais o competente lan-
 çamento de quarentena. -
 Ins. p.º sob N.º 4 da letra - L.º off.
 4.º un. do 4.º un. da Com. civ. do Funchal
 Conservatoria do Funchal
 Antonio Luis Albuquerque

Doc. 45 - Registo de posse da casa da Calçada do Pico n.º 2.

Fig. 60
 Registo de posse (1888) da casa da Calçada do Pico nº2



Fig. 61
João Remígio com a
filha Mª Beatriz ao colo
no jardim do actual
*“Universo de
Memórias”*
1927

4.2.Reabilitação

Exteriores

Fachada Oeste

As únicas alterações desta fachada incidiram nas janelas de sacada do 2º andar, que eram de estores de madeira (fig. 64) e foram substituídos por *tapa-sol* também de madeira (fig.66). A caixa dos estores, situada na parte superior de cada janela, deu lugar aos *lamberquins* (figs. 66 e 67).



Fig. 62
Fachada Oeste – Planta do Existente
1998



Fig. 63
Fachada Oeste – 2º e 3º
andares e água-furtada
2007



Fig. 64
Janela de sacada com
estores de madeira – 2º
andar
Década de 80

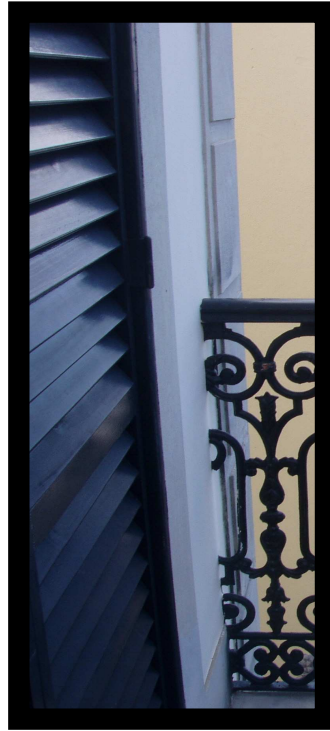


Fig. 65
Janela de sacada com tapa-
sol de madeira – 2º andar,
2007



Fig. 66
Janela de sacada com tapa-sol de madeira e
lamberquins – 2º andar
2007

			Moeda=PTE
Designação	Quantidade	Preço Unitário	Total
6.1.2 Com 0.80x2.00	4,000 un		
6.2 Fornecimento e assentamento de madeira em madeira existente, incluindo pintura a tinta de esmalte verde	60,000 m2		
6.3 Fornecimento e assentamento de forra-mento de madeira em madeira existente, incluindo pintura a tinta de esmalte verde	2,000 un		
6.4 Fornecimento e assentamento de esmalte do tipo verde em vãos interiores e exteriores, incluindo as reparações necessárias das superfícies a pintar	270,000 m2		
6.5 Fornecimento e assentamento de esmalte do tipo verde em vãos interiores	50,000 m2		
6.6 Fornecimento e assentamento de guarda de escadaria interior, constituída por balustres de madeira	30,000 ml		
6.7 Fornecimento e assentamento de rodapés em madeira idênticos ao existente, incluindo pintura a tinta de esmalte	15,000 ml		
6.8 Fornecimento e assentamento de corrimão em madeira, assente sobre guarda de varanda em ferro forjado, existente ao nível do piso 2, incluindo respectiva pintura ou envernizamento	11,600 ml		
6.9 Fornecimento e assentamento de lambrguins dos vãos exteriores, incluindo pintura a tinta de esmalte	4,800 ml		
6.10 Execução de reparação e pintura a tinta de esmalte em rodapés de madeira, existente	462,000 ml		
6.11 Fornecimento e montagem de bancos em madeira corridos incluindo pintura			

Fig. 67

Pag. 5, ponto 6.9 do projecto «Recuperação de imóvel para adaptação a museu» – Concreto Plano Sociedade de Construções, Lda, 25 de Julho de 2001 (a falta de qualidade desta cópia deve-se ao facto do documento original encontrar-se em mau estado de conservação)

Fachada Este e Jardim

O local que foi *Marquise* (fig.69) é hoje a “Recepção e Loja de Vendas” do “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*” (fig.70). Sobre os *vitrais* da porta e das janelas foi colocado um gradeamento em *ferro forjado* pintado de preto e os vidros transparentes, da parte inferior das janelas (fig.71), foram substituídos por vidros foscos de cor amarela (fig.72).

A varanda do 1º andar (fig.73) foi fechada com vidros transparentes e o *lambrequin* foi retirado (fig.74). O balcão em cimento enxadrezado foi mantido (figs.75 e 76). O gradeamento da janela do rés-do-chão foi substituído por outro do mesmo género (figs.77 e 78).

O jardim foi a parte da casa que sofreu mais alterações, no entanto manteve-se a calçada portuguesa e madeirense, o lago em *fajoco* com decorações geométricas e alguns dos gradeamentos em *ferro forjado*.

Até 2001 o jardim era ladeado por um pombal e por uma *Casinha-de-Prazer* que deram lugar a um Auditório e a uma Casa de Chá respectivamente, ambos feitos em alumínio e vidro (fig. 84). As escadas de cimento, que davam acesso ao jardim, foram forradas em madeira e espelhos e o tanque de lavar roupa tapado e pintado de verde (figs.79 e 80). O corredor Norte do jardim foi incluído na Casa de Chá (figs.81 e 82) e o corredor Este coberto por arcos em *ferro forjado* pintados de preto (figs.87e 88). Apesar do lago ter sido mantido, ele é hoje encimado por mais duas armações em *ferro forjado* pintado de preto (figs. 89 e 90) e o centro é agora decorado por uma *estatueta hidráulica* em bronze em forma de menino (figs.91 e 92).



Fig. 68
 Fachada Este – Planta do Existente
 1998



Fig. 69
 Marquise
 Década de 70



Fig. 70
 “Recepção e Loja de vendas”
 2007



Fig. 71
Janela da marquise
Década de 70

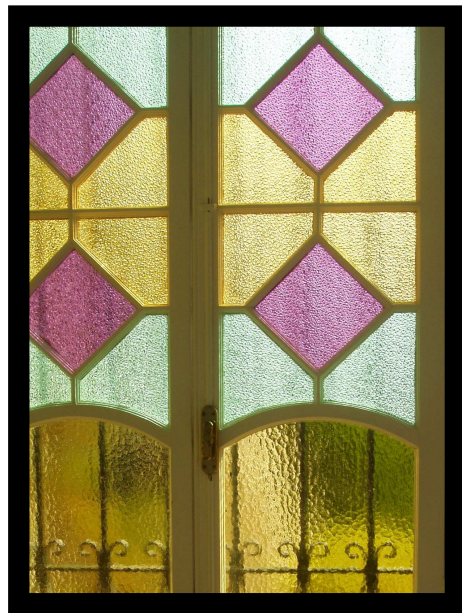


Fig. 72
Janela da Recepção e Loja de vendas
2007



Fig. 73
Jardim e varanda 1º andar
Década de 70



Fig. 74
Jardim e varanda 1º andar
2007



Fig. 75
Varanda 1º andar
Década de 70



Fig. 76
Varanda 1º andar
2007



Fig. 77
Calçada madeirense e gradeamento da
janela do rés-do-chão
1981



Fig.78
Calçada madeirense e gradeamento da janela
do rés-do-chão
2007

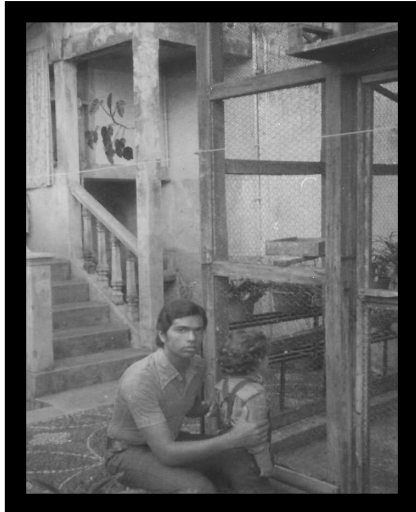


Fig. 79
Jardim, tanque de lavar ao fundo do lado esquerdo e pombal, 1980



Fig. 80
Casa de Chá, 2007



Fig. 81
Jardim e pombal
Década de 80



Fig. 82
Casa de chá
2007

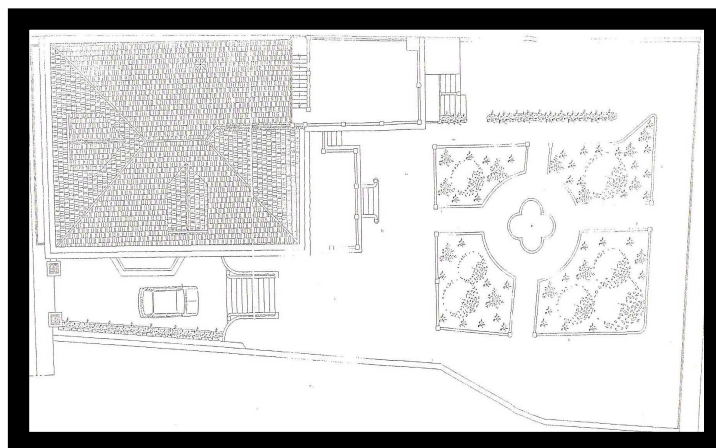


Fig. 83
Jardim – Planta do Existente
1998

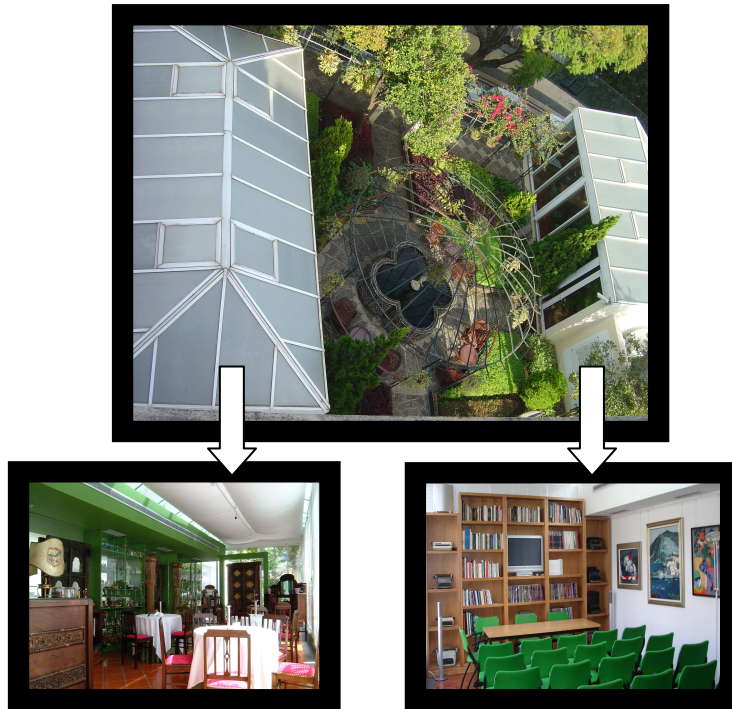


Fig.84
 Jardim ladeado à esquerda pela Casa de Chá e à direita pelo
 Auditório,
 2007



Fig. 85
 Jardim e Pombal
 1981



Fig. 86
 Jardim e Casa de Chá
 2007



Fig. 87
Corredor Este do jardim e
Casinha-de-Prazer
Década de 80

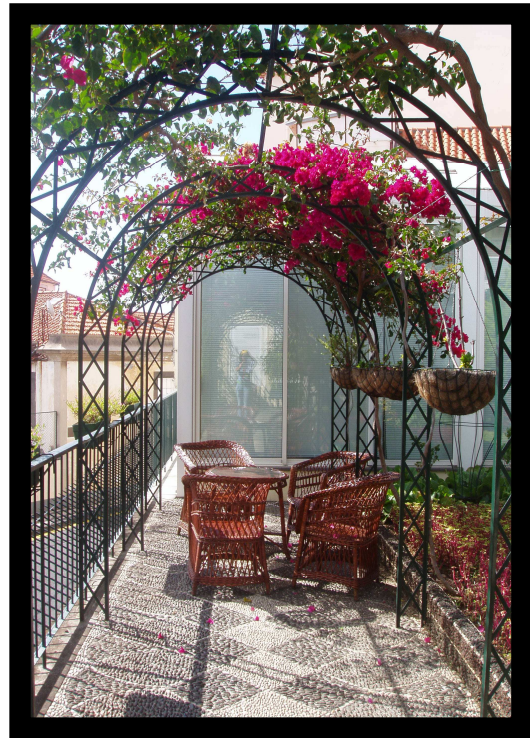


Fig. 88
Corredor Este do Jardim e Auditório
2007



Fig. 89
Jardim; Lago encimado por armação em
ferro forjado
Década de 70

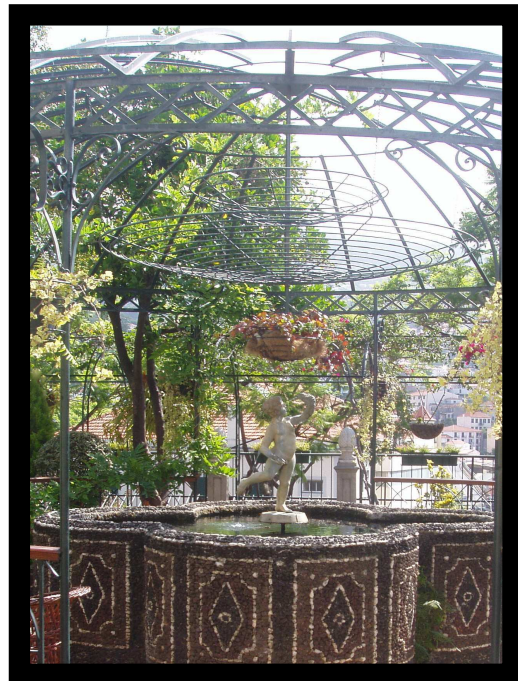


Fig. 90
Jardim; Lago encimado por duas armações
em ferro forjado
2007



Fig. 91
Lago e jardim
Década de 80

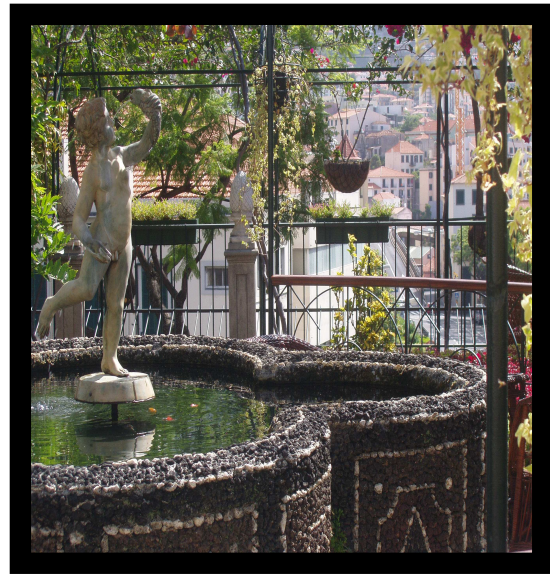


Fig. 92
Lago com estatueta hidráulica em bronze em
forma de menino
2007

Fachada Sul

Nesta fachada a única alteração foi na colocação, no *avançamento*, de um alpendre de vidro com armação em ferro forjado pintado de branco, por cima da porta principal (figs. 94 e 95).



Fig. 93
Fachada Sul – Planta do Existente
1998



Fig. 94
Entrada principal, década de 70



Fig. 95
Entrada principal; Alpendre de vidro
com armação em ferro forjado
pintado de branco
2007

Interiores

Rés-do-chão

Na Rés-do-chão não houve alteração na estrutura da casa nem nas divisões dos quartos mas as funções destes eram outras, por sinal muito distintas daquelas que são hoje. Assim, onde é hoje a “Sala da recepção” foi durante os anos 80 sede provisória do Volei Clube do Funchal (fig.98), a “Biblioteca” do “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*” foi, entre os anos 80 e 90, Salão de Bailes e de preparação de fatos de Carnaval e o escritório foi um bar privado chamado “Caixa d’Ovos” por ser todo ele forrado com essa espécie de caixas.



Fig. 96
Rés-do-chão – Planta do Existente
1998



Fig. 97
Rés-do-chão – Planta Alterada
2001

N.º 20.1348
66
21.8.87

fls 218
3
[Handwritten signature]

DOCUMENTO ORGANIZADO NOS TERMOS DO NÚMERO DOIS DO ARTIGO SE-
TENTA E OITO DO CÓDIGO DO NOTARIADO QUE INSTRUI A FORMATURA DATA
DA DE VINTE E UM DE AGOSTO DE MIL NOVECENTOS OITENTA E SEIS DO
PARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE SANTA CRUZ.

- 0 -

ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO DENOMINADA "VOLEI CLUBE DO FUNCHAL"

- 0 -

ARTIGO PRIMEIRO

É fundada uma associação com a denominação de "VOLEI CLUBE DO FUN-
CHAL" que tem por fim a promoção cultural, desportiva e recreativa
dos seus associados, a prática do Voleibol e tenística provisória
na Salgada do Pico número quatro, freguesia de São João, na cidade
e concelho do Funchal. A sua duração é por tempo indeterminado.

ARTIGO SEGUNDO

Os associados ficam obrigados ao pagamento de uma taxa no acto de
inscrição e de uma quota mensal a estabelecer pela assembleia ge-
ral, alterável por deliberação da mesma assembleia.

ARTIGO TERCEIRO

São órgãos do clube: A mesa da assembleia geral, a direcção e o
conselho fiscal.

ARTIGO QUARTO

A competência e forma de funcionamento da assembleia geral são
prescritas nas disposições legais aplicáveis, nomeadamente os ar-
tigos cento e setenta a cento e setenta e nove do Código Civil.
Parágrafo único - A mesa da assembleia geral será composta por três

Fig.98
Pag. 3 dos Estatutos do "VOLEI CLUBE DO FUNCHAL", 21 de Agosto de 1987 (a
falta de qualidade desta cópia deve-se ao facto do documento original encontrar-se em
mau estado de conservação)

1º Andar

Neste andar também não foi feita nenhuma alteração nas divisões dos quartos. As mudanças fizeram-se ao nível do polimento das madeiras dos corrimãos⁴⁴, que eram escuras e, neste momento, estão visivelmente mais claras (figs.101 e 102) ao nível da pintura dos tectos (figs.109, 110 e 111) e das cores das paredes que eram predominantemente beiges e que, hoje, estão pintadas de cores fortes. O pavimento dos corredores e salas principais mantém-se.

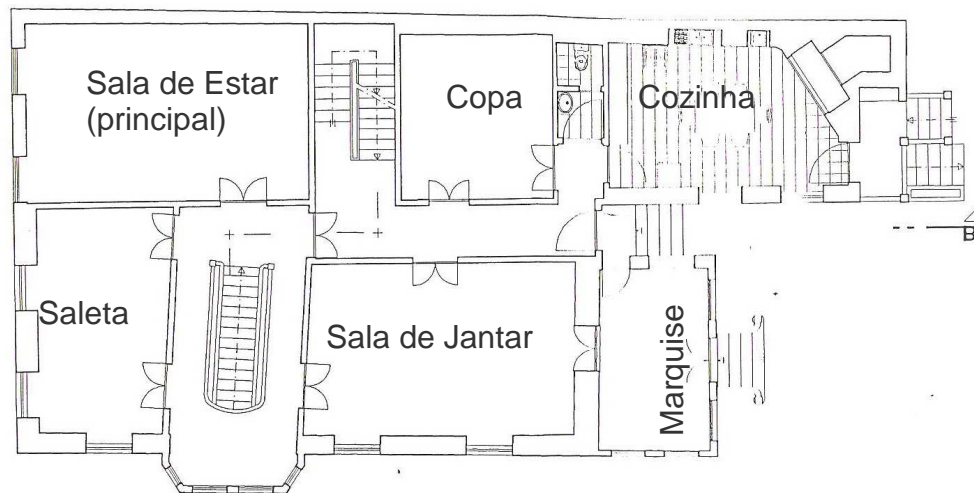


Fig. 99
1º Andar – Planta do Existente
1998



Fig. 100
1º Andar – Planta Alterada
2001

⁴⁴ Este polimento foi feito nos corrimãos de madeira de toda a casa.



Fig. 101
Entrada principal
Década de 70

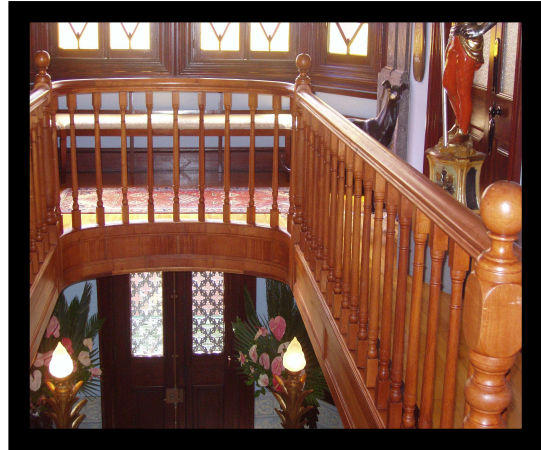


Fig. 102
Entrada principal
2007



Fig. 103
Patamar
Década de 80



Fig. 104
Patamar
2007



Fig. 105
Porta de passagem entre a Sala de
Jantar e a Marquise
1990

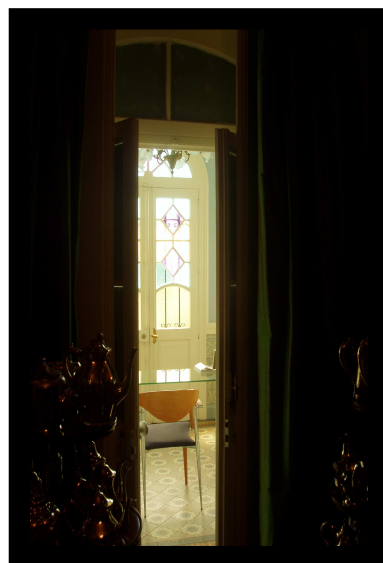


Fig. 106
Porta de passagem entre a Sala de
Jantar e Recepção e Loja de Vendas
2007



Fig. 107
Pormenor do chão da Sala de Jantar,
Década de 80



Fig. 108
Pormenor do chão da Sala de Jantar
2007



Fig. 109 - Pormenor do tecto pintado do
Patamar
2007



Fig. 110 - Pormenor do tecto pintado da
“Sala das Viagens”
2007

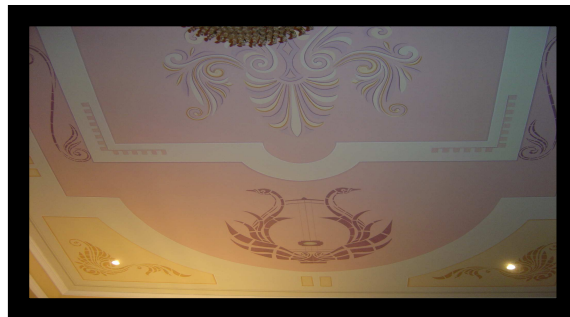


Fig. 111 - Pormenor do tecto pintado da “Sala
Roxa”
2007

			Moeda=PTE
Designação	Quantidade	Preço Unitário	Total
superfícies a tratar	70,000 m2		
3.6 Execução de pintura a tinta plástica, cor a escolher, sobre estuque marmoreado (creme) em paredes existentes, incluindo as necessárias reparações das superfícies a tratar	260,000 m2		
3.7 Execução de pintura a tinta texturada, cor a escolher superiores, incluindo as necessárias reparações das superfícies a tratar	511,000 m2		
3.8 Execução de pintura de fingimentos em alçados e vãos exteriores	110,000 m2		
3.9 Execução de pintura de quadros exteriores constituídas por pinturas de betão pré-fabricado	12,000 m2		
4			
REVESTIMENTO DE TECTOS			
4.1 Execução de pintura a tinta plástica anti-fungos em tectos das zonas húmidas (instalações sanitárias e cozinha), incluindo as necessárias reparações das superfícies a tratar	68,000 m2		
4.2 Execução de pintura a tinta plástica normal cor branca, sobre reboco em tectos interiores existentes, incluindo as necessárias reparações das superfícies a tratar	356,000 m2		
4.3 Execução de pintura a tinta plástica, cor a escolher, sobre estuque marmoreado (creme), com motivos ornamentais, em tectos existentes no hall de entrada e biblioteca, incluindo as necessárias reparações das superfícies a tratar	145,000 m2		
4.4 Execução de pintura a tinta de esmalte sobre madeira no tecto da capela com motivos ornamentais	10,300 m2		

Fig. 112

Pag. 3, ponto 4.3, do projecto «Recuperação de imóvel para adaptação a museu» – Concreto Plano Sociedade de Construções, Lda, 25 de Julho de 2001. (a falta de qualidade desta cópia deve-se ao facto do documento original encontrar-se em mau estado de conservação).

2º Andar

Este foi o andar que sofreu mais alterações. Os quartos de dormir foram abertos através da inserção de três *arcos plenos*, à semelhança do arco já existente no quarto de dormir pertencente aos donos da casa (fig.113). O pavimento, em soalho listrado, só existia no quarto de dormir dos donos da casa. Por isso, aquando da junção dos quartos, foi necessário fazer, com madeiras de tonalidades aproximadas aquelas já existentes, a continuação das listras. A única diferença, vista a olho nú, está na largura das ripas (figs. 115 e 116). O tecto do Oratório foi pintado de azul com estrelas douradas (figs. 118 e 119).



Fig. 113
2º Andar – Planta do Existente,
1998

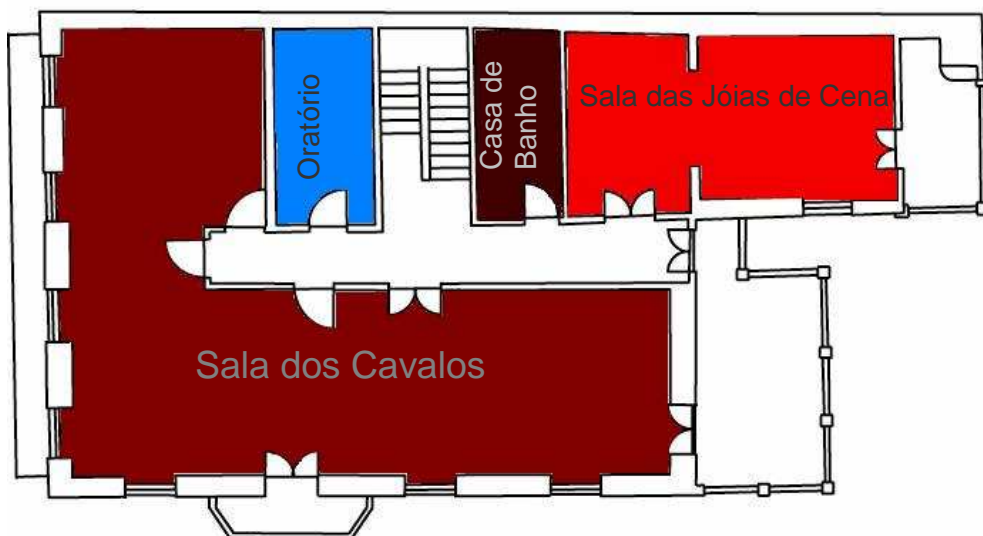


Fig. 114
2º Andar – Planta Alterada
2001



Fig. 115
"Sala dos Cavalos"
2007

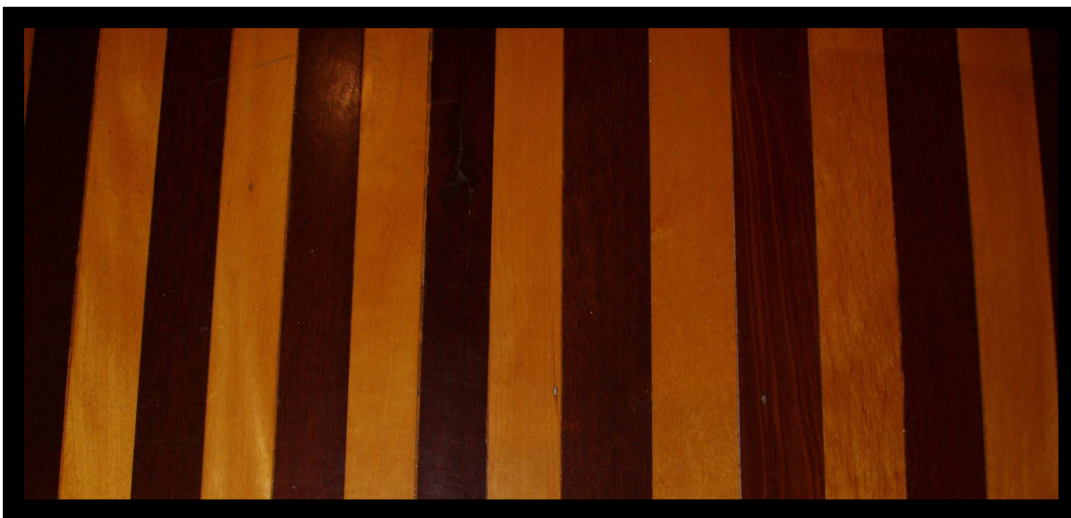
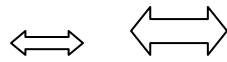


Fig. 116
"Sala dos Cavalos" – pormenor do pavimento
2007

			Moeda=PTE
Designação	Quantidade	Preço Unitário	Total
5			
REVESTIMENTO DE PAVIMENTOS			
5.1			
Fornecimento e assentamento de mosaico natural polido 30x30 cm, incluindo base em placas de contraplacado marítimo, cola, betoneira e limpeza final, nos pavimentos das instalações semelhantes a recuperar	44,000 m ²		
Fornecimento e assentamento de soalho idêntico ao existente, incluindo estrutura de apoio, afagamento e polimento ou envernizamento	101,000 m ²		
5.3			
Execução de barramento do pavimento das varandas no alçado Norte com cimento vermelho	1,000 m		
5.4			
Execução de afagamento e polimento ou envernizamento dos pavimentos de madeira existentes	17,000 m ²		
5.5			
Idem, idem em cobertores e espelhos das escadas interiores	59,000 ml		
5.6			
Execução de recuperação e limpeza de pavimentos interiores existentes em betonilha	124,600		
6			
CARPINTARIAS			
6.1			
Fornecimento e assentamento de portas interiores em madeira com acabamento a esmalte incluindo ferragens			
6.1.1			
Com 0.70x2.00	4,000 un		

Fig.117

Pag. 4, ponto 5.2 do projecto «Recuperação de imóvel para adaptação a museu» – Concreto Plano Sociedade de Construções, Lda, 25 de Julho de 2001. (a falta de qualidade desta cópia deve-se ao facto do documento original encontrar-se em mau estado de conservação)



Fig. 118
Pormenor do tecto do Oratório, 2007

			Moeda=PTE
Designação	Quantidade	Preço Unitário	Total
superfícies a tratar	70,000 m2		
3.6 Execução de pintura a tinta plástica, cor a escolher, sobre estuque marmoreado (creme) em paredes existentes, incluindo as necessárias reparações das superfícies a tratar	260,000 m2		
3.7 Execução de pintura a tinta texturada em paredes exteriores, incluindo as necessárias reparações das superfícies a tratar	510,000 m2		
3.8 Execução de pintura de fingimentos em paredes exteriores	110,000 m2		
3.9 Execução de pintura de guardas exteriores constituídas por painéis de betão pré-fabricado	10,000 m2		
4			
REVESTIMENTO DE TECTOS			
4.1 Execução de pintura a tinta plástica anti-fungos em tectos das zonas húmidas (instalações sanitárias e cozinha), incluindo as necessárias reparações das superfícies a tratar	68,000 m2		
4.2 Execução de pintura a tinta plástica normal cor branca, sobre reboco em tectos interiores existentes, incluindo as necessárias reparações das superfícies a tratar	356,000 m2		
4.3 Execução de pintura a tinta plástica, cor a escolher, sobre estuque marmoreado (creme), com motivos ornamentais, em tectos existentes no hall de entrada e biblioteca, incluindo as necessárias reparações das superfícies a tratar	145,000 m2		
4.4 Execução de pintura a tinta de esmalte sobre madeira no tecto da capela com motivos ornamentais	10,300 m2		

Fig. 119
Pag. 3, ponto 4.4 do projecto «Recuperação de imóvel para adaptação a museu» – Concreto Plano Sociedade de Construções, Lda, 25 de Julho de 2001. (a falta de qualidade desta cópia deve-se ao facto do documento original encontrar-se em mau estado de conservação)

Água-furtada

Na água-furtada, foram abertos e ligados entre si, dois quartos que são hoje o “Quarto de dormir bege” e o “Quarto de dormir verde” (figs. 120 e 121). O antigo pavimento foi removido devido ao mau estado de conservação e substituído por soalho flutuante de cor pinho.

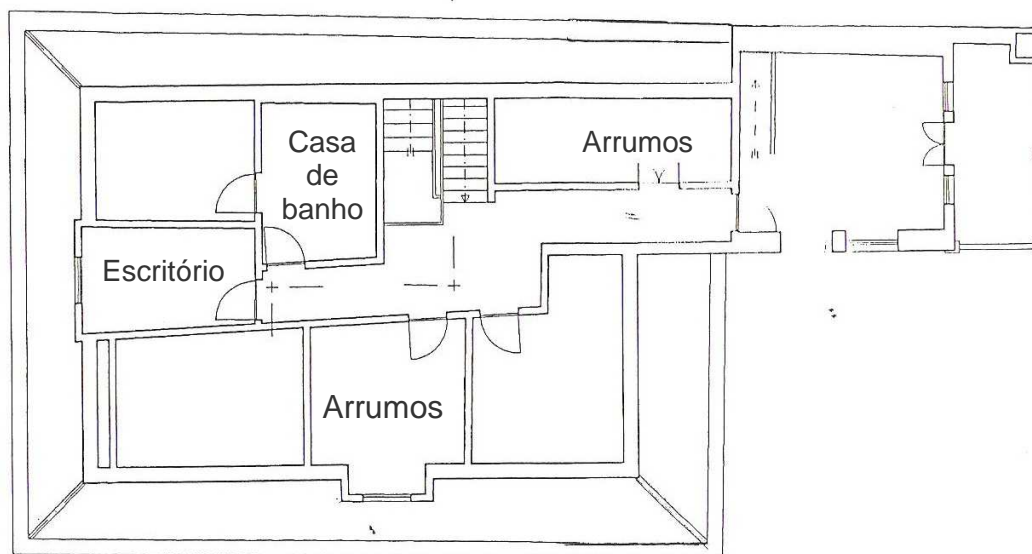


Fig. 120
Água-furtada – Planta do Existente
1998

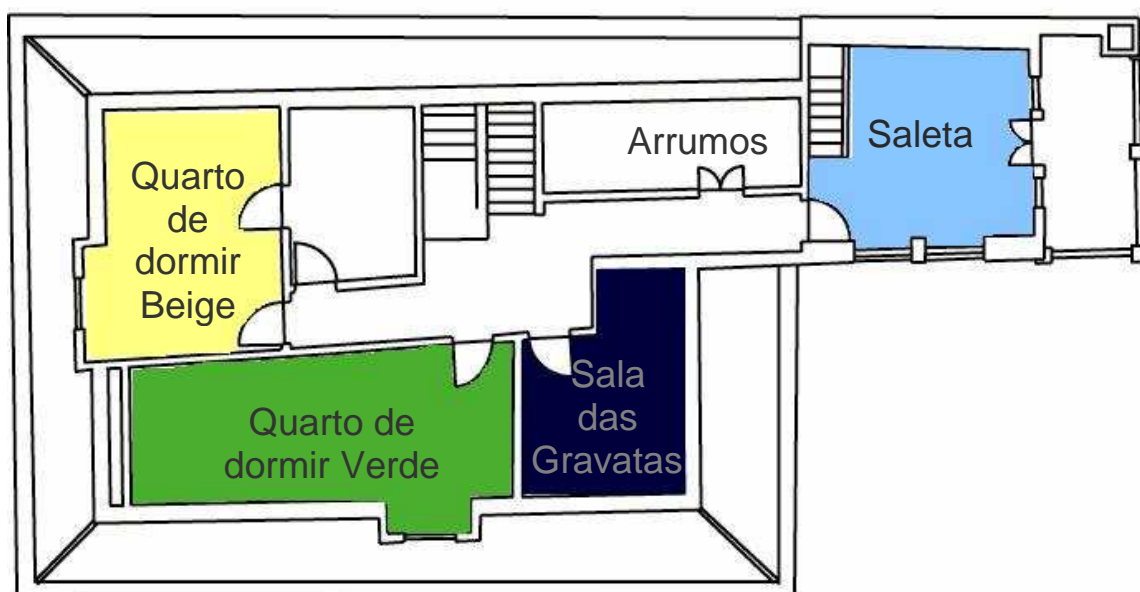


Fig. 121
Água-furtada – Planta Alterada
2001

4.3. Análise SWOT

A análise *SWOT* é um diagnóstico estratégico cujo objectivo é fazer o ponto da situação de uma empresa ou instituição, através dos seus pontos fortes e fracos, das oportunidades e das ameaças, de maneira rentabiliza-la a curto, médio e longo prazos.

A palavra inglesa SWOT é formada pela junção das iniciais dos quatro elementos-chave desta análise estratégica:

- ***Strenghts*** - pontos fortes: vantagens internas da instituição em relação às instituições concorrentes;
- ***Weaknesses*** - pontos fracos: desvantagens internas da instituição em relação às instituições concorrentes;
- ***Opportunities*** - oportunidades: aspectos positivos da envolvente com o potencial de fazer crescer a vantagem competitiva da instituição;
- ***Threats*** - ameaças: aspectos negativos da envolvente com o potencial de comprometer a vantagem competitiva da instituição.

A análise *SWOT* elaborada no quadro 1, demonstra que através da reabilitação de um edifício residencial do século XIX e da sua transformação em instituição pública de cariz cultural é possível rentabilizá-la a curto e longo prazo. O objectivo é, então, fazer das ameaças e pontos fracos oportunidades.

Centro Cívico e Cultural de Santa Clara
Universo de Memórias João Carlos Abreu

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
- Diversidade do espólio	- Número insuficiente de pessoal especializado em arte e línguas
- Auditório	- Orçamento reduzido para promoção, conservação de bens, trabalhos especializados como a elaboração de um catálogo do “ <i>Universo de Memórias João Carlos Abreu Abreu</i> ”
- Proximidade de escolas e de museus	- Fraca campanha de divulgação através de marketing e publicidade
- Acessibilidade	- Fraca programação e ocupação do Auditório
- Casa de Chá	- Ausência de parcerias com outras instituições museológicas
- Loja de Vendas	- Ausência de estudo de mercado
- Visitas guiadas	- Baixa rentabilidade financeira
- Visitas guiadas temáticas	
- Serviços Educativos	
OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
- Parcerias com hotéis e agências de viagens	- Concentração na zona de outros locais de interesse cultural
- Parcerias com escolas, centros culturais, ATL, Associações e afins	- Cinemas
- Orientação de estágios profissionais	- Desporto
- Aluguer do Auditório - Formação profissional, reuniões,...	- <i>Ateliers</i> de Tempos Livres
- Linha de merchandising para a Loja de Vendas	- Organização de excursões turísticas para outros locais de interesse
- Pacotes promocionais: visita guiada + chá/almoço/jantar	

Quadro1 – Análise Swot do Centro Cívico e Cultural de Santa Clara - Universo de Memórias João Carlos Abreu

Considerações finais

Apesar de não haver, no desenvolvimento deste ponto do trabalho, nenhuma descrição formal de “Património” e “Reabilitação”, achamos que os conteúdos apresentados explicam por si só estes dois conceitos. Ficou bem patente o valor patrimonial edificado de um palacete oitocentista assim como a importância de o conservar, reabilitando-o e revitalizando-o.

As transformações feitas no edifício harmonizam-se entre si fazendo com que o diálogo arquitectónico entre as três épocas distintas⁴⁵ se cumpra no convívio que estabelecem entre si e se confundam no eclectismo que caracteriza todo este espólio expositivo.

A reabilitação feita, para além de conservar determinadas características peculiares da casa, assumiu claramente aquilo que de novo foi introduzido como os anexos do jardim – Casa de Chá e Auditório.

O mais importante de todo este processo foi, indubitavelmente, a revitalização do espaço que transformou uma residência de difícil manutenção, para uma família de classe média, num espaço cultural. Espaço esse que, se não fosse adquirido pelo Governo Regional, provavelmente teria sido transformado em mais um bloco de apartamentos.

Por ser um espaço relativamente novo e algo controverso, devido à peculiaridade do espólio expositivo, ainda que faltando-lhe uma certa dinamização e divulgação. Esperemos que este estudo, com especial destaque para a análise *SWOT*, possa vir a contribuir para a sustentabilidade e rentabilização de um espaço de referência multicultural na Região.

⁴⁵ Primeira – Século XIX aquando da sua construção e que diz respeito ao corpo central do edifício; Segunda – início do século XX e que corresponde ao corpo *adossado* à fachada Este e Terceira – 2001 marcada pelos dois anexos do jardim – Casa de Chá e Auditório.

Capítulo II

A virtualidade

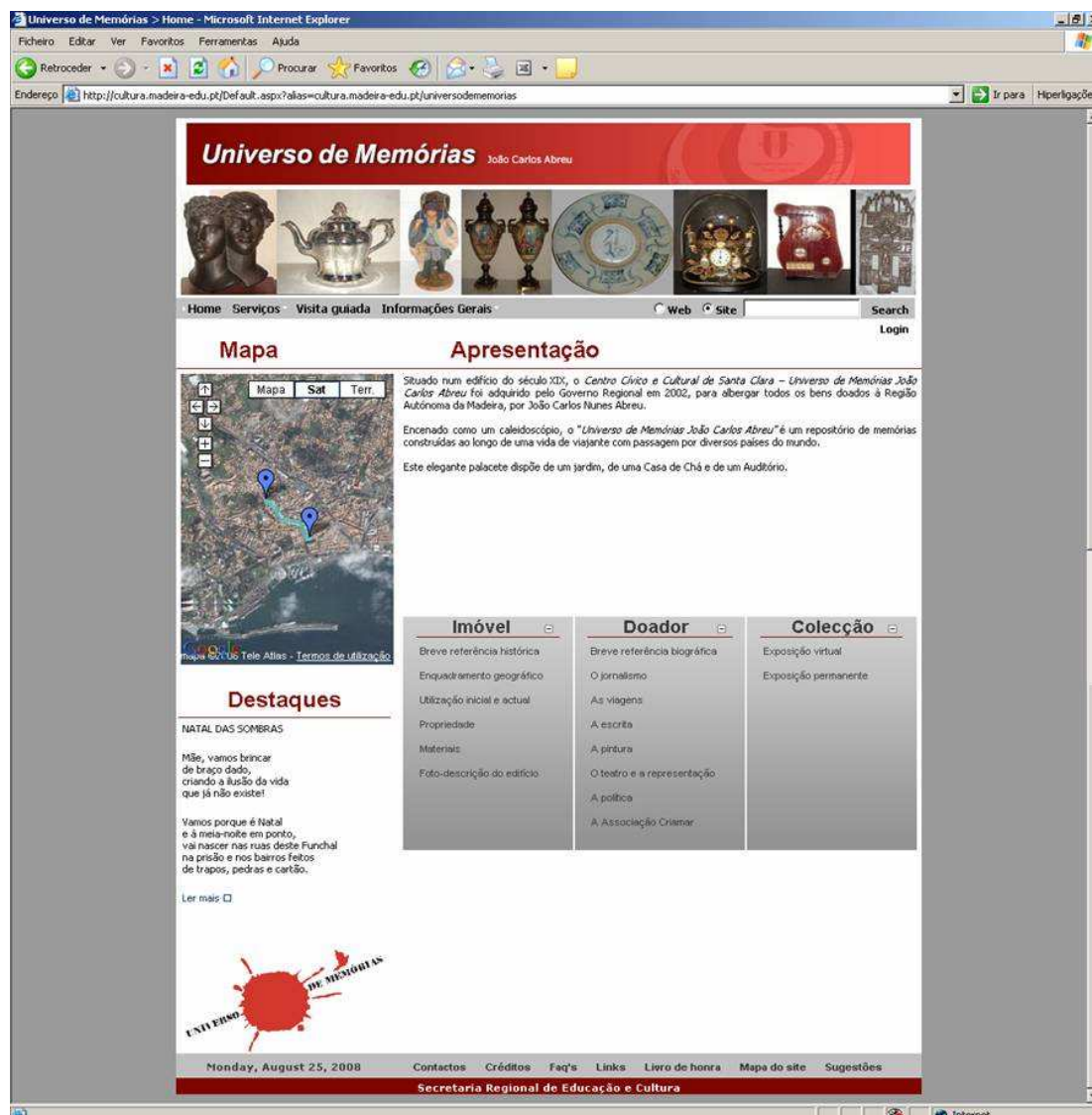


Fig. 122
Página de abertura do site do “Universo de Memórias João Carlos Abreu”

1.O virtual e o ciberespaço

Genericamente, o conceito de “virtual” é definido como um ambiente simulado por computador, muito próximo da realidade que transmite ao operador dando-lhe a impressão de que faz parte desse ambiente e lhe dá a possibilidade de intervir, através de um equipamento especial criado para esse fim.

Mas, a virtualidade é muito mais que um ambiente simulado por computador. O virtual altera as concepções de espaço e de tempo, causando um despreendimento do “aqui e agora”, embora não seja, necessariamente, a mutação de algo real em não-real. Não se opondo ao real, o virtual origina o surgimento de novas realidades particulares, conseguindo trazer à organização da sociedade uma maior liberdade motivada pelo surgimento de um novo espaço e a utilização de uma nova velocidade. As novas tecnologias da comunicação permitem-nos estar, simultaneamente “aqui e ali”, num e noutro espaço físico ao mesmo tempo, independentemente da distância, pois a velocidade de transmissão é muito rápida. A virtualização não vem eliminar os espaços já existentes, vem reforçá-los com a criação de novos. As fronteiras do real deixam de existir no virtual e as regras de organização física perdem o sentido que antes tinham.

O espaço virtual, denominado ciberespaço, onde se trocam todas as informações veiculadas pela *Internet* é um “não-lugar”. Segundo Marc Augé (1998:83), o termo “não-lugar” antropológico designa “ (...) *duas realidades complementares mas distintas. Espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer), e a relação que os indivíduos estabelecem com esses espaços*”. Para ele, o ciberespaço é um “não-lugar”, pois a relação que os indivíduos estabelecem com a *Internet* é própria de um espaço transitório, tal como conduzir um carro em uma rodovia ou comprar uma roupa em determinada loja.

Mas, o *ciberespaço* também é um *lugar*, na medida que cria relações entre pessoas através de redes, conexões, ... Nesse sentido, as instituições quando criam laços na rede podem transformar-se em lugares virtuais de memória. A transformação do “não-lugar” em lugar de memória é possível e cria novas relações com o uso da tecnologia.

Para Pierre Lévy⁴⁶, o *ciberespaço* é um novo espaço de interacção humana, em que os mundos virtuais se caracterizam pela simulação de exercício do real. Os objectos

⁴⁶ Filósofo e professor do Departamento de Hypermedia da Universidade de Paris VIII.

e o espaço no qual eles se inserem são agentes desta simulação, não têm realidade substancial, já que são imagens virtuais.

Também partilhamos, uns com os outros, de uma inteligência social que nos dá a faculdade de ter uma noção do todo, uma visão do mundo, dando-nos a possibilidade de alterar um pouco a realidade social que nos envolve. Assim, o *ciberespaço* é uma virtualização do mundo social já existente, mas mais aberto às mudanças culturais do que o espaço actual, favorecendo as conexões, as coordenações e as sinergias entre as inteligências individuais. O *ciberespaço* é uma virtualização da realidade, onde o Homem ainda ganha mais liberdade para essas alterações, um espaço onde a heterogénese acontece. Isto, porque, biologicamente, a inteligência humana é individual e semelhante culturalmente, altamente variável e colectiva, portanto. Daí que, a dimensão social da inteligência intimamente ligada às linguagens, às técnicas e às instituições seja notoriamente diferente de acordo com os lugares e as épocas.

Podemos dizer que o *ciberespaço* potencia a virtualização, por ser comum, dinâmico e construído por todos aqueles que o usam. Adquiriu este carácter de “não separação” por ter sido fabricado, aumentado e melhorado pelos informáticos, que foram, inicialmente, os seus principais utilizadores. É, pois, no *ciberespaço* que a virtualização se dá com mais intensidade.

2.O mundo da Internet

A *Internet* está a revolucionar a maneira como as pessoas se comunicam e isto também é válido na sua relação com a museologia, já que os museus, como qualquer outra instituição, estão presentes na rede mundial de computadores.

A criação de sites de museus proliferou a partir da década de 90, e são poucos os museus portugueses que ainda não possuem sites institucionais.

Começaremos, neste estudo, por falar das configurações da *Internet* e suas origens. Abordaremos, de seguida, as modificações causadas no mundo após o surgimento desta nova ferramenta.

2.1. Configurações

A Internet é uma rede mundial de computadores interligados, cujos nós geram um acesso rápido a qualquer conteúdo. Este acesso é feito através de uma ligação a um computador equipado com um modem ou com uma placa de rede ligada a um provedor de acesso. A ligação pode ser feita por telefone, por satélite ou por cabo.

A Internet é, igualmente, uma biblioteca em grande escala, com textos, livros, músicas, fotos, vídeos, jogos, etc., cujo conteúdo está armazenado em computadores servidores⁴⁷, dispersos por todo o mundo. Para que todos os computadores possam estar em rede foram criados protocolos de comunicação que permitem a troca de informações entre computadores e sistemas operacionais diferentes. Para cada tipo de função foi criado um protocolo específico:

- a) Acesso ao correio electrónico – símbolo arroba (@) no meio do endereço;
- b) Protocolo para Transferência de Arquivos – FTP;
- c) Protocolo de Transferência de Hipertexto – Acesso às páginas estáticas ou dinâmicas extraídas de base de dados – HTTP, utilizado nos *browsers*.

O sucesso da Internet reside no facto de ser descentralizada e de não haver nenhum órgão central de controlo. Cada nó da rede interliga-se de forma autónoma com os outros nós. Cabe, a cada país, a selecção de uma determinada instituição para o controlo da sua Internet e dos seus nomes de domínio. Em Portugal a entidade responsável é a FCCN. A manutenção é feita pelas entidades privadas e públicas que pagam as suas ligações. Os custos de manutenção dos sites são suportados pelos responsáveis dos conteúdos das páginas.

Um dos maiores usos da Internet é a consulta às páginas de conteúdo que só é possível usando a tecnologia dos hipertextos.

2.2. Breve historial

A ideia de uma rede que ligasse todos os computadores surgiu, nos EUA, no contexto da Guerra Fria, quando o Pentágono⁴⁸, com receio de uma Terceira Guerra, começou a investigar maneiras de armazenar dados que pudessem ser acessíveis em

⁴⁸ O Pentágono é a sede do Departamento de Defesa dos EUA.

vários *servidores* de maneira a salvaguardar, numa *rede* virtual, as informações vitais para a segurança do país. Daí poderemos dizer que a *Internet* nasceu por questões políticas e de segurança militar.

Em 1962, Joseph Licklider⁴⁹ escreveu uma série de artigos sobre o conceito “Galatic Network” que seria um conjunto de computadores, interligados, a partir dos quais qualquer pessoa poderia ter acesso às informações partilhadas, independentemente do local onde se encontrasse.

Em finais dos anos 60 começaram a aparecer as primeiras redes de computadores -*Tecnologias de Redes Locais ou LANs*⁵⁰.

Entretanto, surge o projecto *ARPA* do Departamento de Defesa dos EUA, que visava desenvolver projectos, que garantissem ao país a condição de super potência tecnológica. Assim, o *Pentágono* cede a rede para que possa ser utilizada como troca de informações entre as universidades americanas. Podemos dizer que o embrião da *Internet* nasceu em meados dos anos 70, com um consórcio constituído pelas Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA) e em Santa Barbara (UCSB), o Stanford Research Institute (SRI) e a Universidade do Utah, em Salt Lake City.

A *Internet* que conhecemos hoje começou a tomar forma com a junção de pequenas *redes* de informação espalhadas pelo mundo, durante as décadas de 70 e 80. Com o surgimento do computador pessoal (PC) e com o auxílio do *UNIX*, a ARPANET começou a ter um sentido mais amplo acabando por se dividir em ARPANET (rede científica) e MILNET (rede militar).

Em 1986, começam a surgir os protocolos de comunicação, o correio electrónico e o sistema *FTP* e *HTTP*. A *NSF* tornou-se o principal sustentáculo da *rede* das redes, agora com o nome de *Internet* ou *World Wide Web* (www), usando o sistema *TCP/IP*. Em 1989 foi criado, em Genebra, por Tim Berners-Lee e Robert Cailliau do *CERN* um sistema de informação baseado em hipertextos, que vai permitir a sua proliferação. Este sistema baseia-se em três ideias-chave: a navegação, a integração dos sistemas existentes (*e-mail*, *FTP*, ...) e o apoio multimédia.

Em 1990 a ARPANET foi desactivada e um ano mais tarde surge a mais importante ferramenta da Internet: o *HTTP*. Em 1993, surge o primeiro browser – o *Mosaic*, capaz de codificar e decodificar *hipertextos*, mas cujas funções são transferidas para a iniciativa privada pelo organismo do Governo Americano – *NSF*.

⁴⁹ Investigador do MIT – Massachusetts Institute of Technology. www.thocp.net/biographies/licklider_jcr.html, consultado em 20/04/2008.

⁵⁰ Local Area Networks.

A partir dos anos 90 o crescimento da *Internet* explodiu e atinge hoje milhões de máquinas. O crescimento da *World Wide Web* transformou a *Internet* numa plataforma de publicação, em suporte electrónico e de comércio e condução de negócios e transacções.

Com o decorrer dos anos tanto os *modems* como os computadores tornam-se, monetariamente, mais acessíveis e, conseqüentemente, ferramentas mais populares.

A história da *Internet* é feita de um “emaranhado” de pequenos acontecimentos, acelerados à medida que entramos nos anos noventa.

Em Portugal, as primeiras ligações à rede ocorreram em 1991 através do *PUUG* e da *FCCN*, que iniciou o registo de nomes de domínio “.pt”. Em 1992 o primeiro servidor *web* começou a funcionar. Podemos considerar 1994 como o ano zero da *Internet* em Portugal por ter sido o ano da inauguração do servidor de acesso à *Internet* pela *Telepac*⁵¹.

Os números da *Internet* crescem a cada ano de forma cada vez mais acelerada. Segundo dados do *Instituto Português de Estatística*⁵², entre 2003 e 2007, o número dos agregados domésticos portugueses que tinham acesso à *Internet* em casa subiu 17,9%. Em relação aos indivíduos com idade entre os 16 e os 74 anos que acederam à Internet o valor subiu 13,9%. No que diz respeito à Madeira, estes números, segundo dados da *Direcção Regional de Estatística*⁵³, este acréscimo foi ainda mais significativo. Assim, no primeiro caso houve um acréscimo de 22,9% e no segundo de 15,7%.

Mas, se trabalharmos com dados ao nível mundial chegamos à conclusão que a *Internet* ainda é uma forma de comunicação pouco utilizada. Em 2001, numa pesquisa realizada pela Internet Business demonstrou que 41% de todo o acesso mundial se concentrava nos EUA e Canadá. Os países mais pobres são justamente aqueles onde os números da *Internet* são menores, pois a exclusão digital é, também, uma face da exclusão social.

2.3. Uma nova mutação cultural

A *Internet* é uma nova mutação cultural da humanidade que está a modificar a maneira como as pessoas vêem o mundo.

⁵¹ Empresa Telepac – Comunicações Interactivas SA.

⁵² <http://www.ine.pt>, consultado a 12/04/2008.

⁵³ <http://estatistica.gov-madeira.pt>, consultado a 12/04/2008.

Às mutações culturais Pierre Lévy dá o nome de “tecnologias da inteligência”. Estas têm-se sucedido ao longo da história da humanidade, primeiramente nas sociedades de tradição oral, depois com o surgimento da escrita, com a criação da imprensa e, por último, com o surgimento da *Internet*. Segundo Lévy⁵⁴, esta mutação é fundamental à passagem das culturas de tradição oral para uma cultura escrita, pois permite-lhes conjugar características das sociedades orais, quando as mensagens eram recebidas no momento exacto da emissão, com elementos dos meios de comunicação actuais (escrita, televisão, rádio), permitindo igualmente a comunicação, mesmo sem o contacto directo, com o receptor da mensagem. Esta nova mutação cultural, chamada *Internet*, permite uma interacção maior entre emissor, receptor e mensagem, a que Lévy chama de “universalidade sem totalidade”.

Na nossa opinião, mais que uma mutação, a *Internet* será a revolução do século XXI, pois possibilitará uma nova forma de interacção do sujeito social com o seu mundo. Chamamos revolução porque as novas tecnologias, que evoluem quase diariamente, permitem um maior acesso às informações, de maneira globalizante e instantânea, e uma maior interacção entre emissores e utilizadores.

Segundo Jean-François Lyotard (1989:71), a *Internet* não ocupa espaços tradicionais já que tem “ (...) *capacidade global de memorização que devemos estimar à escala cósmica*”.

Mas, a revolução da *Internet* também é a revolução do *hipertexto*, uma forma de acesso à informação criada anteriormente, mas que teve a sua expansão com a *Internet*.

2.4. O hipertexto

Formado pela junção das palavras *hyperlink* e texto, o *hipertexto* é o nome que se dá às imagens ou palavras que dão acesso a outros conteúdos no mesmo documento ou em outros. Também é usada a palavra *link*.

A ideia de *hipertexto* foi anunciada pela primeira vez por Vannevar Busch, em 1945, num artigo publicado na revista “Atlantic Monthly”.

O *hipertexto* possibilitou o cruzamento de informações variadas, permitindo ao usuário uma maior *navegação* pelo conhecimento apresentado. No entanto, o *hipertexto*

⁵⁴ Artigos disponíveis do autor em www.sescsp.org.br/sesc/busca/geral/search.cmf?busca=pierre%20levy&buscaselect=4, consultado a 17/04/2008;

não é garantia total de *interactividade*, já que esta demanda outras características que o *hipertexto* não abarca, mas não deixa de ser uma forma de acesso às informações.

Considerações finais

A *Internet* transformou a relação das pessoas com o espaço, trazendo novos enfoques aos conceitos de tempo e de espaço. O tempo já não é entendido como outrora, pois a *Internet* criou formas de sintetizá-lo.

A *Internet* está em permanente mutação. Cada dia novas ferramentas surgem para facilitar o processo de comunicação, e o caminho apontado é o da convergência entre os vários meios de comunicação.

Ao dizer que o *hipertexto* é uma revolução dentro da revolução da *Internet*, reforça-se o poder de cruzamento de informações que ele permite. Na museologia, o *hipertexto* possibilita cruzar conteúdos que, em suportes físicos, seriam impossíveis. Essa possibilidade, bem como outras ferramentas também disponíveis, possibilitam novas *interacções* entre o património e os seus utilizadores.

Os museus passam a ter uma ferramenta que os podem levar além das suas próprias fronteiras.

3. Os museus e a *Internet*

A *Internet* possibilitou aos museus interagir de forma globalizada, alterando a noção de tempo e de espaço. A *Internet* dá a oportunidade dos museus de usarem novas formas de divulgação do seu acervo, criando novas perspectivas de apresentação como visitas virtuais, podendo atrair público para a visita ao espaço físico.

Os museus também procuram levar ao grande público informações sobre o conteúdo do seu acervo e sobre as actividades culturais desenvolvidas em seu espaço. Assim, o uso da *Internet* como meio de divulgação e comunicação possibilitou aos museus uma maior interacção com os utilizadores. Os museus transformam a *Internet* num espaço para a apresentação dos seus boletins, folhetos e catálogos, facilitando a difusão das suas actividades.

Para além do público em geral, a *Internet* nos museus também permite a interacção com os especialistas, possibilitando a montagem de redes de conexão entre várias instituições afins e com objectivos convergentes. Este uso pode ser feito através de discussões, *fóruns*, etc.

Também, através da *Internet*, podem criar-se colaborações multi-institucionais em que a instituição responsável pelo projecto convida outras instituições a participarem com conteúdos específicos, criando exposições permanentes e/ou temporárias. Infelizmente a maioria dos museus ainda não viram a potencialidade de utilizar a *Internet* para este tipo de colaboração interinstitucional.

3.1. Tipos de *sites* de museus

Existem três tipos básicos de *sites*⁵⁵ de museus:

1. O folheto electrónico

O objectivo deste tipo de *site* é a apresentação do museu, funcionando como uma espécie de ferramenta de comunicação e de marketing. O usuário tem acesso à história da instituição, seus horários de funcionamento, ingressos, contactos...e por vezes ao corpo técnico do museu. A *Internet*, neste caso, funciona como forma de tornar o museu

⁵⁵ Iremos utilizar a tipologia criada em 1996 por Maria Piacente em sua tese de Masters of Arts sob o tema “Surfs Up: Museums and the World Wide Web, MA research Paper, Museum Studies program, University of Toronto, 1996 citada por Rosali Henriques na sua Dissertação “Memória, museologia e virtualidade: um estudo sobre o Museu da Pessoa”, 2004, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

mais conhecido e possibilitar um acesso mais fácil pelos utilizadores da rede mundial de computadores.

A escolha de sites mais elaborados, ao nível do design e da navegação, depende dos recursos humanos e financeiros disponíveis na instituição. Também a manutenção de um site deste tipo, que não precisa de gestores de conteúdos, pode ser suportada por qualquer instituição, mesmo porque existem muitos servidores que oferecem hospedagem gratuita para este tipo de site.

Creemos que a escolha de um site mais simples depende mais do tipo de recursos que o museu tenha, do que por decisão da instituição.

Em Portugal, grande parte dos sites de museus são do género folheto electrónico. Como exemplo deste tipo de site seleccionamos o Museu Nacional dos Coches⁵⁶ (fig.123) tutelado pelo Instituto Português de Museus.

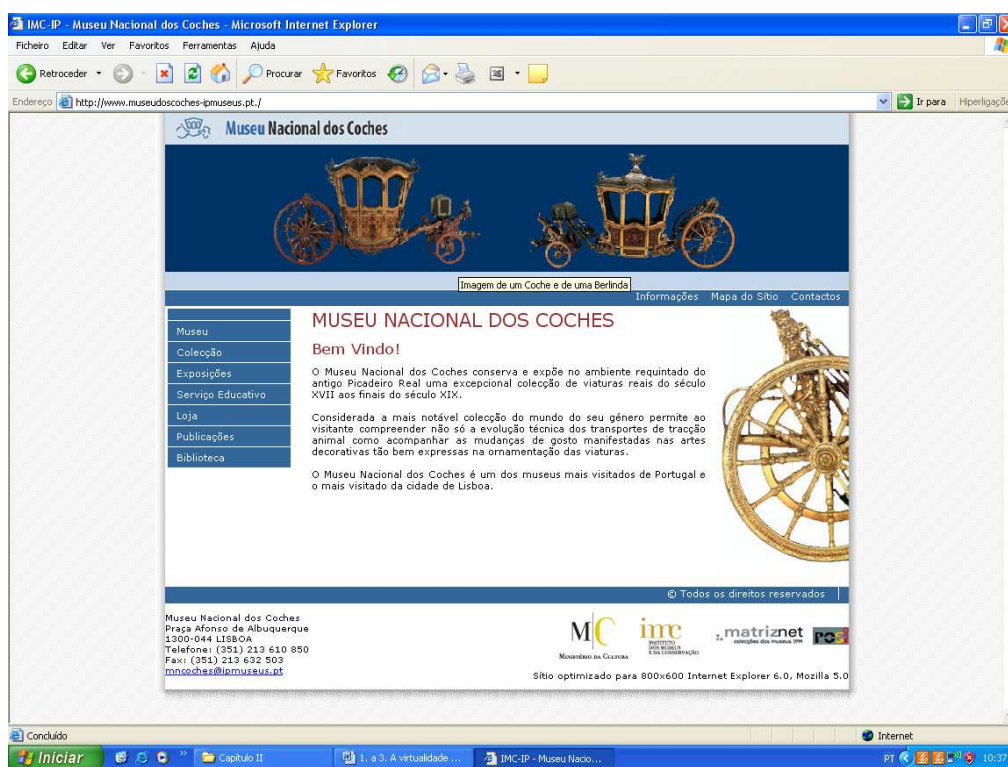


Fig. 123
Página de abertura do site do Museu Nacional dos Coches

2. O museu no mundo virtual

Este tipo de site apresenta informações mais pormenorizadas sobre o acervo da Instituição, por vezes através de visitas virtuais. O site, muitas vezes, apresenta

⁵⁶ www.museudoscoches-ipmuseus.pt., consultado a 12/04/2008.

exposições temporárias que já não se encontram no espaço físico e acaba por utilizar a *Internet* como uma espécie de reserva técnica de exposições. Muitos destes *sites* disponibilizam bases de dados do seu acervo, mostrando objectos que não se encontram em exposição naquele momento.

Nesta categoria destacamos o *site* do Museu Nacional de Arqueologia⁵⁷ (fig.124), tutelado pelo Instituto Português de Museus e que foi, em 2002, premiado pela UNESCO⁵⁸ com o prémio “Web Art d’Or” de melhor site de museus do mundo.

Além de dispor de todas as funcionalidades acima mencionadas, algumas das peças podem ser visualizadas em três dimensões. Também é prestado, através do *site*, o serviço *e-commerce*



Fig. 124
Página de abertura do *site* do Museu Nacional de Arqueologia

3. O museu realmente interativo

Neste tipo de *site*, à relação existente entre o museu virtual e o museu físico, é acrescentada a *interactividade* que envolve o visitante, permitindo que o público possa

⁵⁷ www.mnarqueologia-ipmuseus.pt, consultado a 12/04/2008.

⁵⁸ UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Organization) – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

interagir com e no museu. Com este tipo de *site*, o museu não perde as suas características essenciais e adquire, ainda, novas facetas.

Com um *site* deste género podem-se, por exemplo, trabalhar os conteúdos do museu de forma lúdica, criando outras actividades de interacção que o museu físico não possibilita. A ideia básica é a interacção do utilizador num ambiente de educação procurando adaptar os seus conteúdos às características dos utilizadores. No entanto, há que salientar que, um *site* de museu não é, necessariamente, um museu virtual. Ele é apenas um *site* de museu.

Exemplo de um museu realmente *interactivo* é o *site* do Museu Municipal de Coruche⁵⁹ (fig.125) que integra, desde 2002 a Rede Portuguesa de Museus e que recebeu, em 2005, o prémio APOM⁶⁰ para o melhor *site* de Museu Português do triénio 2003/2005.

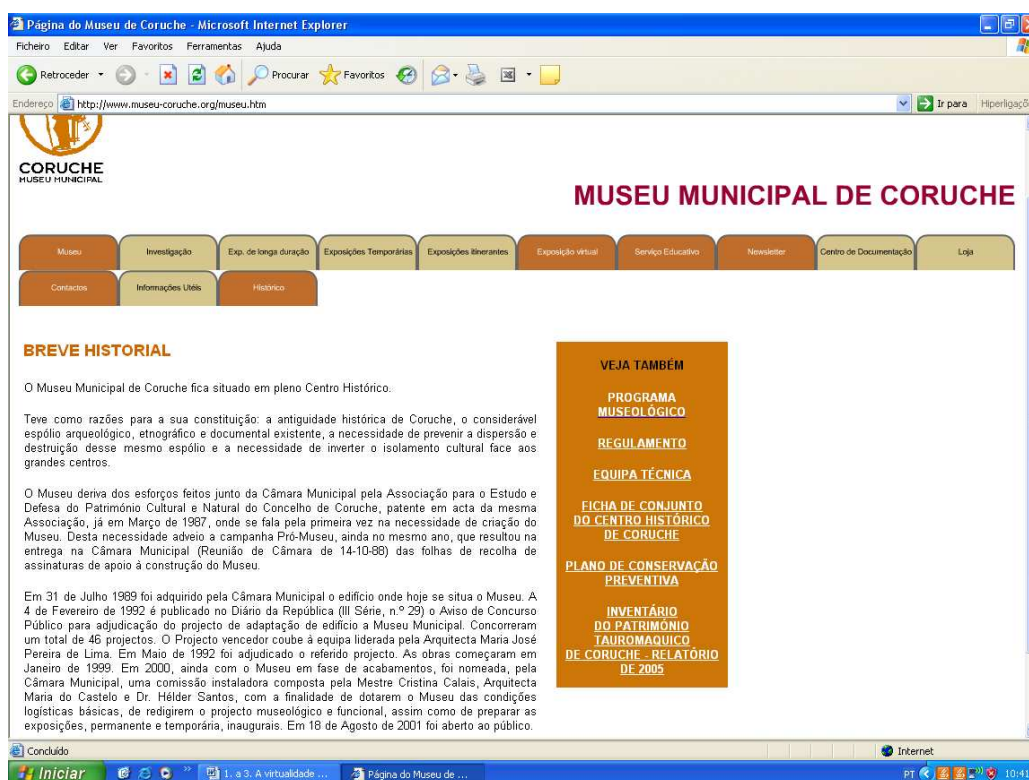


Fig. 125
Página de abertura do *site* do Museu Municipal de Coruche

⁵⁹ www.museu-coruche.org, consultado a 12/04/2008.

⁶⁰ APOM – Associação Portuguesa de Museologia .

Considerações finais

A *Internet* trouxe para a museologia uma nova perspectiva. Não só porque permitiu potenciar o acesso aos museus de forma mais ampla, mas também por dar oportunidade aos museus de saírem do seu espaço físico. As acções museológicas dos museus, exercidas através da *Internet* podem ter um alcance muito maior do que aquelas que são exercidas em seu espaço físico, pois podem abranger um público muito maior.

Os museus podem tirar proveito de todas as possibilidades que a *Internet* oferece, criando os seus próprios museus virtuais de maneira a ultrapassarem as suas fronteiras. Além disso, a possibilidade de uma interacção maior com o público utilizador é a grande vantagem da criação de museus virtuais, sejam eles representações virtuais de museus já existentes ou criados especialmente para a *rede* mundial de computadores.

Em nosso entendimento, boa parte dos técnicos e especialistas de museus ainda não está ciente que a *Internet* pode revolucionar as instituições. Talvez isso explique a falta de interesse em utilizar todas as possibilidades que a *Internet* oferece, criando *sites* apenas informativos, trabalhando a *Internet* apenas como um folheto electrónico do museu. Não estamos aqui estabelecendo juízos de valor sobre aqueles *sites* que são apenas informativos pois sabemos que uma série de factores é responsável pela escolha de determinado tipo de *site*, entre eles, o factor económico.

Um *site* de museu não deve ser um simulacro de um museu físico mas uma ferramenta que pode fazer do museu uma instituição mais dinâmica e mais *interactiva*.

4. <http://cultura.madeira-edu.pt/universodememorias/>

Esta fase do estudo incidirá na elaboração dos conteúdos do site do *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu*.

Primeiramente, trataremos de todos os seus componentes justificativos, depois, apresentaremos o mapa do site de maneira a dar uma panorâmica da organização e estrutura geral do mesmo para, finalmente, passarmos ao conteúdo do *site* propriamente dito.

4.1. Considerações acerca do *site*

O site do “*Universo de Memórias*” é um projecto feito em parceria com Direcção de Serviços do Sistema de Informação e da Direcção Serviços Tecnologias Educativas e que ficará agregado ao portal da Secretaria Regional de Educação e Cultura que está a criar um projecto apelidado “*cultura.madeira-edu*” que abrangerá todos os museus da Região, sendo o “*Universo de Memórias*” o primeiro site a funcionar nesta plataforma cultural. A elaboração técnica é da responsabilidade exclusiva dos técnicos informáticos destas Direcções ficando a gestão de conteúdos a cargo do administrador de conteúdos do “*Universo de Memórias*”.

O nosso objectivo é, neste momento, apresentar a estrutura do site com todos os campos criados e com os conteúdos estáticos inseridos. A dinâmica e a criatividade dos restantes conteúdos ficarão a cargo do gestor de conteúdos e da programação cultural da própria Instituição. A interactividade será feita através de inquéritos, de sugestões, de mensagens deixadas no livro de honra, de um forum e das actividades que o próprio site proporcionará aos seus usuários. Também na área dos “Serviços Educativos” será criada uma área lúdica interactiva cujos jogos didáticos, concebidos pela Instituição, serão tecnicamente desenvolvidos por estudantes e estagiários da área de informática que colaboram com a Direcção de Serviços do Sistema de Informação.

O endereço <http://cultura.madeira-edu.pt/universodememorias/> tem o inconveniente de ser extenso mas não esqueçamos que o site é um agregado do portal “Cultura” da Secretaria Regional e que, apesar da sua extensão, foram associadas diversas palavras-chave (“Abreu”, “Carlos”, “cavalos”, “coleções”, “educação” “Funchal”, “gravatas”, “João”, “João Carlos Abreu Abreu”, “Madeira”, “memórias”,

“museu”, “Universo” e “Universo de Memórias”) aos grandes *mecanismos de busca*, como o *Google*, para facilitar o acesso directo ao *site*.

Convém ressaltar que determinados *itens* do *site* serão modificados e actualizados com frequência de modo a gerar uma certa dinâmica naquilo que acaba por ser uma instituição cultural de carácter virtual. As referências de nota de rodapé serão substituídas, no *site*, por *links*. Também no site, as imagens estarão numa galeria de imagens logo a seguir do texto correspondente ao tema tratado.

O lançamento oficial do *site* está agendado para o dia 5 de Dezembro de 2008, data que assinala o aniversário natalício de João Carlos Abreu. O evento terá lugar no auditório do “*Universo de Memórias*” e será apresentado pelo *gestor de conteúdos* da Instituição e pelo engenheiro informático responsável pela elaboração da parte técnica. Neste dia o site ficará também disponível na versão inglesa.

4.2. Mapa do site

O mapa do *site* que passamos a apresentar é, no nosso entendimento, a estrutura que mais se adequa.

Home

Apresentação

Imóvel

Breve referência histórica

Enquadramento geográfico

Utilização inicial e actual

Galeria de imagens

Propriedade

Materiais

Foto descrição do edifício

Doador

Breve referência biográfica

O jornalismo

Galeria de imagens

As viagens

Galeria de imagens

A escrita

Críticas literárias

Seleccção de poemas

A pintura

Galeria de imagens

O teatro e a representação

A política

Galeria de imagens

A Associação Criamar

Colecção

Exposição Permanente

Exposição Virtual

Visita Guiada

Serviços

Serviços Educativos

Missão

Tipos de Actividade

Projectos

Informações Gerais

Horário

Localização

Transportes

Ingressos

Agenda de actividades

Casa de Chá

Auditório

Loja

Acerca do *site*

Logótipo

Contactos

Links

Mapa do Site

Livro de Honra

Sugestões

Faq's

English version

Créditos

4.3. Conteúdos e justificativas

4.3.1. Apresentação

Situado num edifício do século XIX, o *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu* foi adquirido pelo Governo Regional em 2002, para albergar todos os bens doados à Região Autónoma da Madeira, por João Carlos Nunes Abreu.

Encenado como um caleidoscópio, o “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*” é um repositório de memórias construído ao longo de uma vida de viajante com passagem por diversos países do mundo.

Este elegante palacete dispõe de um jardim, de uma Casa de Chá e de um Auditório.

4.3.2. Imóvel

4.3.2.1. Breve referência histórica

O edifício foi construído para uma função residencial tendo sido utilizado como tal até 1998. Em 2002 foi adquirido pelo Governo Regional da Madeira e transformado em centro cívico e cultural.

O documento mais antigo, encontrado sobre o edifício data, de 27 de Outubro de 1888 e prova que foi pertença do madeirense, comerciante na Guiana Inglesa, Simeão Francisco que faleceu na casa a 23 de Janeiro de 1900.

Segundo informações de M^a Beatriz M. P. F. G. Farinha Faria que nasceu na casa em 1927, o seu avô herdou-a, no início do século, do seu padrinho João Carlos Castro, passando posteriormente para o seu pai, João Remigio Gonçalves Farinha. Entre 1930 e 1974 a casa foi alugada ao médico Nuno Porto e a partir dessa data até 1998 viveu a família proprietária. Em 1998 o edifício foi adquirido pelo arquitecto Norberto Melim que em 2002 vende ao Governo Regional da Madeira. É nesta altura que se faz a

reabilitação do edifício para ser adaptado a centro cívico e cultural. Todo este processo de reabilitação foi acompanhado por João Carlos Abreu uma vez que a casa teria de ser adaptada para receber o espólio que doou à Região.



Fig. 126
João Remígio com a filha M^a
Beatriz ao colo
1927

4.3.2.2. Enquadramento geográfico

Situado na Calçada do Pico nº 2 e 4, Freguesia de São Pedro, Concelho do Funchal, o “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*” faz arrife sobre a Travessa das Capuchinhas, confrontando na Calçada de Santa Clara com o Convento de Santa Clara e na Calçada do Pico com o Museu Quinta das Cruzes.

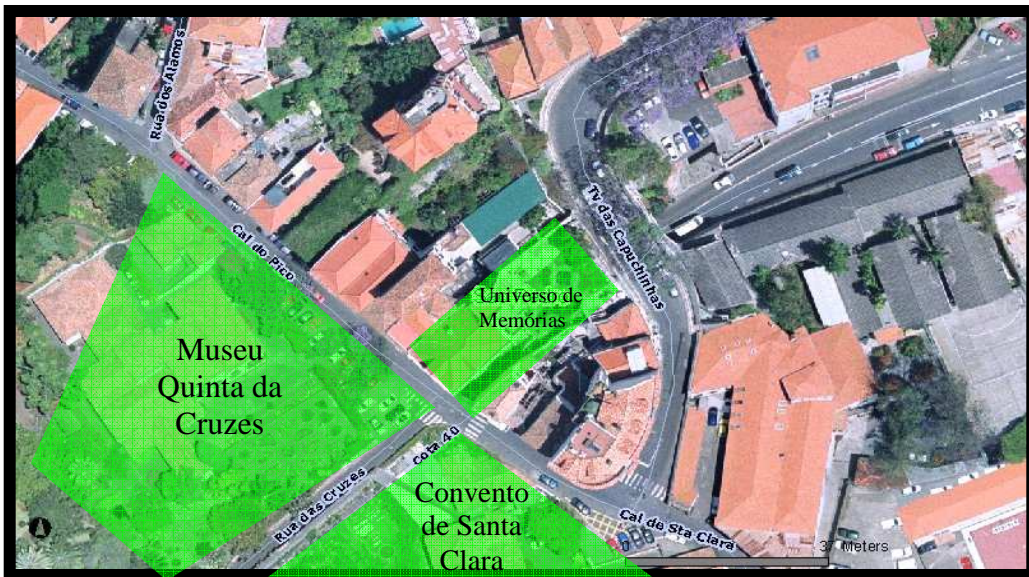


Fig.127

Vista aérea da zona onde está situado o “Universo de Memórias João Carlos Abreu”

4.3.2.3.Utilização Inicial e Actual

O edifício foi construído com a função residencial, tendo sido utilizado como tal até 1998. Em 2002 foi adquirido pelo Governo Regional e transformado em centro cívico e cultural.

4.3.2.3.1. Galeria de Fotos – Antes e Depois



Fig. 128

Marquise

Década de 70



Fig. 129

“Recepção / Loja de vendas”

Gradeamento nos vitrais da porta e janelas

2007



Fig. 130
Jardim e varanda 1º andar
Década de 70



Fig. 131
Fig. 74
Jardim e varanda 1º andar
2007



Fig. 132
Entrada principal
Década de 70



Fig. 133
Entrada principal; Alpendre de vidro
com armação em ferro forjado pintado
de branco
2007



Fig. 134
Jardim e pombal
1980



Fig. 135
Casa de Chá
2007



Fig. 136
Jardim e pombal
Década de 80



Fig. 137
Casa de Chá
2007



Fig. 138
Jardim e Pombal
1981



Fig. 139
Jardim e Casa de Chá
2007



Fig. 140
Corredor Norte do jardim
1981



Fig. 141
Porta Este da Casa de Chá
2007



Fig. 142
Corredor Este do jardim;
Casinha-de-prazer
Década de 80



Fig. 143
Corredor Este do jardim e Auditório
2007



Fig. 144
Jardim e lago encimado por armação em
ferro forjado
Década de 70



Fig. 145
Jardim e lago encimado por duas armações em
ferro forjado
2007



Fig. 146
Lago e jardim
Década de 80

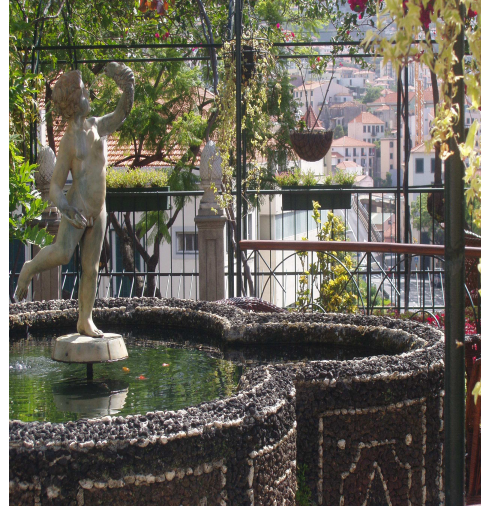


Fig. 147
Lago com estatueta hidráulica em bronze em
forma de menino
2007



Fig. 148
Entrada principal
Década de 70



Fig. 149
Entrada principal
2007



Fig.150
Porta de passagem entre a sala de
jantar e a Marquise
1990

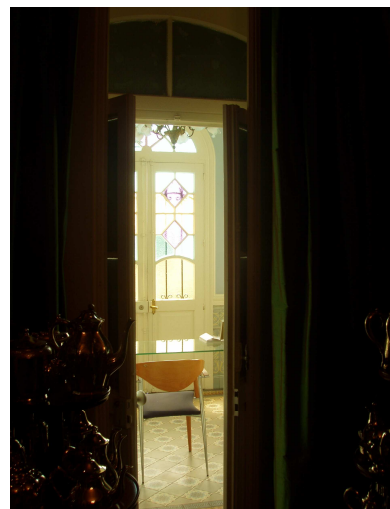


Fig. 151
Porta de passagem entre a “Sala de
Jantar” e “Recepção/Loja de
Vendas”
2007

4.3.2.4. Propriedade

Propriedade pública regional, adquirida pelo Governo Regional da Madeira em 2002.

4.3.2.5. Materiais

Cantaria mole regional (fajoco), alvenaria, madeira, vidro, vidro colorido, alumínio, cimento de resalto

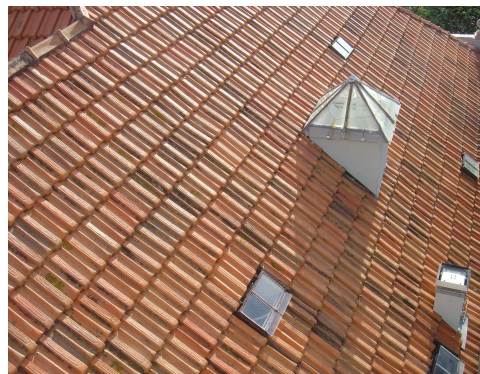
4.3.2.6. Foto descrição do edifício

- Exteriores



Fig. 152
Fachada Este e jardim

- Telhado

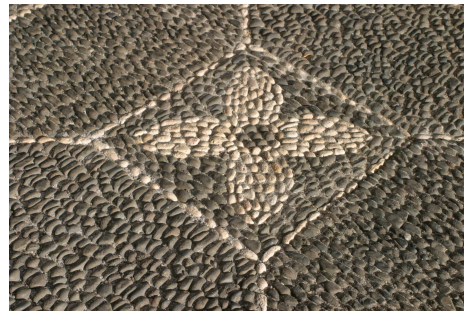


Figs. 153 e 154
Telhado de quatro águas com telha *marselha*, uma clarabóia, quatro gateiras e duas águas-furtadas

- Pavimentos



Figs. 155 e 156
Calçada portuguesa com motivo floreado – basalto, calcário e cantaria vermelha



Figs. 157 e 158

Calçada madeirense - empedrado em calhau rolado preto e branco com desenhos geométricos e flores

- Casa de Chá e Auditório



Figs. 159 Vista aérea da Casa de Chá (à esquerda) e do Auditório

- Lagoa

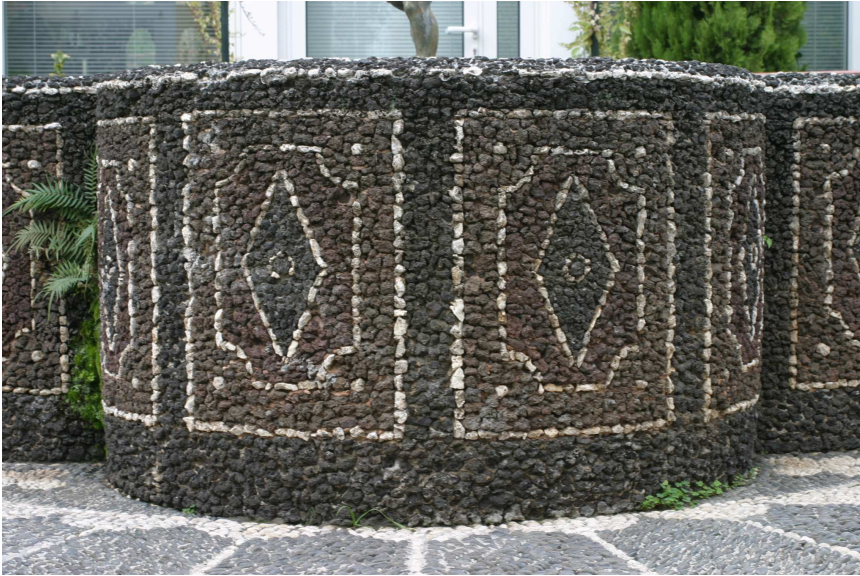


Fig. 160
Lagoa em *fajoco* com decorações geométricas



Fig. 161
Estatueta hidráulica em bronze, em forma de menino

- Fachada principal (sul) – piso térreo



Fig. 162

Avançado com duas janelas ao centro e com um *janelo* de cada lado, em vitral colorido com *bandeira curva* e *chave*, emoldurados em cimento de ressaltado



Fig. 163

Leão esculpido com elementos vegetalistas a sair da boca – centro das janelas frontais do *avançamento*

- Fachada Oeste



Fig. 164

Fachada Oeste – Piso térreo, 1º e 2º andares e água-furtada



Fig.165
Porta de serviço do
piso térreo



Fig. 166
Água-furtada com *tapa-sol* em
madeira e fachada coberta por ripas de
madeira dispostas horizontalmente



Fig. 167
Janela de sacada com
lambreim, *lintel* curvo, *chave*
e *tapa-sol* em madeira



Fig. 168
Portão em ferro forjado verde-escuro com *frontão* dourado

- Fachada Este



Fig. 169
Fachada Este - 1º, 2º pisos e água-furtada; corpo saliente com 1º, 2º e 3º piso e terraço



Fig. 170
Terraço – chaminé prismática de base quadrangular com moldura em relevo de cimento de ressaltos, balcão com *balaustrada*



Fig. 171
Marquise – seis janelas e uma porta envidraçada por *vitrais* coloridos e gradeada, pelo lado exterior, em *ferro forjado* pintado de preto

- Interiores



Fig. 172
Escada centralizada em madeira



Fig. 173
Hall de entrada com ladrilho no chão e azulejo vidrado no alizar

- Piso Nobre – (1º)



Fig. 174
Patamar com duas janelas ao centro e um *janelo* em cada lateral de *vitrais* coloridos, com *bandeiras* curvas e emoldurados em madeira

- Tectos pintados



Fig. 175
Tecto da “Sala das Viagens”



Fig.176
Tecto do Patamar



Fig. 177
Tecto da "Sala Roxa"

- Pavimentos



Fig. 178
Pavimento da "Sala Roxa" – Pau-cetim e sucupira

2º Piso

- Oratório



Fig. 179
Panorâmica do “Oratório”



Fig. 180
Vitrail de Nossa Senhora de Guadalupe
(tecto do “Oratório”)

- Água-furtada



Fig. 181
Água-furtada com *clarabóia*



Fig. 182
“Saleta” – escada de acesso ao terraço, em madeira pintada de branco; porta em ferro pintado de branco com *caixilhos* envidraçados

4.3.3. Doador – Breve referência biográfica

Filho de Manuel Gomes Abreu e Maria da Conceição Nunes Abreu, João Carlos Abreu Nunes, nasceu no Funchal, na freguesia de São Pedro, a 5 de Dezembro de 1935. Desde tenra idade, e até atingir 25 anos de idade, morou na zona velha da Cidade.

Viveu algum tempo em Roma e em Bolzano, onde estudou Gestão de Empresas, e trabalhou nos serviços de imprensa do Vaticano. Foi também empresário, relações públicas, agente de viagens, director de hotel, Director Regional de Animação, Director Regional de Turismo e, durante 23 anos (1984-2007), foi Secretário Regional de Turismo e Cultura. Em Junho de 2007, cessa as suas funções no Governo Regional da Madeira e a partir desta data tem se dedicado à escrita, ao teatro, às viagens e a causas humanitárias, presidindo à Associação CRIAMAR⁶¹. Possui alguns cursos na área das relações públicas, promovidos por instituições de prestígio norte americanas. Em várias cidades do país e em países como Chipre, Canadá, Itália, (Universidades de Nápoles e Roma) e em Espanha (Museu Canário), participou em palestras sobre questões culturais, turísticas e ambientais. Nos anos 90, João Carlos Abreu começa a dar os seus primeiros passos na pintura.

⁶¹ www.criamar.pt

Desde os 16 anos realiza viagens de estudo e recreio pelos quatro cantos do mundo, publicou centenas de crónicas, dois guias turísticos sobre a Madeira em inglês, dez livros de poesia e cinco em prosa.

Em 1991 recebeu a “ Medalha de Honra Municipal” de São Vicente pelos trabalhos de recuperação da Vila, em Dezembro de 2003 foi-lhe atribuído o doutoramento “Honoris Causa” em Ciências Sociais, pela Universidade de San Cyrillo, em Roma., em Novembro de 2005 foi condecorado pelo Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, com o grau de “ Grande Oficial da Ordem de Mérito”, em Setembro de 2007, dia “Mundial de Turismo”, foi homenageado pelo Estado Português com a “Medalha de Mérito” e, no dia 1 de Julho de 2008, “Dia da Região”, recebeu do Governo Regional da Madeira a “Insígnia Cordão Valor em Ouro”.



Fig. 183
Caricatura de João
Carlos Abreu
Jorge Rosa
1988

4.3.3.1.O jornalismo

Ter pai jornalista foi decisivo para abarcar a carreira jornalística. Com apenas 17 anos, João Carlos Abreu fez a sua primeira reportagem jornalística acerca da chegada de

um navio cruzeiro à Madeira. Um dos seus trabalhos marcantes foi a tragédia do navio *Lacónia* cujo título era “Lacónia: Cruzeiro em Chamas”.

Na Ilha, trabalhou sempre ao serviço do *Jornal da Madeira* e quando o interrogamos acerca daquilo que mais o tinha marcado na carreira jornalística disse: “Foi o privilégio que tive em trabalhar, como correspondente do “*Jornal da Madeira*”, no Concílio Vaticano. Foi um acontecimento único no século XX já que não se fazia um Concílio desde 1869.”

Nos anos 70, João Carlos Abreu também foi correspondente de vários jornais do continente português, como é o caso de “O Tempo”, “Jornal do Comércio”, “Jornal a Capital” e “A voz”.

Um dos momentos mais preenchidos da sua carreira foi, segundo o próprio, “o convívio com uma grande mulher: a escritora Maria Lamas”.

Hoje, passados cerca de 55 anos sobre o seu primeiro trabalho jornalístico, João Carlos Abreu continua a colaborar com o “Jornal da Madeira”, fazendo, pontualmente, artigos de opinião.

4.3.3.1.1. Galeria de imagens



Fig. 184
João Carlos Abreu com o
pai (segundo da
esquerda)

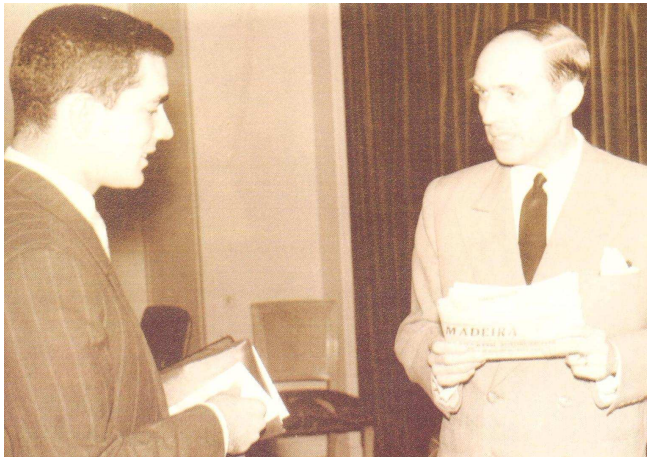


Fig. 185
Entrevista com
Joaquim Paço D'arcos,
romancista e poeta



Fig. 186
Entrevista com
Ferreira de Castro,
romancista



Fig 187
João Carlos Abreu numa reunião de imprensa, no Vaticano
(Papa Paulo VI)
1962

4.3.3.2.As viagens

João Carlos Abreu começou a viajar com 7 anos de idade: “ (...) *Para Lisboa e, obviamente de barco. Viajei de barco até ser inaugurado o aeroporto da Madeira.*”

Motivado pelo desejo de conhecer gentes e locais, João Carlos Abreu escolhe determinado destino tendo por base a sua cultura geral. Procura sempre a parte humana porque acredita que só através desta consegue entender todo o património local. Nunca pesquisa acerca do destino escolhido porque gosta de ser surpreendido e só usufrui de excursões organizadas quando vai em cruzeiros e faz escala em várias cidades.

Como forma de perpetuar as experiências vividas, João Carlos Abreu, traz de cada sítio que visita, recordações: “*Tudo o que gosto e o que possa comprar.*” São uma espécie de memórias materializadas que o fazem reviver tudo o que de bom passou.

4.3.3.2.1. Galeria de imagens

Será feita uma selecção periódica das fotografias das viagens efectuadas por João Carlos Abreu.



Fig. 188
João Carlos Abreu
em Roma



Fig. 189
João Carlos Abreu em
Roma – Praça Navona



Fig. 190
João Carlos Abreu
na China



Fig. 191
João Carlos Abreu com um grupo de amigos em frente ao *Kremlin* de Moscovo

4.3.3.3.A escrita

O primeiro encontro consciente de João Carlos Abreu com os livros deu-se, quando tinha oito anos de idade:

“A velha estante envidraçada de madeira de castanho onde meu pai guardava os livros, era o encanto que “decorava” o silêncio das minhas horas e, assim aos poucos, foi nascendo dentro de mim este salutar gosto pelos autores e obviamente pelos livros. (...). Viajei através de tantas páginas e com elas desfiz “tabus” e enriqueci a alma. Fiz cúmplice das minhas leituras, alguns amigos aos quais ofereci dezenas de livros (...).

O gosto pela leitura instigou João Carlos Abreu à escrita. Primeiramente, como jornalista e posteriormente como poeta e escritor.

Ao lado dos maiores poetas mundiais, participou, em representação de Portugal, no Festival Mundial de Poesia, levado a efeito pela Universidade de Nápoles, onde se

destacaram Raphael Alberti⁶², Tahar Bem Jelloun⁶³, Bertolucci, Josef Brodsky⁶⁴ e outros. Foi um dos nove convidados a apresentar os seus poemas no decurso do prémio Capri⁶⁵ em 1991. Recebeu vários prémios internacionais pela sua acção no campo cultural, tendo sido destacado pelo prestigiado crítico literário, Prof. M. Frias Martins, como sendo uma das quatro correntes poéticas da Madeira.

Os seus poemas estão traduzidos e publicados em revistas da especialidade de países como a França, Itália e Espanha. É membro do P.E.N. CLUB⁶⁶.

4.3.3.3.1. Críticas literárias

“Na Madeira considero quatro correntes poéticas: Irene Lucília, José António Gonçalves, João Carlos Abreu e Vieira de Freitas.”

Frias Martins

Prof. Doutor da Faculdade de Letras de Lisboa, Portugal

“10 Anos de Poesia em Portugal”

(Abreu 1990: 5)

“O João Carlos Abreu é um Ilhéu com uma língua universal.”

Dullio Riccardo

Escritor, Itália

(Abreu 1990: 5)

“Despidos de pretensão, elevados de conteúdo, fortes e torrenciais espelham em progressão desenfreada um estado de alma que os torna por isso mesmo verdadeiros e originais.

(...)

⁶² www.macgreevy.org/namedb/results.jsp

⁶³ www.asa.pt/noticia.php?id_noticia=143

⁶⁴ <http://almaz.com/nobel/literature/1987a.html>

⁶⁵ www.premiocaprisanmichele.it/origine_%20del_premio.htm

⁶⁶ http://penclub.no.sapo.pt/pen_portugues/fundadores.htm

Mas a beleza maior consiste justamente na captação dos momentos, dos actos, dos edifícios, das gentes que são o todo de uma vida de contínua observação humana.”

Fátima Marques

Professora, Madeira

(Abreu 1994: 9)

“Os textos de João Carlos enunciam referência precisa, momentos concretos, como se ele fosse datando o tempo de uma vivência pessoal, traduzida agora em cada poema, viagem e cenário de permanentes inquietudes.”

José de Sainz-Trueva

Director do Museu de Arte Contemporânea, Madeira

(Abreu 1994: 12)

“Dona Joana Rabo-de-Peixe é um regalo saborosíssimo, com uma autenticidade tocante, faz lembrar Jorge Amado mas não é Jorge Amado (...).”

Pedro Tamén

Poeta, Lisboa

(Abreu 1996: contra capa)

“ (...) Um percurso poético que, apesar de marcadamente individual, se articula com parâmetros caracterizadores da prática da poesia portuguesa mais recente, o que se pode comprovar na coragem do assumir de uma clara vertente de puro lirismo, aliada à subtil presença da neblina de uma subtil narrativa (...).”

“ (...) O poeta João Carlos Abreu segue este difícil caminho que conduz à conciliação da extrema contenção e simplicidade do intimismo com a abertura de possibilidades de expansão da narrativa poética (...).”

Ana Margarida Falcão
Escritora e professora da Universidade da Madeira
(Abreu 2005: 5-8)

4.3.3.4. Selecção de poemas

Esta é uma das partes mais dinâmicas do *site*, já que apresenta, por mês, um poema diferente de João Carlos Abreu. Uma vez que está previsto o lançamento do *site* para o dia do seu 73^a aniversário, o poema que estará *online* durante todo o mês de Dezembro será um poema dedicado à sua mãe na época de Natal, escrito em 1977 e publicado no seu livro “Água no Mar” em 1990. Tentaremos, igualmente, adaptar o poema seleccionado, mensalmente, à época do ano em que foi escrito e ao período que estará *online*. A selecção de poemas poderá ser vista, na íntegra, nos anexos desta dissertação.

NATAL DAS SOMBRAS

Mãe, vamos brincar
de braço dado,
criando a ilusão da vida
que já não existe!

Vamos porque é Natal
e à meia-noite em ponto,
vai nascer nas ruas deste Funchal
na prisão e nos bairros feitos
de trapos, pedras e cartão.
Vai nascer, Mãe, aqui mesmo
neste hotel, nas águas quentes da Ribeira,
Nas furnas do Lazareto, no Albergue

dos Velhinhos, à meia-noite em ponto,
em toda a parte onde a terra respirar
vai nascer, mãe, um menino,

com o nome de António, Manuel ou José,
para ser acarinhado, chicoteado,
ou aqui mesmo ser julgado
no tribunal da Cidade.

Vem, Mãe, porque as bolas
de soprar, uma a uma,
vão encher-se de luz
e de estrelas cintilantes,
iluminando na escuridão
o teu rosto que há anos
que não encontro!

Nesta noite de Natal
convidei também o pai,
como desiludido está!
Meu Deus!
O pai, Também, Não chegou?!

Vamos todos discutir
pintar de castanho o papel
e contornar de algodão
as montanhas fictícias
com pastores, ovelhas e um guardião.

A canja aquecida,
o cacau mais bem temperado.
os bolos de mel na mesa,
quando for a meia-noite.
na chaminé da lareira,

os sapatos ficam cheios
de coisas que tu inventas!

Mãe, o ponteiro está nas vinte e quatro.
vinte e quatro!
Tantos anos passámos juntos!
É possível, tu não estás?!

É Natal, mãe!
As searas cresceram! Os sinos estão
a tocar.
É Natal na cidade: há pessoas que
se beijam.
É Natal! É Natal!
Ele é feito de saudade.

Funchal/1977
(Abreu 1990:49-52)

4.3.4. A pintura

João Carlos Abreu começou a pintar em 1997, a sua pintura não é figurativa, não tem técnica, mas tem força. A mescla de cores, como o próprio afirma, nasce do momento, do estado de espírito, da força e da alma.

4.3.4.1. Galeria de imagens

Aqui, tanto quanto possível, faremos uma rotatividade das pinturas da autoria de João Carlos Abreu.



Fig. 192
Óleo sobre tela
João Carlos Abreu



Fig. 193
Óleo sobre tela
João Carlos Abreu



Fig. 194
Óleo sobre tela
João Carlos Abreu

4.3.5. O teatro e a representação

A 17 de Outubro de 2007, João Carlos Abreu estreia-se como autor, no Teatro Baltazar Dias, no Funchal, com a peça “*La Nonna*”, da responsabilidade do grupo de amadores “*Contigo Teatro*”⁶⁷. Diz que, ao subir ao palco, sentiu um misto de emoção e responsabilidade. Emoção por ver o teatro repleto de gente e responsabilidade pelo facto, de ter tido muita dificuldade em decorar o papel, já que na vida nunca decorou as intervenções e discursos que fez. Lia-os ou fazia-os de improviso. Diz, também, que esta experiência serviu para melhor compreender que o teatro não é apenas a representação. É a alma dos actores que vivendo intensamente os personagens por vezes confundem a ficção com o real.

⁶⁷ www.contigoteatro.blogspot.com/search/label/La%20Nonna

A 7 de Junho de 2008 João Carlos Abreu repetiu a experiência no mundo do teatro, participando no elenco da peça “A Ceia dos Cardeais” integrada no programa das comemorações dos “500 Anos do Funchal”⁶⁸ e, cujas receitas reverteram para a CRIAMAR⁶⁹ – Associação de Solidariedade para o Desenvolvimento e Apoio a Crianças e Jovens.

4.3.6. A política

João Carlos Abreu ingressou na política em 1980, como Director Regional de Animação, depois foi nomeado Director de Turismo e de 1984 a 2007, desempenhou o cargo de Secretário Regional de Turismo e Cultura. Cumpriu 5 mandatos, sendo o primeiro de apenas 3 anos.

Por ter tido o pelouro de áreas que se inserem “grosso modo” nas ciências humanas, a sua carreira política foi uma “tarefa” muito enriquecedora, como afirma, o que permitiu pôr a Madeira em relacionamento com várias regiões e personalidades na área dos negócios, turismo, ciência, música, literatura, pintura, moda, ...

As quase três décadas, ligadas à política, foram marcadas pela forma como fez renascer determinados acontecimentos regionais, como o Carnaval, a Festa da Flor, a Festa do Vinho e as Festas do Fim do Ano, dando-lhes uma dimensão ao nível mundial e fazendo daquilo que era quase exclusivo dos madeirenses um cartaz turístico que trouxe e, continua a trazer, milhares de turistas à Madeira.

4.3.6.1. Galeria de imagens

Para esta galeria de imagens foi feita uma selecção de fotografias a qual pode ser vista, na íntegra, nos anexos desta dissertação. Após o *site* estar online as fotografias serão, frequentemente, substituídas por outras.

⁶⁸ http://www.funchal500anos.com/04_detalhe.asp?ano=2008&id=456

⁶⁹ www.criamar.com



Fig. 195
João Carlos Abreu em
audiência com o Papa João
Paulo II, no Vaticano



Fig. 196
João Carlos Abreu com o
príncipe Alberto do
Mónaco



Fig. 197
João Carlos Abreu com a
princesa Stéphanie do
Mónaco



Fig. 198
João Carlos Abreu
com o príncipe
consorte da rainha
Isabel II de
Inglaterra, Filipe



Fig. 199
João Carlos Abreu com o cientista
português Carvalho Rodrigues, com o
astronauta John Glenn e mulher



Fig. 200
João Carlos Abreu com a fadista
Amália Rodrigues e a pintora
Maluda



Fig. 201
João Carlos Abreu com o escritor
Jorge Amado e sua mulher Zélia
Gattai



Fig. 202
João Carlos Abreu com Vera
Lagoa, publicista e jornalista



Fig. 203
João Carlos Abreu com os poetas Irving Layton
(Canadá), Ivan Wernich (Checoslováquia) e Paolo
Roffilli (Itália)



Fig. 204
João Carlos Abreu com o
poeta russo Ievtuchenko

4.3.7. A Associação CRIAMAR⁷⁰

Dirigir uma Associação de solidariedade é o sonho de há alguns anos que João Carlos Abreu transforma, agora, em realidade. A *Associação de Solidariedade para o Desenvolvimento e Apoio a Crianças e Jovens - CRIAMAR*, é um projecto para 3 anos, criado pelo Grupo Pestana e direccionado, às crianças em risco, dos 6 aos 12 anos, da Região Autónoma da Madeira.

Este projecto engloba áreas expressivas como a música, a dança, as artes plásticas e a criação literária bem como uma área de animação lúdica que inclui visitas pedagógicas a locais de interesse cultural. O objectivo é contribuir para que estas crianças sejam mais receptivas às realidades do mundo globalizante onde vivemos.

4.3.8. Colecção – Exposição Permanente

“Este é um “universo de memórias” que fui construindo conscientemente durante cinquenta anos, sem qualquer objectivo que não fosse o de me rodear de objectos e livros que me acompanhassem num percurso de vida que nunca imaginei tão longo.

⁷⁰ www.criamar.pt

Estes objectos, comprei-os durante uma vida com os meus salários e valem pelas histórias e pelos anos da sua vivência. Muitos deles, ligados ao meu percurso de quarenta anos ao serviço do Turismo, sempre numa envolvência de pessoas e países que muito me enriqueceram.”

Funchal, 1 de Setembro de 2003

João Carlos Nunes Abreu

A colecção de João Carlos Abreu, hoje pertença da Região Autónoma da Madeira, é uma colecção que difere das demais pela conjugação de quatro aspectos heterogéneos relacionados com os objectos do seu acervo – a origem, a qualidade, a quantidade e a antiguidade.

A **origem**, porque grande parte das peças foi adquirida durante viagens e, sabendo que já visitou cerca de 60 países, não é difícil contabilizar a variedade de proveniências. A **qualidade**, na medida em que existem peças muito boas, certificadas por antiquários qualificados e peças de boa e menos boa qualidade. A **quantidade** porque considerámos 14000, um número bastante significativo, e a **antiguidade** uma vez que a peça mais antiga está atribuída ao século XI e a mais recente a 2007. De referir que João Carlos Abreu continua a doar as peças que adquire ao “*Universo de Memórias*”.

Esta variedade de vivências materializadas, fragmentadas e acumuladas, dá-nos a conhecer a visão de um madeirense que, sendo cidadão do mundo, mantém bem fortes as suas raízes à terra que o viu nascer.

Esta é, pois, uma colecção muito *sui generis* constituída por várias colecções. Todos os objectos têm em comum o facto de pertencerem às vivências de um só coleccionador e, portanto, serem uma prova viva das suas memórias...das suas viagens de trabalho e lazer, da sua estada em Roma como estudante e jornalista, da sua breve passagem por Inglaterra e Suíça como estagiário na área hoteleira, dos 50 anos ligados ao turismo e à cultura e, obviamente, de todo o rede de amizades e relações sociais que com o tempo foi tecendo em seu redor. Grande parte das peças foram compradas em feiras de antiguidades, principalmente na feira de “San Telmo” em Buenos Aires, na “Porta Portese” em Roma, no “Mercado das Pulgas” em Paris e na feira de “Porto Belo” em Londres.

Constituído por 36 colecções, este acervo encontra-se, actualmente, todo inventariado, fotografado e inserido numa base de dados *fileMaker*. No entanto, existem dados de determinados objectos que são imprecisos. Aqui, temos de ter em conta que João Carlos Abreu colecciona por prazer, nunca pensou doar o seu acervo, daí não ter tido a preocupação de fazer o registo dos objectos que ia comprando.

Passamos de seguida a enumerar, por ordem alfabética, as colecções de João Carlos Abreu, tentando descrever sucintamente cada uma delas. O número de peças de cada colecção será actualizado caso dêem entrada, na Instituição, mais peças. Optámos por não colocar imagens *online* uma vez que na visita virtual será dada uma panorâmica das diversas colecções.

11 Açucareiros

Os açucareiros, em prata e casquinha, são maioritariamente portugueses e ingleses do século XIX.

28 Bengalas

As bengalas, dos séculos XIX e XX, cujo material varia entre o marfim, madeira, prata, casquinha e o metal, são de África, Espanha, Índia, Itália e Portugal.

11 Budas

Os Budas são maioritariamente da Tailândia e datam do século XX. São em madeira, bronze e porcelana, adornados com pedras semipreciosas e vidrilhos.

65 Bules e cafeteiras

Os bules e cafeteiras, em prata, casquinha e porcelana, são originários de Inglaterra, Suíça e Portugal, dos séculos XIX e XX.

12 Cachimbos

Os cachimbos de marfim, metal, madeira, cerâmica e pele têm proveniência em países como África, China e Turquia e datam dos séculos XIX e XX.

179 Caixinhas de comprimidos e de rapé

Datadas dos séculos XIX e XX, estas miniaturas têm por base o ouro, a prata, o metal e a porcelana, maioritariamente adornadas, quer por pinturas ou gravuras, quer por incrustações de pedras semipreciosas ou vidrilhos.

51 Candelabros

Em prata, casquinha, bronze, cristal, ferro, madeira, metal e porcelana, os candelabros mais antigos datam do século XVII. Grande parte dos exemplares é de origem europeia.

600 Cavalos

Apesar de não ser a colecção com mais exemplares é, com certeza, aquela que desde sempre cativou o seu coleccionador: *“Desde pequeno que compro cavalos. O cavalo fascina-me porque tanto tem de guerreiro quanto de dócil, bonito e inteligente.”*.

É uma colecção extremamente heterogénea, uma vez que encontramos cavalos de cerca de 100 países, dos materiais mais variáveis, e de uma antiguidade que vai desde o século XV ao século XXI. O cavalo mais antigo do acervo, é atribuído à Dinastia Ming, século XV.

24 Chapéus

João Carlos Abreu adquiriu, na década de 80, dois chapéus, um no Nepal, em tecido bordado e em prata batida com moedas a adornar, e um outro na Turquia, com uma cauda bordada, destinado às noivas locais. Em 2004, já depois de aberto ao público o *“Universo de Memórias”*, o coleccionador recebeu de uma amiga alemã 20 chapéus dos anos 20 e 30, que de imediato doou à Região. Em Abril de 2008, aquando da sua viagem ao Peru e à Colômbia, adquiriu e doou à Instituição, mais dois chapéus.

130 Colheres de chá

A maior parte das colheres são em prata com o símbolo do país de origem no topo. Encontram-se expostas e emolduradas na Casa de Chá do *“Universo de Memórias”*.

4 Crucifixos

Apesar de ser a colecção com menor número de objectos, é uma das mais representativas devido à qualidade e antiguidade dos exemplares. Aqui, encontramos a peça mais antiga das colecções de João Carlos Abreu. Trata-se de um crucifixo de origem bizantina, datado do século XI e adquirido na URSS. Por causa desta peça João Carlos Abreu ficou retido no aeroporto e ficou sob interrogatório durante cerca de duas horas. Trazia consigo 2 crucifixos que, só acabaram por sair daquele país porque o coleccionador alegou terem sido oferecidos por um amigo seu.

1000 Gravatas

Esta é a segunda maior colecção de João Carlos Abreu, é o “símbolo” do “*Universo de Memórias*”. Encontramos gravatas em seda, penas e madeira, grande parte assinadas pelos grandes costureiros europeus e americanos do século XX e XXI.

170 Esculturas

Esta colecção é constituída por 126 esculturas de cariz profano e 44 de cariz religioso. Em madeira, porcelana, barro, terracota e bronze, estes exemplares são oriundos dos quatro cantos do mundo. A maioria é do século XX, encontrando-se ainda exemplares dos séculos XVII e XVIII.

58 Garrafas

São garrafas em cristal e vidro adornados a prata, madeira ou pintadas à mão. Grande parte da colecção é originária dos séculos XIX e XX e de cidades europeias como Lisboa, Londres e Veneza.

14 Incenseiros

Do século XX, oriundos de Portugal, Espanha, Itália e Turquia. Apresentam-se em prata, casquinha e metal.

14 Instrumentos musicais

Em madeira, latão e casca de coco simples, com embutidos ou pintados, encontramos no “*Universo de Memórias*” violas, guitarras, braguinhas, trombones, cornetas e cítaras. São oriundos da Ásia, Áustria, Brasil, Itália e Portugal.

470 Jóias

Esta colecção contém 365 peças de ourivesaria e 105 jóias de cena. Inclui colares, anéis, alfinetes de peito, cruces, tearas e pulseiras em prata e ouro. As jóias de cena constituem, segundo o coleccionador, “(...) o *testemunho de uma grande sensibilidade de artesãos que tão hábil e minuciosamente constroem autenticas maravilhas.*”

Neste conjunto encontra-se um exemplar da Costa do marfim, em ferro batido, atribuído à Idade Média Tardia (séculos XIV-XV).

A maioria destas peças data dos séculos XIX e XX são oriundas de vários países da África, América, Ásia e Europa. Nesta colecção o destaque vai para as 26 cruces, em ourivesaria e/ou fantasia, que primam pela diversidade de cores, tamanhos e brilho. Distinguimos igualmente as 57 borboletas em filigrana portuguesa em ouro e prata.

20 Ícones

Coleccionar ícones demonstra o respeito e admiração, de um católico como João Carlos Abreu, pela arte sacra da Igreja Ortodoxa. São ícones maioritariamente russos, embora possamos encontrar exemplares gregos e polacos. Grande parte dos ícones originários da antiga URSS saíram do país clandestinamente, “*por debaixo do casaco*”, como afirma o coleccionador. As datas da proveniência dos exemplares são muito imprecisas, mas, segundo alguns especialistas, a maioria são dos séculos XIX e XX, havendo pelo menos um exemplar do século XVII e outro do século XVIII.

5 Leques

É uma colecção diversificada no tempo, no espaço e na forma. Datados dos séculos XIX e XX, podemos encontrar um exemplar por país – Espanha, Itália, França, China e Japão. São em seda, papel de arroz e tecido, com armação em madeira, marfim e polipropileno. A maior parte deles são adornados com pinturas manuais.

10 000 Livros

Esta é a colecção mais extensa e é também aquela que nunca deixou de exercer a função para a qual foi criada – a leitura e/ou consulta. Não é uma colecção que prime pela qualidade das encadernações, embora existam determinadas

enciclopédias encadernadas em pele com inscrições a ouro, mas pela diversidade de assuntos. Está catalogada segundo a “Classificação Decimal Universal” e os seus dados estão inseridos numa base de dados informática criada para esse efeito pelo técnico do “*Universo de Memórias*” encarregue desse serviço.

12 Máquinas de escrever

Estas máquinas de escrever foram oferecidas a João Carlos Abreu pelos familiares do Professor Mário Sobrinho. Mesmo não sendo adquiridas pelo próprio colecionador evocam os seus tempos de jornalista e, portanto, não deixam de ser marcos da sua memória.

101 Marionetas do teatro de sombras da Indonésia

As personagens incluem reis, princesas, gigantes, deuses, demónios e cidadãos, que se distinguem através das feições e das cores. Apresentam-se em pele, madeira policromada e tecido. A marioneta mais antiga data de 1910, é de Bali, feita em pele recortada e pintada. As restantes, de Bali e Java são dos anos 50 do século XX.

41 Máscaras

As máscaras são todas do século XX, provenientes de Veneza, de vários países de África, da China, da Indonésia, da Índia e do Sri Lanka.

248 Móveis

“(...) Durante algum tempo tinha na ideia abrir um antiquário, o problema foi vender as peças...gostava de tudo!”

Encontramos nesta colecção peças de mobiliário que vão desde o século XVII à actualidade. São provenientes da China, Índia, Portugal, Espanha, França, Itália e Inglaterra.

6 Ovos de avestruz

Pintados manualmente ou decorados com técnicas apropriadas, o ovo mais antigo é chinês e data de meados do século XIX, os restantes são do século XX, da África do Sul e Marrocos.

55 Pastores Napolitanos

Em terracota e tecido, o pastor mais antigo data do século XVII, os restantes são do século XX. De referir que, sempre que João Carlos Abreu vai a Nápoles, adquire um pastor. São todos feitos pelo mesmo artesão, estão devidamente assinados, e têm a característica de terem todos as mesmas feições mas com expressões faciais diferentes.

177 Patos

São 177 patos, em barro, cobre, madeira, metal, porcelana e vidro. Encontram-se numa *vitrine* da Casa de Chá do “*Universo de Memórias*”. São do século XX e provêm dos quatro continentes visitados por João Carlos Abreu.

7 Peças de estampar tecidos

Existem 6 peças em bloco, com baixos-relevos, da América Latina, Nepal e Tibete e 1 rolo de estampagem com alto-relevo de cobre, originário da China. São todas de meados do século XX.

13 Pentas

Os pentas espanhóis e portugueses destinavam-se ao adorno de cabelos, os pentas de origem africana para penteá-los. São em madeira, marfim, metal e prata e datam do séculos XIX e XX.

897 Porcelanas

As porcelanas (chávenas, pratos, jarrões, urnas, potes, (...)) constituem a terceira maior colecção de João Carlos Abreu. São oriundas de todos os países europeus, e, também, da China, da Índia, do Japão, da América e da África. A peça mais antiga é um prato branco e azul atribuído à dinastia Ming, reinado Shenghna (1464 -1487). De grande importância são também duas urnas de Sèvres e uma colecção de pratos da Companhia das Índias.

424 Quadros

Nesta categoria incluem-se as pinturas, litografias, serigrafias, gravuras e desenhos, dos mais diversos estilos, correntes artísticas, técnicas e materiais. Entre as pinturas mais antigas dois óleos sobre madeira, provenientes da Holanda e referenciados

como sendo do século XVII. Existe uma grande colecção de pinturas de artistas regionais, de artistas continentais e de artistas internacionais.

32 Relógios

Embora existam alguns exemplares de parede e de caixa, a grande maioria são relógios de bolso em prata e ouro dos séculos XVIII, XIX e XX.

8 Samovares

No “*Universo de Memórias*” encontram-se samovares, em prata, casquinha e latão. Datam dos séculos XIX e XX.

5 Scrimshaws

São exemplares de dentes de cachalote gravados com motivos da Região pelo madeirense Manuel da Cunha.

32 Sinetas

São sinetas europeias e asiáticas, em casquinha, prata, latão, metal e porcelana, do século XX.

10 Talhas

De diversos tipos de madeira, estas talhas são feitas por artistas italianos e indonésios. A referência vai para um exemplar em pinho da madeirense Guilhermina da Luz.

4.3.9. Colecção – Exposição Virtual

Serão colocadas online exposições temporárias, constituídas por peças que se encontram nas reservas da Instituição.

Só estão previstas exposições virtuais em 2009.

4.3.10. Visita Guiada

Esta visita que só poderá ser visualizada no *site*, será feita através da planta da casa. Para visitar determinado espaço da casa basta *clicar* na divisão correspondente que fará *link* para um pequeno vídeo panorâmico com cerca de cinco segundos.

4.3.11. Serviços

4.3.11.1. Serviços Educativos

4.3.11.1.1. Missão

A missão dos Serviços Educativos do “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*” potencia a construção de conhecimentos, despertando aptidões naturais, informando e interagindo com todas as faixas etárias e culturais.

Este serviço tem por finalidade a criação de novas fórmulas de relação evento/público, através de estratégias lúdico-pedagógicas de abordagem às artes performativas. Pretende, assim, estimular competências criativas, críticas e expressivas e proporcionar experiências de partilha e de lazer.

As actividades, concebidas segundo premissas transdisciplinares, procuram desenvolver a relação do indivíduo com o espaço através da descoberta, da aprendizagem e da memorização. Este Serviço visa ainda sensibilizar e formar públicos de idades, vivências e interesses diversificados e promover a aprendizagem ao longo da vida.

4.3.11.1.2. Tipos de actividades

Crianças e Jovens

Crianças do pré-escolar – até aos 6 anos

- Safari das Memórias
- Dominó dos Animais

Crianças do 1º ciclo – 6/ 7 anos

- Visita Jogo/dado
- O Universo dos Cavalos e as Memórias das Gravatas

Crianças do 1º ciclo – 8/ 9 anos

- Fotografias das Memórias
- Palavras-Chave
- Mapa do Tesouro
- Memórias da Cultura Portuguesa

Crianças do 2º ciclo – 10/ 12 anos

- Mapas do Tesouro
- Memórias de uma Cultura Universal
- Memórias da Cultura Portuguesa
- Viagem ao Mapa-mundo

Adolescentes do 3º ciclo e Ensino Complementar

- Memórias de uma Cultura Universal
- Memórias da Cultura Portuguesa
- Viagem à Índia

Adultos e Seniores

São desenvolvidas actividades com Instituições de Inserção Social, Juntas de Freguesia, ensino especial, ...Professores e outros agentes de Acção Educativa.

Para uma melhor coordenação dos grupos, as marcações deverão ser efectuadas com uma semana de antecedência através do e-mail umseducativos.drac@madeira-edu-pt ou do telefone/fax 291 225122.

4.3.11.2. Projectos

- 2007 - Projecto *Appaloosa*

Criado em Setembro, o Projecto *Appaloosa* teve por principal objectivo a pintura de um cavalo, em tamanho real e em fibra de vidro, por doze artistas residentes na Madeira durante doze meses – Setembro 2007 a Setembro 2008. Cada artista recriou, no cavalo, uma das colecções doadas por João Carlos Abreu, culminando numa obra de arte colectiva que vai ao encontro da filosofia do “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*”. A selecção dos artistas ficou a critério da Instituição. A escolha dos meses de trabalho bem como as colecções representadas foram sorteadas em reunião entre os artistas e a organização do projecto.

O nome *Appaloosa* foi escolhido pelo paralelismo existente entre a pelagem pintada pela mãe natureza dos Cavalos *Appaloosa* e a pelagem pintada, pelos artistas seleccionados, no cavalo de fibra de vidro da colecção do “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*”.

De seguida, passamos a apresentar os artistas seleccionados, os meses em que intervieram e a colecção que cada um representou no cavalo.

Artistas	Meses	Colecções
Lucilínea	Setembro	Livros
Carla Cabral	Outubro	Instrumentos Musicais
Ricardo Barbeito	Novembro	Gravatas
Alice Sousa	Dezembro	Jóias
Paulo Sérgio	Janeiro	Relógios de bolso
Rute Pereira	Fevereiro	Máscaras
Graça Berimbau	Março	Pastores Napolitanos
Domingas Pita	Abril	Chávenas
Gil Nuno	Mai	Borboletas
Martinho	Junho	Bules e cafeteiras
Marcos Milewsky	Julho	Colheres
Teresa Jardim	Agosto	Pato

Quadro 2 – Planificação da intervenção artística - Projecto *Appaloosa*

Galeria de imagens



Fig. 205
Cavalo *Appaloosa* antes da intervenção
artística

4.3.12. Informações Gerais

4.3.12.1. Horário

Terça a Sábado: 10h00 – 17h00

Encerrado aos Domingos, Segundas-feiras e Feriados.

As visitas são guiadas e têm a duração aproximada de uma hora.

4.3.12.2. Localização

Calçada do Pico nº 2 e 4, freguesia de São Pedro, Concelho do Funchal.



Fig. 206
Planta do Funchal desde a Avenida das comunidades madeirenses até ao “Universo de Memórias”.

SERVIÇOS:

3. Paragem de autocarros
4. Parque de estacionamento
5. Parque de estacionamento
6. Jardim do Torreão
7. Direcção Regional dos Assuntos Culturais
10. Câmara Municipal do Funchal
12. Secretaria Regional de Turismo e Transportes,
- 1 – Posto de Informação
13. Praça de Táxis
17. Assembleia Legislativa Régio

LOCAIS DE INTERESSE CULTURAL:

1. “Universo de Memórias”
2. Museu Quinta das Cruzes
8. Casa-Museu Frederico de Freitas
9. Museu Fotografia Vicentes
11. Museu de Arte Sacra
14. Sé Catedral
15. Teatro Municipal
16. Palácio de São Lourenço (Museu)

■ Percurso pedestre para o Universo de Memórias

4.3.12.3. Transportes

Acesso pedonal a partir do centro da Cidade.

4.3.12.4. Ingressos

Bilhete normal – 3,00 €

Terceira idade, cartão-jovem e estudantes – 1,50 €

Bilhete para grupos (mínimo de 6 pessoas) – 1,50 €

Professores a exercerem funções na Região Autónoma da Madeira, Cartão ICOM, APOM e crianças até 14 anos – Grátis

4.3.12.5. Agenda de actividades

Só estão previstas actividades a partir de Janeiro de 2009 daí, este campo se encontrar vazio na altura do lançamento oficial do *site*.

4.3.12.6. Casa de Chá

A Casa de Chá, de entrada livre, proporciona ao visitante um agradável ambiente, emoldurado pelos jardins tipicamente madeirenses e acompanhado pelos deliciosos *scones*, *petit-fours*, bolos caseiros, ... chás e infusões. Para grupos organizados e com marcação prévia existem menus especiais que incluem uma visita guiada às colecções.



Fig. 207
Casa de Chá
(Interior)



Fig. 208
Casa de Chá
(pormenor do jardim)

4.3.12.7. Auditório

Com capacidade para 30 lugares, o Auditório, funciona como local de acolhimento aos grupos dos Serviços Educativos. É igualmente um espaço de divulgação e promoção de diferentes actividades e eventos na área cultural.



Fig. 209
Auditório



Fig. 210
Auditório em plena
conferência.

4.3.12.8. Loja de vendas

A Loja de vendas também funciona como Recepção e Bilheteira. São comercializadas edições da Direcção Regional dos Assuntos Culturais, livros do João Carlos Abreu e postais com algumas das peças do espólio.

Brevemente será prestado o serviço *e-commerce*.



Fig. 211
Loja de vendas

4.3.12.9. Acerca do Site

Ficha Técnica

Concepção – Direcção de Serviços do Sistema de Informação – Secretaria Regional de Educação e Cultura

Coordenação geral: Sílvia Cristina Abreu Nóbrega Chícharo Laranjeiro

Redacção dos Textos: Sílvia Cristina Abreu Nóbrega Chícharo Laranjeiro

Tradução: Cátia Santos, Nádia Raquel Freitas, Sílvia Chícharo Laranjeiro

Créditos Fotográficos: *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu*; Família Faria

Gestão de conteúdos: Sílvia Cristina Abreu Nóbrega Chícharo Laranjeiro

Programação: Direcção de Serviços do Sistema de Informação

Vídeos – Direcção Regional dos Assuntos Culturais – Secretaria Regional de Educação e Cultura e RTP Madeira

Alojamento: Secretaria Regional de Educação e Cultura – www.madeira-edu.pt

Plataforma: código aberto – Dotnetnuke

4.3.12.10. Logótipo

O logótipo do “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*”, desenhado pelo escultor madeirense Ricardo Veloza, é formado por um núcleo central, por uma ave e pelo nome “UNIVERSO DE MEMÓRIAS”.

O núcleo central, de cor vermelha, simboliza a dinâmica e a força. Esta dinâmica e força, dada pela cor, desfaz o geometrismo circular do núcleo fazendo com que este se expanda. Daqui sai uma ave, também ela vermelha, que não só simboliza a dinâmica, uma vez que está em pleno voo, mas também a liberdade, a fantasia e toda uma vida dedicada às viagens.

As palavras “UNIVERSO DE MEMÓRIAS”, de cor preta, trespassam o núcleo central, formando um todo que passou a ser a *imagem de marca* desta instituição cultural, desde 2003.



Fig. 212
Logótipo da Instituição

4.3.13. Contactos

Coordenador: Sílvia Cristina Abreu Nóbrega Chícharo Laranjeiro

Morada: Calçada do Pico n.º 2

9000-206 São Pedro

Funchal – Madeira

Telefone/Fax: (+351) 291 225122

E-mail: ccesc.drac@madeira-edu.pt

cccumjcna@netmadeira.com

4.3.14. Links úteis

Passamos, de seguida, a discriminar os sites que constarão nos “*links úteis*”

www.centrofunchal.com/mpcore.php?name=Noticias&file=article&sid=813

Artigo sobre a representação da colecção de gravatas do “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*” no cortejo alegórico do Carnaval de 2006.

www.contigoteatro.blogspot.com/search/label/La%20Nonna

Site oficial da companhia de teatro madeirense “*Contigo Teatro*” onde João Carlos Abreu se estreou como actor amador. Aqui poderá ser vista a reportagem da peça pela “RTP Madeira” bem como todo o projecto de encenação da peça “*La Nonna*”.

www.criamar.pt

Site oficial da Associação CRIAMAR presidida por João Carlos Abreu.

www.culturede.com

Portal global das actividades e agentes culturais da Madeira. Aqui, o *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu* pode ser visualizado na parte destinada a “Museus”.

<http://www.funchal500anos.com/galeria.asp?ano=2008&idAct=456&i=1070#show>

Site oficial das comemorações dos 500 anos da cidade do Funchal. Aqui poderá ser vista uma galeria de imagens sobre a peça.

www.madeira-edu.pt

Site oficial da Secretaria Regional de Educação e Cultura que tutela, desde Junho de 2007, o *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu*.

www.penclube.no.sapo.pt/pen_portugues/socios/joao_abreu.htm

Site oficial do PEN CLUB onde podem ser encontradas referências de João Carlos Abreu enquanto membro do clube.

<http://www.jornaldamadeira.pt/not2008.php?Seccao=14&id=97841&sdata=2008-06-09>

Entrevista feita a João Carlos Abreu aquando da sua actuação na “Ceia dos Cardeais”.

4.3.15. Livro de honra

Neste espaço o usuário poderá deixar mensagens acerca do site e dos seus conteúdos através do endereço: um.drac@madeira-edu.pt. As mensagens ficarão visíveis para os utlizadores do site.

4.3.16. Sugestões

O usuário deixa, neste espaço, aquilo que acha que deveria ser alterado. As sugestões serão enviadas para o endereço: cccsc.drac@madeira-edu.pt.

4.3.17. Faq's

Este conteúdo é constituído pelas perguntas e respectivas respostas em relação ao funcionamento do *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu*.

Os visitantes podem fotografar as colecções durante a visita guiada?

Não. Aos visitantes da Instituição está vedada a execução de fotografias no seu interior.

Na loja encontram-se à venda postais com as peças da colecção.

Quanto tempo dura uma visita guiada às colecções?

Cerca de uma hora.

As visitas têm de ser guiadas?

Sim. A peculiaridade das colecções faz com que todas as visitas à casa sejam orientadas por uma guia especializada na área. Fazem-se visitas em português, inglês, francês, alemão e espanhol.

O doador viveu na casa onde está, hoje, instalada a Instituição?

Não. A casa foi adquirida pelo Governo Regional da Madeira para expor, manter e divulgar as colecções doadas.

É necessário marcar com antecedência as visitas?

Não. Somente os grupos das escolas deverão marcar as suas visitas com antecedência.

Para frequentar a Casa de Chá é necessário pagar?

Não. A Casa de Chá é de entrada livre. Só paga aquilo que consome.

Existe alguma forma de obter descontos nas entradas?

Sim.

Entrada Livre:

- Professores a exercer funções na Região Autónoma do Funchal, Cartão ICOM, APOM e crianças até 14 anos

Desconto de 50%:

- Terceira idade, Cartão Jovem e estudantes até 24 anos e grupos (mínimo seis pessoas).

Qual é o horário do museu?

Terça a Sábado: 10:00 Horas – 17:00 Horas

As visitas são guiadas e têm a duração aproximada de uma hora.

Encerrado aos Domingos, Segundas-feiras e Feriados.

4.3.18. English version

A versão inglesa do site só estará pronta na altura do seu lançamento oficial – 5 de Dezembro de 2008.

4.3.19. Créditos

Conteúdos – *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu.*

5. <http://cultura.madeira-edu.pt/universodememorias/>

5.1. Esboços da página de abertura do *site* do “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*”

De seguida, iremos demonstrar, através de esboços elaborados em *PowerPoint*, o aspecto estrutural do *site* do “*Universo de Memórias*”.

Estes esboços foram realizados antes da concepção do *site* e, por isso, é provável que o resultado final não seja exactamente o planeado. Também há que ter em conta que, sendo este um *site* do portal “cultura.madeira-edu”, terá de obedecer a determinados padrões técnicos e de design, comuns a todos os *sites* a ele agregados, que estão, por isso, para além das nossas competências técnicas.

Assim, o nosso objectivo, aquando da elaboração destes esboços, não foi a nível técnico nem de grafismo, mas, apenas, ao que se refere ao teor e organização dos conteúdos.



Fig. 213
Esboço nº 1 da página de abertura do site do “Universo de Memórias”

1. Barra de Título - nome da Instituição à esquerda e o logótipo em marca d’água da Secretaria Regional de Educação e Cultura.

2. Banner dinâmico – secção com fotografias ou mensagens publicitárias. O conteúdo será alterado com frequência.
3. Barra de Menu automático com quatro menus e uma caixa de pesquisa.
4. Caixa de pesquisa – site ou Web.
5. Mapa da localização geográfica da Instituição - ao clicar em cima, amplia e faz link para as “Informações Gerais – Localização”. Este mapa também poderá ser uma fotografia por satélite que poderá ser manipulada pelo usuário. No caso de ser esta última opção serão colocados dois pioneses que indicarão o percurso pedestre desde a baixa do Finchal ao “*Universo de Memórias*”. Em qualquer um dos casos, o mapa desenhado encontrar-se-á sempre nas “Informações Gerais – Localização”.
6. Texto estático de um dos conteúdos do site.
7. Destaques do mês ou de época festiva – poderá ser uma imagem, um poema, o título de um evento ou projecto, ... ao clicar em cima faz link para a informação completa ou para uma galeria de imagens.
8. Logótipo da Instituição – ao clicar em cima faz link para a sua memória descritiva.
9. Menus dinâmicos com os títulos dos conteúdos.
10. Barra de status com conteúdos informativos.

Universo de Memórias

João Carlos Abreu








Home
Serviços
Visita Guiada
Informações Gerais
Web Site
Search
Login

Serviços Educativos

Mapa

Projectos

Horário

Localização

Transportes

Ingressos

Agenda de Actividades

Casa de Chá

Auditório

Loja

Acerca do site

Logótipo

Apresentação

do século XIX, o *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara - Universo de Memórias João Carlos Abreu* foi inaugurado pelo Governo Regional em 2002, para albergar todos os serviços da Região Autónoma da Madeira, por João Carlos Nunes.

Este elegante palácio, como um caleidoscópio, o *Universo de Memórias João Carlos Abreu* é um repositório de memórias construídas ao longo da vida de viajante com passagem por diversos países do mundo.

Este elegante palácio dispõe de um jardim, de uma Casa de Chá e de um auditório.



Destaques



Imóvel

Breve referência histórica

Enquadramento geográfico

Utilização inicial e actual

Materiais

Foto-descrição do edifício

Doador

Breve referência histórica

O jornalismo

As viagens

A escrita

A pintura

O teatro e a representação

A política

A Associação CRIAMAR

Colecção

Eventos

Serviços educativos

Projectos

15:54 Sexta-feira, 30 de Maio de 2008
English Version
Faq's
Mapa do site
Contactos
Links

Fig. 214

Esboço nº 2 da página de abertura do site do “Universo de Memórias”

1. Caixas de Menus – ao clicar nos títulos estes fazem link para os devidos conteúdos.

5.2. Visualização do site – <http://cultura.madeira-edu.pt/universodememorias/>

O site oficial do “*Universo de Memórias João Carlos Abreu*” poderá ser visto, através do link: <http://cultura.madeira-edu.pt/universodememorias/>, visualizado no CD ROM que acompanha esta dissertação.

Conclusão

Com a criação de um *site* do *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu*, propusemo-nos, nesta dissertação, fazer uma abordagem complementar a esta **realidade**, transpondo-a para a área do **virtual**. No entanto, é necessário salientar que o objectivo não foi criar um simulacro do museu físico mas uma nova interpretação do mesmo.

Na primeira parte da investigação dedicamo-nos à **realidade** do *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu*, clarificando a política de funcionamento da Instituição e o respectivo espaço edificado. Assim, no quadro legal da Região, esta Instituição é classificada como centro cívico e cultural, mas, a quase totalidade do público que a visita reconhece-a como museu. Também nos roteiros turísticos da Região e no *site* oficial da Direcção Regional dos Assuntos Culturais⁷¹, a Instituição está inserida na área destinada aos Museus. Para esclarecermos esta situação fizemos um estudo baseado na Lei Quadro dos Museus e concluímos que, grande parte dos requisitos, para a sua credenciação a museu, são cumpridos e que, se até agora não houve interesse na efectivação de tal candidatura, é provável que tivesse sido pelo receio de poder haver alterações naquilo que de mais genuíno tem esta Instituição – as *memórias*⁷² do doador da colecção. Quanto ao edifício, sede do *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu*, gostaríamos de destacar, mais uma vez, a importância de todo o processo de reabilitação e revitalização. Aqui, convém referir que o Governo Regional da Madeira adquiriu o espaço como forma de o salvar da sua transformação em mais um bloco de apartamentos. O erário público não foi utilizado para adquirir as colecções porque estas foram, por João Carlos Abreu, doadas à Madeira num acto de generosidade e desprendimento, incompreendido por alguns mas, entendido pela grande maioria⁷³. Portanto, o investimento financeiro do Governo Regional foi unicamente ao nível imobiliário, permitindo, assim, o surgimento desta Instituição cultural.

Para podermos falar em **realidade** tivemos, como é óbvio, que fazer um estudo do acervo e dos aspectos mais marcantes da vida do seu coleccionador, isto, porque

⁷¹ www.culturede.com

⁷² Neste contexto a palavra “memórias” está associada às colecções, à forma como foram organizadas de acordo com as memórias e a subjectividade do doador e à maneira como estas estão expostas.

⁷³ Aqui, seria conveniente ler algumas das mensagens deixadas, no Livro de Hora, pelas pessoas que visitam o “Universo de Memórias” - Ver “Anexos”

entendemos que só através do relato da sua biografia conseguimos perceber, mais cabalmente, o valor daquilo que colecciona. A colecção de João Carlos Abreu é, antes de mais, uma “colecção de colecções” cuja combinação da diversidade dos objectos leva-nos a apelidá-la, num sentido figurativo, de “Colecção écletica”, que, neste caso particular reflecte o espírito do homem típico da “Madeira Nova”. Não aprofundamos esta faceta do coleccionador apesar de reconhecermos que seria deveras interessante fazer uma abordagem biográfica de João Carlos Abreu, paralelamente à história da Madeira, especificamente à história da cidade do Funchal, onde o coleccionador nasceu e vive.

Na segunda parte deste estudo, transpusemos a barreira da *realidade* criando o *site* <http://cultura.madeira-edu.pt/universodememorias/>. Esta ferramenta permite potenciar o acesso à Instituição de forma mais ampla dando oportunidade a que esta extravase o seu espaço físico abrangendo um público muito mais vasto e diversificado. Esta nova forma de divulgação do acervo cria novas perspectivas de apresentação, como é o caso das visitas virtuais, atraindo o usuário para uma visita ao espaço físico e facilitando a difusão das suas actividades e edições. A dinamização será feita através da criação de exposições temporárias das peças do espólio, da interactividade entre o utilizador e a instituição, quer através de inquéritos, de sugestões, do livro de honra e do fórum que será criado, a curto prazo, assim como das actividades que o próprio *site* proporcionará aos seus usuários.

A estrutura do *site* foi apresentada, com todos os campos criados e com os conteúdos estáticos inseridos. A dinâmica e a criatividade dos restantes conteúdos ficarão a cargo do gestor de conteúdos e da programação cultural da própria Instituição. O design das páginas *web* obedeceu a uma determinada estrutura de maneira a haver uma certa uniformidade nos *sites* vinculados ao portal <http://cultura.madeira-edu.pt>

O propósito da dissertação foi cumprido e assim, acabámos por finalizar este estudo na expectativa que esta nova ferramenta traga à Instituição dinamismo e reconhecimento público.

Bibliografia Citada

Referências biográficas de João Carlos Abreu

Entrevista realizada a João Carlos Abreu no dia 11 de Março de 2008;

ABREU, João Carlos Nunes (1990), *Água no mar*, Ponta Delgada, Eurosigno Publicações Lda, 2ª Edição;

ABREU, João Carlos Nunes (1996), *Dona-Joana-rabo-de-peixe*, Ponta Delgada, Jornal da Cultura – Artes Gráficas e Publicações/Editorial Éter, contra capa;

ABREU, João Carlos Nunes (1994), *Sobre o voo da gaivota*, Ponta Delgada, Jornal da Cultura – Artes Gráficas e Publicações Lda, pp. 9 e 12;

ABREU, João Carlos Nunes (2005), *Voz que navega dentro de mim*, Funchal, O Liberal, pp.5 e 8;

GONÇALVES, José António (2002), *O Sol na Gaveta*, Funchal, Arguim Editora Regionalista, p.7;

www.criamar.pt, consultado a 20/12/2007;

www.macgreevy.org/namedb/results.jsp, consultado a 04/02/2007;

A Coleção

Entrevista realizada a João Carlos Abreu no dia 25 de Janeiro de 2008;

ANCIÕES, Alfredo Ramos (2005), *Episteme* nº21, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, disponível em:

http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/porta/pdf/numero21/episteme21_artigo_anciaes.pdf, consultado em Abril de 2008;

KRZYSZTOF, Pomian – *Colecção* (1984). In Enciclopédia Einaudi – Memória-História, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda., pp. 66 e 67;

POIRIER, Jean (1998), *História dos Costumes*, Lisboa, Editorial Estampa, , Vol. 10; p.150;

BLOM, Philipp (2003), *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e colecções*, Rio de Janeiro, Record, p.219;

Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias João Carlos Abreu

Lei-Quadro dos Museus Portugueses, publicado no Diário da Republica, nº 47/ 2004 de 19 de Agosto;

O virtual e o ciberespaço

LÉVY, Pierre, *A emergência do ciberespaço e as mutações culturais*. Palestra promovida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em Outubro de 1994. Disponível em:<http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias/subindex.cfm?Referencia=2888&ID=35&ParamEnd=6&autor=168>, consultado a 17/04/2008;

LYOTARD, Jean-François (1989), *O inumano: considerações sobre o tempo*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Estampa, p.71;

<http://www.ine.pt>, consultado a 12/04/2008;

<http://estatistica.gov-madeira.pt>, consultado a 12/04/2008;

Os museus e a Internet

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes, *Memória, museologia e virtualidade*. Dissertação apresentada ao *Departamento de Arquitectura, Urbanismo e Geografia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias* para obtenção do grau de

Mestre em Museologia, orientada por Mário Canova Magalhães Moutinho e Judite Santos Primo, Lisboa, 2004, p. 61;

www.museudoscoches-ipmuseus.pt, consultado a 12/04/2008;

www.museu-coruche.org, consultado a 12/04/2008;

www.mnarqueologia-ipmuseus.pt, consultado a 12/04/2008.

Bibliografia de Referência

- ABREU, João Carlos Nunes (2001), *A barca sem rumo*, Funchal, Fotolitos;
- ____ (1990), *Água no mar*, Ponta Delgada, Eurosigno Publicações Lda, 2ª Edição;
- ____ (s.d.), *Da ilha & de mim*, Funchal;
- ____ (1996^a) *Dona-Joana-rabo-de-peixe*, Ponta Delgada, Jornal da Cultura – Artes Gráficas e Publicações/Editorial Éter;
- ____ (1996^b) *Dos deuses ao turismo actual*, Ponta Delgada, Jornal da Cultura – Artes Gráficas e Publicações/Editorial Éter;
- ____ HOMEM, Maria Aurora (s.d), *Ilha a duas vozes*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal;
- ____ (2004), *Mete-me no teu coração*, Ponta Delgada, Fórum Culturas;
- ____ (1996^c) *Mon île*, Lisboa, Editorial Éter;
- ____ (1990^a), *O turismo da cultura*, Ponta Delgada, Eurosigno Publicações Lda;
- ____ (1995), *Poema New York*, Funchal, Edição do Autor;
- ____ (2008), *Por Dentro do Tempo*, Funchal, O Liberal;
- ____ (1990^b) *Porta aberta*, Funchal, Editorial Eco do Funchal;
- ____ (1994), *Sobre o voo da gaiivota*, Ponta Delgada, Jornal da Cultura – Artes Gráficas e Publicações, Lda;

____ (2003), *Universo de Memórias*, Funchal, Secretaria Regional de Turismo e Cultura;

____ (2005^a), *Viagem ao Coração*, Funchal, O Liberal;

____ (2005b), *Voz que navega dentro de mim*, Funchal, O Liberal;

AUGÉ, Marc (1998), *Não-Lugares: introdução a uma antropologia de Sobremodernidade*, 2^a ed., Bertrand, Venda-nova;

ANCIÕES, Alfredo Ramos (2005), *Episteme* nº21, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, disponível em:

http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/porta/pdf/numero21/episteme21_artigo_anciaes.pdf, consultado em Abril de 2008;

BELLIDO, Maria Luísa (2001), *Artes, museos y nuevas tecnologías*, Gijón, Trea;

BLOM, Philipp (2003), *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e colecções*, Rio de Janeiro, Record;

BRUNO, Cristina (1996), *Museologia e comunicação*, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, (Cadernos de Sociomuseologia, 9);

BUSCH, Vannevar – *As We May Think*, Artigo originalmente publicado em 1945 e disponível em www.csi.uottawa.ca/~dduchier/misc/vbuch/awmt.html, consultado a 2/04/2008;

CASTELLS, Manuel (2002), *A Sociedade em rede*, Vol 1, a era da informação: economia, sociedade e cultura, 6^a ed.rev. São Paulo: Paz e Terra;

CFAN FEIJOO, Fátima (1994), *La Revolución informática: como los avances tecnológicos están cambiando los Museos*, Revista de Museologia, nº 3, Octubre-Diciembre;

GONÇALVES, José António (2002), *O Sol na Gaveta*, Funchal, Arguim Editora Regionalista;

GUILLAU Marc (2003), *A Política do Património*, Porto, Campo das Letras – Editores;

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes (2004), *Memória, museologia e virtualidade*. Dissertação apresentada ao *Departamento de Arquitectura, Urbanismo e Geografia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia*, para obtenção do grau de Mestre em Museologia, orientada por Mário Canova Magalhães Moutinho e Judite Santos Primo, Lisboa;

HUTEMA, Christian (1995), *E Deus criou a Internet...*, Lisboa, Dom Quixote;

KRZYSZTOF, Pomian – *Colecção* (1984), In *Enciclopédia Einaudi – Memória-História*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda;

LÉVY, Pierre, *A emergência do ciberespaço e as mutações culturais*. Palestra promovida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em Outubro de 1994. Disponível em:

<http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias/subindex.cfm?Referencia=2888&ID=35&ParamEnd=6&autor=168>, consultado a 17/04/2008;

LÉVY, Pierre (2001), *O que é o virtual?* 2ª Ed., Coimbra, Quarteto Editora;

LYOTARD, Jean-François (1989); *O inumano: considerações sobre o tempo*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Estampa;

MAGALHÃES, Fernando (2005), *Museus, Património e Identidade – Ritualidade, Educação, Conservação, Pesquisa, Exposição*, Porto, Profedições Lda;

MESTRE, Victor (2002), *Arquitectura popular da Madeira*, Lisboa, Editora Argumentum – Edições Estudos e Realizações;

MOGG-CLIFTON, Caroline (2002), *A Passion for Collecting – Decorating with your favourite objects*, Boston, New York e London, Bulfinch Press;

NEGROPONTE, Nicholas (1996), *Ser Digital*, Lisboa, Caminho;

OLIVEIRA, José António Rodrigues (2004), *Os Francis (Cos) da Madeira*, Porto, Edição do autor;

POIRIER, Jean (1998), *História dos Costumes*, Lisboa, Editorial Estampa, Vol. 10;

RHEINGOLD, Howard (1996), *A Comunidade Virtual*, Lisboa, Gradiva;

RODRIGUES, Maria João Madeira, Pedro Fialho de Sousa, Horácio Manuel Pereira Bonifácio, *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, Coimbra, Quimera Editores, 1996;

SILVA, Carlos Alberto, *A Dimensão socioespacial do Ciberespaço*, disponível em www.tamandare.g12.br/indexciber.htm;

SILVA, Libório, REMOALDO, Pedro (1997), *Introdução à Internet*, 3ª ed., Editorial Presença;

SILVEIRA, Sérgio (2001) – *A exclusão digital*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo;

TEIXEIRA, Luís Manuel (1985), *Dicionário Ilustrado De Belas-Artes*, Lisboa, Editorial Presença, Lda;

THOMAS, Selma, MINTZ, Ann (2000), *The Virtual and the Real, media in the museum*, Washington, American Association of Museums.

DECRETO REGULAMENTAR REGIONAL nº 2/2005, Subsecção IX, artigo 31º.

"JOREgião Autónoma da Madeira I Série B" Nº 9;

Lei-Quadro dos Museus Portugueses, publicado no Diário da Republica, nº 47/ 2004 de 19 de Agosto;

Resolução nº 465/2002, Presidência do Governo Regional, “JORAM Região Autónoma da Madeira, I Série” nº 52;

www.almaz.com/nobel/literature/1987a.html, consultado a 03/01/2007;

www.anmp.pt/anmp/div2001/museus/interv/CMCascais.doc, consultado a 18/03/07;

www.anmp.pt/anmp/div2001/museus/interv/CMVConde.doc, consultado a 18/03/2007;

www.archimuse.com/mw99/papers.html, consultado a 12/12/07;

www.clubefilatelico brasil.com.br/artigos/aopiniao/psi.htm - consultado a 18/03/2007;

www.contigoteatro.com/pecas/ - consultado a 20/12/2007;

<http://casinhasdeprazer.no.sapo.pt/222.htm>;

www.criamar.pt, consultado a 20/12/2007;

www.dicweb.com, consultado em Abril de 2008;

<http://estatistica.gov-madeira.pt>, consultado a 12/04/2008;

www.hipersociologia.org.ar/catedra/material/gubern.html, consulado em 13/12/2007;

www.ine.pt, consultado a 12/04/2008;

www.macgreevy.org/namedb/results.jsp , consultado a 03/01/2007;

www.mnarqueologia-ipmuseus.pt, consultado a 12/04/2008;

www.museudoscoches-ipmuseus.pt., consultado a 12/04/2008;

www.museu-coruche.org, consultado a 12/04/2008;

www.ordens.presidencia.pt/ordem_merito_merito.htm, consultado a 03/01/2007;

www.penclube.no.sapo.pt/pen_portugues/fundadores.htm, consultado a 03/01/2007;

www.premiocaprisanmichele.it/origine_%20del_premio.htm, consultado a 04/02/ 2007;

www.tamandare.g12.br/indexciber.htm, consultado a 15/04/2008;

www.3dfunchal.com, consultado a 03/01/2007.

Glossário de termos arquitectónicos

A

Adossado – designação do elemento arquitectónico ou escultórico, encostado a uma parede ou a outro membro de maior superfície ou volume.

Água – Qualquer dos planos inclinados que constituem uma cobertura em telhado.

Água-furtada – Piso de uma casa cuja cobertura é o telhado, tendo uma área útil inferior aos restantes pisos a que se sobrepõe; janelas abertas na água do telhado e que servem para iluminar e ventilar os compartimentos existentes; o mesmo que sótão.

Almofadas – Saliência quase sempre rectangular, emoldurada no seu contorno, na superfície de um muro, porta, etc.

Arco pleno – Também chamado de arco romano. É o arco em que a altura é igual a metade do vão ou diâmetro.

Avançamento – Parte ou massa de um edifício saliente em relação às linhas gerais das paredes.

B

Balaústre – pequena coluna de pedra, metal, cerâmica ou madeira.

Balaustrada – Parapeito corrido sustentado por uma fila de balaústres, a espaços regulares, servindo de remate a um edifício, de anteparo a vãos (janelas, escadas, etc).

Balaustrada falsa ou cega – balaustrada com os balaústres recortados sobre um paramento cheio, não vazado.

Balcão – Ressalto na fachada de um edifício, resguardado por varanda ou balaustrada.

Bandeira – Painel ou caixilho envidraçado num vão sobre porta ou janela.

C

Caixilhos – Moldura de madeira ou metal onde se dispõem os vitrais ou vidros da janela.

Casinha de Prazer – Pequenas construções tipicamente madeirenses, situadas num dos extremos dos jardins das quintas funchalenses, sobranceiras à rua, estrategicamente colocadas para aproveitar a paisagem. São espaços de lazer construídos com vários materiais com o interior, quase sempre decorado e com mobília de vime pintado.

Chave – Pedra central de um arco ou de uma abóbada geralmente decorada de acordo com o estilo arquitectónico a que pertence; fecho.

Corpo saliente – Parte de um edifício que ressalta do todo.

E

Estatueta hidráulica – Estatueta colocada numa fonte e que jorra água.

F

Fajoco – Pedra de origem vulcânica heterogénea e mole muito comum na Madeira.

Ferro forjado – Ferro trabalhado a martelo ou malho.

Ferro fundido – Ferro vazado, em fusão, nos moldes.

G

Geminado – Vários elementos arquitectónicos agrupados a par e com um elemento de união comum.

J

Janela jacente – Janela mais larga do que alta.

Janelo – Janela pequena; postigo.

L

Lambrequim – Recorte de madeira, metal ou tecido que encima um pavilhão, tenda, janela, etc.

Lintel – Verga em madeira, pedra ou ferro que se apoia nas ombreiras de uma porta ou janela.

M

Marquise – Amparo ou galeria que protege uma fachada ou parte dela das chuvas ou vento.

Moldura – Motivo ornamental corrido, saliente ou vazado.

P

Piso nobre – piso principal de uma casa, normalmente corresponde ao 1º piso e é onde se situam as salas de estar e de jantar.

Postigo – Janela pequena; janelo.

R

Ressalto – Avançamento; parte saliente ou molduras arquitectónicas em relação ao plano onde estão embebidos.

S

Soleira – Peça inferior da moldura de uma porta, em mármore, pedra, metal ou madeira, nivelada com o piso.

T

Tapa-sol – Portadas, muito usadas nas Madeiras, constituídas por ripas de madeira dispostas horizontalmente, normalmente de cor verde-escuro.

V

Varandim – Varanda estreita; anteparo gradeado assente sobre o peitoril de algumas janelas.

Vitral – Composição figurada ou decorativa, formada por um mosaico de vidros cerrando um vão, cujo efeito plástico deriva, essencialmente, do jogo de transparência à luz.

Este glossário foi elaborado com base na recolha de termos nas aulas de História da Arte e Património Artísticos Regionais do primeiro semestre deste mestrado, no *Dicionário Ilustrado de Belas-Artes* de Luís Manuel Teixeira e no livro *Arquitectura popular da Madeira* de Victor Mestre.

Glossário de termos informáticos

A

ARPA – Advanced Research Project Agency – Agência de Projetos de Pesquisa Avançados dos EUA criada no final da década dos 50, no auge da guerra fria, com o objetivo de desenvolver projectos, que garantissem ao país a condição de superpotência tecnológica. Em 1965, a ARPA inicia os estudos para a criação de uma rede de telecomunicações, descentralizada, baseada em computadores e, que não pudesse ser destruída por nenhum ataque localizado. Esta rede que, primordialmente, interligou instituições militares, incorporou, em meados dos anos 70, um consórcio formado pelas Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA) e em Santa Barbara (UCSB), o Stanford Research Institute (SRI) e a Universidade do Utah, em Salt Lake City, foi o embrião da Internet.

Aplicativo – Programa executável destinado a auxiliar o usuário na realização de determinadas tarefas num computador, como por exemplo, os processadores de textos (Word) e planilhas (Excel).

Atalho – *Ícone* colocado na área de trabalho de um computador, que quando accionado pelo *cursor* do *rato*, permite o acesso imediato ao programa que representa.

B

Backbone – Espinha dorsal – *rede* de alta velocidade formada por linhas de comunicação e *hardware* de transmissão e recepção, a qual se conectam todos os *provedores de acesso à Internet*.

Banner – Bandeira – secção retangular em páginas da *Web* destinada a mensagens publicitárias.

Barra de Ferramentas – Recursos gráfico de diversos programas, que exhibe, geralmente na parte superior da tela do computador, um conjunto de botões de acesso a diversas ferramentas de trabalho.

Barra de Menu – Faixa retangular, normalmente apresentada na área superior da *janela* de um *aplicativo*, na qual é possível seleccionar um entre diversos *menus*.

Barra de Status – Barra localizada na parte inferior da *janela* de diversos programas, que apresenta informações sobre esse mesmo programa, como por exemplo, número da página e, no caso dos *browsers*, mensagens diversas para o internauta.

Barra de título – Área superior da *janela* de um documento ou *aplicativo* que exhibe o nome desse mesmo documento ou *aplicativo*.

Browser – Programa utilizado para navegar pela *Internet*, daí ser chamado também de navegador. Os mais conhecidos são o *Internet Explorer* da Microsoft e o *Navigator* da Netscape. O mesmo que navegador

C

CD ROM – Compact Disc Read Only Memory – Disco Compacto com Memória Somente para Leitura – suporte de armazenamento óptico para dados digitais (texto, imagens, áudio e vídeo) desenvolvido a partir do Compact Disc. Seu conteúdo, gravado uma vez não pode ser alterado.

CERN – Centre Européen de Recherches Nucléaires – Centro Europeu para Pesquisa Nuclear - centro de pesquisas nuclear, com sede em Genebra, Suíça, onde nasceu a *World Wide Web*, pelas mãos de Tim Berners-Lee em 1989.

Clicar – Acto de pressionar ou soltar os botões do *rato*.

Cursor – *Ícone* no formato de uma pequena seta ou barra vertical piscante, esta delimitada por outras duas horizontais dispostas nas extremidades, que se desloca na tela do monitor acompanhando os movimentos do rato. Serve para indicar o local de uma acção a ser executada pelo accionamento desse *periférico*.

CPU – Central Processing Unit – Unidade Central de Processamento – dispositivo interno do computador responsável pelo processamento, controle, interpretação e execução das instruções provenientes de um programa.

E

E-commerce – Transações comerciais envolvendo bens ou serviços, entre pessoas físicas e jurídicas efetivadas por meio da *Internet*. O mesmo que comércio electrónico.

E-mail – Correio electrónico.

F

Faq's – Frequently asked questions – Área de um *site* em que estão listadas respostas às perguntas mais comuns em relação a um assunto específico ou serviço.

FileMaker – Software desenvolvido para organizar todos os tipos de dados, armazenar e exportar todo o tipo de ficheiros (PDFs, imagens, documentos de Microsoft Office, Ficheiros Excel, video e vários outros formatos).

FTP – File Transfer Protocol – *Protocolo* para Transferência de Arquivos. *Protocolo* para transmitir ou receber arquivos pela *Internet*. Quando se deseja, por exemplo, hospedar um site na Internet, a transferência dos arquivos do computador local para o provedor é feito através desse *protocolo*.

FCCN – Fundação para a computação Nacional -Portugal

Fórum – Comunidade virtual voltada à discussão de um tema específico, por meio de correio eletrônico. Podem ou não ser moderados. No primeiro caso, as contribuições passam por um moderador, encarregado de analisar o conteúdo, para verificar se pertence ou não ao tema ou evitar repetições e, posteriormente enviá-las na íntegra ou compiladas aos integrantes. O mesmo que grupo de discussão.

G

Google – *Mecanismo de busca* criado em 1998, por Sergey Brin e Larry Page. Transformou-se, em pouco tempo, no mais abrangente e eficiente processo de pesquisa da *Web*. A razão de seu sucesso deve-se à velocidade de resposta raramente superior a um segundo e, principalmente, ao critério de busca, baseado num indicador chamado Page Rank, que permite listar nos primeiros lugares os resultados mais relevantes, evitando que o usuário perca tempo consultando sites cujo conteúdo não lhe interessa.

Gestor de conteúdos – pessoa responsável pela manutenção das páginas de um *site*.

H

Hardware – Ferramenta. Parte física de um computador e de seus *periféricos*.

Hiperlink – hiper (texto) + *link* – Hipervínculo. Palavra, expressão ou imagem que permitem o acesso imediato à outra parte de um mesmo, ou outro documento, bastando ser acionado pelo *cursor* do *rato*. Num *hipertexto*, um *link*, na forma de palavra ou expressão, vem sublinhado ou grafado em cor distinta da utilizada para o resto do texto.

Hipertexto – Modo de apresentação de informações escritas, que utiliza-se de *hiperlinks* para aceder a excertos de um mesmo, ou outro documento.

Homepage – Página de entrada ou de abertura de um *site*, escrita em linguagem *HTML*. Contém uma apresentação geral, um *menu* e *hiperlinks* para as principais secções do seu conteúdo.

Host – Computador central que controla e armazena programas e dados utilizados por outros computadores conectados a uma *rede*. O mesmo que *servidor*.

HTML – Hypertext Markup Language - Linguagem de Marcação de Hipertexto - linguagem padrão para a criação de páginas num *site*. Consiste num conjunto de códigos, denominados “marcas”, inseridos entre parenteses angulares “<” “>” e que determinam a função de cada elemento da página.

HTTP – Hyper Text Transfer Protocol – *Protocolo* de Transferência de *Hipertexto* – *protocolo* básico para o trânsito de dados e informações na *Internet*.

I

Ícone – Figura de pequenas dimensões, que quando accionada pelo *cursor* do rato executa o programa ou arquivo que representa.

Interactividade – Capacidade de um sistema operacional ou programa de permitir interação num processo.

Interactivo – Diz-se dos sistemas e programas que permitem ao *usuário* a interecção ao longo do processo, fornecendo novos dados à medida que se obtenha resultado.

Internet – **Interconnected Networks** – Conjunto de *redes* de computadores, que se comunicam, por meio dos protocolos. Entre outros serviços, oferece a cópia de arquivos, correio eletrônico, participação em grupos de discussão e, o principal deles, o acesso à *World Wide Web*. O mesmo que *rede* mundial de computadores. Erroneamente, a *Internet* é usada como sinônimo de *World Wide Web* - *WWW*.

L

Link – Forma reduzida de *hiperlink*. O mesmo que *atalho*.

Login – Código com o qual um *usuário* se identifica para aceder ao *servidor* de uma *rede*.

M

Mecanismo de busca – *Site* que funciona como um grande catálogo de endereços da Internet, permitindo que os usuários pesquisem os mais diversos temas, através de palavras-chaves.

Menu – Lista de opções de comandos pertencentes a um programa ou a uma página da *Web*.

Modem – são as iniciais das palavras *MOdulator* – *DEMOlator*, que é um dispositivo físico – o *hardware* que permite ao computador a ligação telefónica ou a ligação ao cabo.

N

Navegação – Metáfora utilizada para expressar o acto de procurar informação na *Internet*. Daí os programas específicos para esse fim (browsers), serem chamados também de navegadores

Nó – Cada um dos computadores conectados a uma *rede*.

NSF – National Science Foundation _ órgão do governo norte-americano criado para financiar pesquisas científicas, como o NSFnet, primeiro *backbone* da *Internet*.

O

Online – Quando um computador está conectado a uma *rede* ou qualquer tipo de comunicação entre computadores.

P

Página de conteúdo – página de um *site*

Password – Palavra-chave – mesmo que *senha*.

Periférico – Todo o dispositivo que se pode conectar à *CPU* de um computador, como por exemplo, monitor, rato, teclado, caixa de som, impressora, câmara digital, etc.

Portal – *Site* que oferece vínculos organizados por temas a outros *sites* ou *serviços*.

PowerPoint – Software desenvolvido para permitir a organização de sequências multimédia de diapositivos, através de um conjunto versátil de ferramentas.

Protocolo – Conjunto de regras e convenções padronizadas que devem ser obedecidas para permitir a troca de dados entre computadores ligados em *rede*.

Provedor de acesso – Empresa que fornece serviços para ligação com a *Internet* pago ou gratuito, e-mail, hospedagem de *sites* pessoais etc. O mesmo que Access Provider.

PUUG - Portuguese *Unix* Users Group.

R

Rato – Periférico que controla os movimentos do *cursor* na tela do computador, permitindo a abertura de programas e de *menus* e a selecção e execução de diversas funções por meio de um clique, entre outras funções. É composto por uma pequena caixa plástica, com dois ou três botões, dependendo do modelo, e um dispositivo de detecção mutidirecional accionado por um esfera localizada em sua parte inferior. Foi inventado pelo norte-americano Douglas Engelbart, engenheiro e técnico em radares, nascido em 1925, no estado do Oregon. Apresentado publicamente, pela primeira vez em 1968 na Fall Joint Computer Conference, em São Francisco (EUA), o rato só passou a ser usado na década dos 80. O primeiro computador a utilizá-lo foi o Xerox Star. A sua popularização, entretanto, deu-se quando foi incorporado ao Apple Lisa (1983).

Rede – Conjunto de computadores interligados, de modo a permitir aos *usuários* a partilha de programas e arquivos. Uma rede pode ser permanente, quando a conexão é feita por cabo, ou temporária, quando por linha telefonica.

S

Search – Mecanismo de busca de um *site* que permite aos *usuários* pesquisarem os mais diversos temas, por meio de palavras-chaves, dentro do próprio site ou na web.

Senha – Palavra usada por um *usuário* na seqüência de um *login* para aceder ao *servidor* de uma *rede*. Mesmo que *Password* que em português significa *palavra-chave*.

Servidores – computadores que administram e fornecem programas e informações para os outros computadores conectados em rede, controlados por universidades, empresas e órgãos de governo, utilizando protocolos de controlo de transferências – Transfer Control Protocol/Internet Protocol, TCP/IP.

Site – Conjunto de documentos escritos em linguagem *HTML*, pertencentes a um mesmo endereço (*URL*), disponível na *Internet*. O mesmo que sítio.

Servidor – Computador central de uma *rede*, responsável pela administração e fornecimento de programas e informações aos demais computadores a ele conectados. O mesmo que *host*.

Software – Conjunto de instruções, programas e dados a eles associados, empregados durante a utilização do computador. O mesmo que programa ou aplicativo.

T

TCP/IP - Transmission Control Protocol - Protocolo de Controle de Transmissão/Protocolo Internet. Conjunto de protocolos utilizados para o gerenciamento do tráfego de informações pela *Internet*. Controla a divisão da informação em pacotes, seu direcionamento pela rede, do emissor ao destinatário, quando então é recomposta.

U

UNIX – Sistema operativo criado pela *Bell Laboratoires* desenvolvido, no início da década dos 70, por Ken Thompson e Dennis Ritchie. Embora fosse flexível, exigia que o *usuário* possuísse bons conhecimentos de informática. Quando surgiu, foi distribuído gratuitamente, o que permitindo inúmeras versões.

URL – Uniform Resource Locator - Localizador de Recurso Uniforme - padrão de endereço na *Internet*. Especifica o *protocolo* a ser utilizado para aceder o recurso (http, ftp, gopher, etc.); o *servidor* no qual o recurso está hospedado, nome da empresa ou instituição a qual o *site* pertence; o país de origem. O mesmo que endereço.

Usuário – Indivíduo que utiliza um computador, *rede* de computadores ou os serviços de um *site*, neste dois últimos casos, identificados por meio de um *login* ou *senha*.

W

Web – Teia. Forma reduzida de se referir à *WWW*.

WWW – World Wide Web - Teia de Alcance Mundial - conjunto interligado de documentos escritos em linguagem *HTML* armazenados em *servidores HTTP* ao redor do mundo. Foi concebida pelo físico inglês Tom Berners-Lee em 1989.

Créditos Fotográficos e de imagens

Arquivo do Centro Cívico e Cultural de Santa Clara

Arquivo da família Faria

Apêndices

ENTREVISTA

Entrevistado: João Carlos Abreu

Entrevistador: Sílvia Chícharo Laranjeiro

Data: 25 de Janeiro de 2008

Tema: Coleccionismo

COLECCIONAR

1. Quais os seus objectivos enquanto coleccionador?

- Compro objectos porque me dá prazer. Fazem-me companhia e reviver as coisas que passei.

Poder-se-ia dizer que coleccionar é uma espécie de vício – há quem beba, fume, há quem seja viciado no jogo e eu coleciono objectos que me dão prazer.

2. Quais foram as primeiras peças que adquiriu e que idade tinha na altura?

- As primeiras peças que adquiri foram duas cadeiras pequenas em palhinha que custaram 20\$00 tinha talvez 15 anos...Mas não estão no Universo de Memórias.

Comecei muito cedo a me interessar por móveis, quadros. Gostava de ter coisas, ao contrário dos meus irmãos que não ligavam muito a isso.

3. Como nasce o seu interesse por coleccionar?

- O meu entusiasmo por comprar algumas peças começou numa viagem de quatro dias no percurso Funchal – Lisboa a bordo do velho “Serpa Pinto”. A guerra tinha terminado e as gibraltinas regressavam a casa. Durante esses dias tive a oportunidade de ouvir as conversas dos adultos. Uma senhora idosa explicou-me o que eram os estilos dos móveis mostrando-me um álbum escrito em inglês. Nasceu assim, o meu entusiasmo por tantas coisas até aí desconhecidas.

Mais tarde, quando tinha 15 anos, comprei um livro que melhor me elucidou acerca dos diferentes estilos.

4. Ao adquirir as primeiras peças já tinha por objectivo a reunião de peças para formar uma colecção?

- *Eu sabia que me dava muito prazer ter coisas, repito, para me fazerem companhia. Nunca comprei como coleccionador. Comprava, ainda faço o mesmo, porque gostava. Mais tarde, quando comecei a ter ordenados melhores comecei adquirir peças melhores.*

Tornou-se quase uma obsessão. Aliás, eu considero um coleccionador uma pessoa fora do normal. Coleccionar é um vício que se adquire e dificilmente se consegue parar.

5. Acha que coleccionar é comprar peças para rentabilizar no futuro, ou é, antes, adquirir aquilo que se gosta, que se sente, para reviver determinados momentos no futuro?

- *Coleccionar tem de ser uma coisa sentida, entusiástica. É claro que se eu tivesse mais dinheiro coleccionava grandes obras de arte...gosto muito de Picasso, Salvador Dali, Chirico, ...*

Acho que todas as colecções são importantes para aquele que colecciona e é de valorizar as pessoas que compram elas próprias as suas colecções, esses sim, considero-os verdadeiros coleccionadores porque adquirem as peças com alma.

O facto de eu coleccionar tem a ver com a minha alma, com a ocasião – estava ali, gostei da peça, vou comprar para me fazer companhia. Aqueles que têm dinheiro e encomendam as peças através de especialistas são, do meu ponto de vista, mais investidores do que coleccionadores. Eles não compram aquilo que gostam e sentem mas aquilo que ceratamente vai, com o tempo, valorizar e conseqüentemente rentabilizar. Quando se colecciona por encomenda as peças valem pelo dinheiro e não pelas vivências, não pelas histórias que contam.

Um coleccionador rico que encomenda as suas peças, tem dinheiro para fazer tudo legalmente. Eu não. Comprei coisas quase na clandestinidade. Algumas vezes nas alfândegas dos países perguntavam-me o que tinha a declarar, onde tinha comprado esta ou aquela peça, se tinha sido, por exemplo, adquirido num convento...Na generalidade respondia que tinha sido um amigo. Nunca sabia onde ele estava nem muito menos o seu nome...

As cruzes da Rússia, por exemplo, que me prenderam no aeroporto e fui sujeito a um longo interrogatório...Acabei por ficar a saber que uma das cruzes tinha mais de

1000 anos...Essas histórias é que são importantes porque fazem parte das minhas vivências.

E isto os “pseudo-intelectuais” não entenderão nunca. Ao contrário os verdadeiros intelectuais, porque são pessoas simples, grandes e despretensiosas, entendem, admiram e louvam.

Que gozo é que tem, pegar no telefone e encomendar peças sem nunca as ter visto? Não há histórias nem vivências. Entre o coleccionador e o objecto, tem de haver empatia, tem de existir uma relação humana.

Comprar uma peça por 1000 contos e às prestações é outra coisa! É por isso que a minha colecção, hoje no “Universo de Memórias”, tem muito valor para mim...tem alma, história, vivências e sobretudo muito entusiasmo.

AQUISICÃO DE PECAS

Grande parte daquelas peças tem, no mínimo, 50 anos porque as comprei quando tinha cerca de 20 anos.

Quando cheguei a Roma, nos anos 60, os meus ordenados eram para comprar coisas e viajar. Comprei muitas peças chinesas, peças que agora se vulgarizaram devido à invasão do mercado chinês na Europa.

Mas, naquela altura, para comprar alguma peça era preciso recorrermos a locais específicos. Não é como hoje que em qualquer esquina existem lojas de porcelanas, por exemplo. Felizmente que hoje é mais fácil porque considero importante que grande parte das pessoas tenha essa possibilidade.

6. Em que locais gosta mais de comprar?

- Adoro comprar em feiras de antiguidades, principalmente na feira de “San Telmo” em Buenos Aires, na “Porta Portese” em Roma, no “Mercado das Pulgas” em Paris e na feira de “Porto Belo” em Londres.

7. Ao comprar determinado objecto visa ou visava a sua rentabilidade futura?

- No dia em que pensei fazer um antiquário não fui capaz de vender quase nada porque gostava de tudo.

8. Costuma meditar acerca da compra de determinada peça ou, por outro lado, é impulsivo?

- Não penso muito, se gosto e tenho dinheiro compro imediatamente. Sempre procedo assim. Não hesito se gosto.

9. Tem apoio de especialistas para adquirir determinadas peças?

- Tenho um amigo que tem um antiquário em Roma, na Praça Navona, que conhece bem as peças. Por exemplo as urnas de Sèvres da “Sala de Jantar” foi ele que mas vendeu. Custaram cerca de 4000 contos e estavam certificadas, tal como os lampadários com reflectores em prata que também vieram certificados e custaram 5000 contos. Com o tempo fui conhecendo muitos antiquários que por vezes aconselham-me sobre a qualidade de determinadas peças, evidentemente mediante as minhas posses. Se tivesse dinheiro teria comprado peças fabulosas. Um dia um antiquário em Paris disse-me uma coisa curiosa – “nenhuma peça é original, porque foram todas elas copiadas de outras. Elas têm anos, são mais ou menos antigas

“

10. Costuma deixar se influenciar por modas e marketing quando adquire uma peça? (3)

- Não. Só compro algo que me diga alguma coisa e goste e que deva estar dentro do meu orçamento. Mesmo que eu fosse milionário, as modas e o marketing não me influenciariam. Por exemplo, eu gosto muito dos quadros do Picasso, do Salvador Dali, do Miró, do Giorgio de Chirico ... Mas, mesmo que os pudesse adquirir não os queria todos na minha casa, porque de muitos deles não gosto.

Eu só tenho aquilo que gosto, quero e posso.

11. Porque colecciona cavalos? Já alguma vez montou a cavalo?⁷⁴

- Quando era militar montei um cavalo, tive tão pouca sorte que caí.

Desde pequeno que compro cavalos. O cavalo fascina-me porque tanto tem de guerreiro quanto de dócil, bonito e inteligente.

⁷⁴ Esta pergunta é para satisfazer a curiosidade dos visitantes do Universo de Memórias que com muita frequência interrogam as guias acerca do interesse de João Carlos Abreu por cavalos.

VOCACÃO

12. Tem alguém na família que também coleccione? (2)

- *Meu pai colecionava moedas, selos, isqueiros, livros, principalmente livros policiais, já que era oficial de investigação da Polícia de Segurança Pública. Esta leitura contribuía para a sua formação profissional. Eu achava essas suas colecções chatas, muito organizadas e infundáveis.*

Minha mãe “coleccionava” vestidos, sapatos e carteiras...era uma verdadeira doença e não usava a maior parte deles. Quando ia a Lisboa vinha carregada de coisas...era uma loucura! Quando me falam na colecção de milhares de pares de sapatos da ex-primeira dama das Filipinas, Imelda Marcos, não me admira nada porque se a minha mãe fosse milionária também teria sapatos aos milhares. E, não só a minha mãe, conheço senhoras que têm centenas de sapatos. Esta mania de comprar por comprar, vem da parte da minha mãe.

13. Coleccionar está mais ligado ao acaso ou também à profissão – Jornalista, turismo, escritor, poeta, ...

- *Ao acaso, às minhas vivências!*

14. Acha que a vocação de coleccionador nasceu consigo ou foi um acaso desperto por determinado acontecimento? Qual?

- *Acho que nasceu comigo mas “refloresceu” naquela viagem com as gibraltinas.*

ORGANIZAÇÃO

15. Até à doação onde guardava e como conservava as peças? (2)

- *Em 3 casas, com peças umas em cima das outras, as jóias estavam guardadas no banco e os cavalos a partir de 1998 numa sala de exposições na Ribeira Brava.*

16. Quando adquire uma peça o que é que leva mais em conta (5):

Valor artístico – valor atractivo do objecto, quer pelo design, estilo, construção, técnica, cor e matéria.

Valor de raridade – um objecto é tanto mais valioso quanto a sua raridade, em conjunto com outros valores: técnico, científico e cultural. O valor acresce se a peça se mantém operacional ou é facilmente recuperável e documentada.

Valor de autoria – a autoria pode aumentar o valor, tanto mais quanto autor for conhecido e apreciado. O valor pode ser acrescido se o autor ou autoria for de âmbito local, regional ou nacional que toque sobretudo os públicos a quem com pertinência se destine.

Valor de colecção e de contexto – o valor pode estar na peça enquanto pertença a uma determinada colecção, mas também na sua operacionalidade enquanto peça que ajuda a fazer contextos e cenários, como factor estético ou como memória de relação com outras peças.

Valor de identidade – o valor pode estar na imagem que determinada peça tem entre os públicos que a fruïrem. A atribuição de valor tem a ver com as vivências em relação a determinadas peças – vivências directas ou mediatizadas: pela televisão, rádio, espectáculos. Peças que se relacionam com a preservação de técnicas ou memórias de empresas, públicos, comunidades; sob o ponto de vista histórico, sociológico e geográfico; quando o objecto é produto de uma comunidade ou reflecte uma consciência social, ecológica, pertença e afecto.

- Adquiro aquilo que me diz alguma coisa... primeiro, gosto. O resto vem por acréscimo mas, tendo sempre em conta as minhas posses.

Por exemplo, ainda há dias vi um colar de fantasia que achei extremamente bonito e comprei! Custou-me 800 euros. É tão bonito que apesar de não ser uma jóia verdadeira fiquei com ele. Levei-o para casa e até hoje tenho-o guardado ...Dentro de um saco de veludo com o nome do artista.

17. Houve sempre a preocupação em registar os dados das peças que adquire?

- Não, nunca. Porque também nunca pensei doar as minhas coisas, comprava como já referi, porque gostava. Nunca senti necessidade de registar nada.

18. Alguma vez se preocupou com o percurso da peça a partir do momento que a adquire?

Recolha – envolve motivação, gosto, conhecimento, tempo, selecção, espaço de arquivo/arrumação e capacidade financeira. É em face da conjugação destes elementos que se realizam recolhas, selecções e posterior preservação.

Organização – são, normalmente, adoptados critérios de sequência que poderão ser por sistemas, datas, tipologias e dimensões.

Preservação e conservação – modo como cada peça deve ser tratada, desde a marcação, ao modo e condições de arquivo/arrumação, utensílios e produtos utilizados na limpeza e na intervenção de restauro.

Documentação – podem ser adoptados diferentes critérios de classificação e formas mais ou menos descritivas de cada peça e de cada colecção.

Divulgação – há que ter em conta o tipo de públicos aos quais apresentamos e expomos, o sítio onde a colecção ficará exposta (associações, instituições, media, empresas, museus, feiras) e o “passa-palavra”.

- A única coisa com que me preocupava era em preservar e conservar as peças para não se estragarem.

19. Antes de doar a colecção sentiu a necessidade de organiza-la?

- Não, nunca.

DOACÃO

20. O que fez com que doasse ao Governo Regional as suas colecções?

- Foi o Presidente do Governo. Ele sempre me disse: “Tu não tens filhos podias juntar as tuas colecções. Não te esqueças que és um homem da escrita e uma casa com as tuas coisas era interessante”. Respondi-lhe sempre: “Sr. Presidente as coisas só valem por aquilo que significam para mim, pela história que elas têm. Cada peça tem uma história...”. Ele sempre me foi falando do assunto. Um dia disse-me: “ Qualquer dia morres e não fazes nada”. Disse-lhe:”Concordo em doar!”. Imediatamente

replicou que fosse, no dia seguinte, procurar uma casa para instalar todas as colecções. Assim foi. Primeiro vi uma casa na Zona Velha, mas era preciso fazer muitas obras. Depois visitei uma casa na Rua João de Deus, que não servia. Por fim encontrei esta casa da Calçada.

21. Doar foi fácil ou meditou muito acerca disso?

- Meditei muito, principalmente porque conheço os madeirenses. Infelizmente os portugueses, na generalidade, têm pouco espírito de admiração de uns pelos outros. Sabia que alguns iriam me criticar, outros naturalmente louvar.

As peças são as minhas memórias por aquilo que significam e valem para mim. Contrariamente aos meus receios, foi muito bom tanto de grande parte dos madeirenses como dos estrangeiros... Prova disso é o Livro de Honra do Universo de Memórias em que as pessoas louvam a iniciativa do governo de expor uma colecção como esta.

O mais interessante é que, algumas vezes, em países estrangeiros, gente que não conheço, de lado nenhum, fala-me da casa. Sobretudo em Espanha onde durante uma semana passou um vídeo sobre o Universo de Memórias. Não há dúvida que eu nunca quis doar, nem tão pouco reunir todos os objectos numa casa para exposição pública.

RELAÇÃO OBJECTO/COLECCIONADOR

22. Ao doar as suas colecções sentiu que houve uma ruptura entre si e os objectos ou essa separação acabou por ser colmatada com a maneira como ela está a ser tratada, pela visibilidade que tem e obviamente pelas visitas que costuma fazer ao Universo de Memórias? (2)

- Apesar de tudo eu tenho um desprendimento material. Na vida nada nos pertence, é preciso ter uma boa filosofia de vida. Eu tinha aquelas peças, mas nunca senti que eram só minhas. Vender também não queria e tão pouco que se dispersassem. Tenho noção do meu estatuto temporal e sei que nada disto nos pertence.

Gosto de ver que tudo está bem cuidado e continuo a dar coisas a amigos meus.

23. O que sente quando vê as suas colecções no Universo de Memórias? (2)

- Sinto que a minha vida está ali, feita de muitas histórias. Estão ali muitas etapas da minha vida relacionadas com o turismo da Madeira.

Estas peças que enfeitavam a minha vida, agora enriquecem a vida dos outros.

24. Houve algum objecto que não tivesse conseguido doar, pelo apego que tem com ele?

- Houve...uma cristaleira holandesa, rara, com cerca de 200 anos...mas um dia destes vai para o Universo de Memórias. Gostaria que ficasse na Sala de Jantar a meio dos criados mudos...Mas ainda não consegui me desfazer...

25. Tem alguma colecção só sua, longe dos olhares curiosos?

- Tenho...Algumas pinturas e uma pequena colecção de anjos.

26. Em que medida é que as peças adquiridas perpetuam determinadas vivências?

- Na medida em que me fazem reviver determinados momentos agradabilíssimos da minha vida. Lembro-me que isto foi comprado num lugar, lembro-me de ter corrido e quase perdido o avião para trazer um cavalo, ... por isso ali dentro tem de tudo, são memórias e emoções que perpetuam as minhas vivências ... lembro-me da história do “Menorah” que comprei em Israel (e que o vendedor judeu não me queria vender porque era uma peça de família e que só veio para a minha mão porque eu fui o primeiro cliente do dia - segundo a tradição judaica o primeiro cliente tem sempre que adquirir algo, caso contrário será um dia de má sorte para o dono da loja.)

Por isso as visitas guiadas ao Universo de Memórias não fazem sentido sem serem contadas as histórias de determinadas peças. Alguns visitantes estrangeiros têm ajudado a classificar determinadas peças.

27. Qual a peça mais importante para si e porquê?

- Uma mesa que está na Sala Roxa. Foi do meu avô e tem cerca de 200 anos.

28. Já alguma vez vendeu alguma peça? (2)

- Vendi uma coroa de prata, grande, com pedras semipreciosas encrostadas, do Senhor Espírito Santo dos Açores... Era linda e tinha-a comprado a uma amiga açoriana, a Maria Mendonça ...Fiquei muito triste. Vendi-a a outra amiga minha da Suíça, que insistiu tanto, tanto, que acabei por a ceder por 20 contos. Arrependo-me até hoje!!

29. Coroline Clifton-Mogg no seu livro “ A Passion for Collecting” divide os coleccionadores em 9 tipos. Identifica-se com algum ou alguns deles, porquê?

Os Antiquários descendem directamente dos coleccionadores do renascimento e do século XVIII.

– Sim, até porque durante algum tempo tinha na ideia fazer um antiquário. O problema foi vender as peças...gostava de tudo! Tinha regressado de Londres há pouco tempo e visto lá um bric-à-brac, então comecei a comprar antiguidades com o objectivo de abrir na Zona Velha um antiquário.

No dia em que abri a porta da loja, os objectos que eu mais gostava coloquei-os como vendidos. Como é óbvio, o negócio faliu.

Os Exploradores coleccionam objectos étnicos e outras curiosidades de todo o mundo. São por natureza descobridores. Todo aquele que procura por algo diferente do seu natural habitat pode ser apelidado de explorador.

– Sim também sou. Nunca venho de mãos a abanar de uma viagem.

Os Herdeiros são aqueles que recebem por herança uma colecção existente.

– Não. Estou fora disto.

Os Perfeccionistas querem somente o melhor e o mais perfeito independentemente da definição de perfeito, que vai desde os objectos sem defeito à forma como eles são guardados ou expostos.

- Nunca, Deus me livre!

Os Naturalistas extraem os seus objectos do mundo natural, sejam minerais, flora, fauna ou obras de arte.

- Sim, um pouco.

Os Utilitários são todos aqueles que vêem a beleza dos objectos práticos e utilitários, usados normalmente no nosso dia-a-dia.

– Sim, muito.

Os Entusiastas são colecionadores versáteis, que não podem resistir a tudo o que lhes apela, desde livros a banjos. São os descendentes de todos aqueles proprietários dos Gabinetes de Curiosidades que apreciaram assim o encanto do pequeno.

– *Sim, sempre...desde que tenha dinheiro.*

Os Decoradores têm a habilidade especial de transformar todo o espaço com suas essências decorativas.

– *Sim, desde muito novo. Desde a altura em que transformava tudo em casa dos meus pais.*

Os Miniaturistas são fascinados pelo diminuto – pinturas minúsculas, medalhinhas, caixas de rapé e de comprimidos, ou peças em cerâmicas, é um recurso de representação da realidade original.

– *Sim.*

FACETA DE ARTISTA

Ainda ontem (24/01/2008) pinte um quadro que ofereci a um amigo, pinte para não pintar e até escrevi atrás “já não pinto mais a partir de agora”. Tem tanta mistura de tintas que o fundo do quadro tem uma côr que ninguém consegue fazer, nem eu! Fiz e desfiz, misturei acrílico com óleo, por engano, mas o resultado foi uma obra viva, com energia, força e alma.

A minha pintura não é figurativa, não tem técnica, mas tem força. É claro que eu gosto da pintura clássica, mas a pintura séria – pintura flamenga, pintura veneziana,..

É claro que olham para os meus quadros e dizem “Daquilo também eu faço!” e eu digo “então façam!”. A mistura de cores nasce do momento, do estado de espírito, da força e da alma...Não da técnica, porque eu não a tenho!

Aquele quadro, por exemplo, já várias pessoas me disseram que são barcos no fundo do mar e como é óbvio eu não contrário, pode ser o que elas quiserem! Aliás, grande parte das pessoas procura o figurativo na pintura.

Aquela outra pintura, estava eu no meu gabinete na Secretaria do Turismo e Cultura e um dia houve um artista suíço que tinha uma reunião marcada comigo e que alertou-me para o facto do quadro estar ao contrário e que com certeza o artista não iria gostar de ver o seu trabalho adulterado. Ele mostrou-me um veleiro no centro do

quadro, quadro esse que, segundo ele, estava ao contrário, acedi prontamente e...virei o quadro. Mal sabia ele que o artista era eu. Agora toda a gente vê o veleiro direito...a minha assinatura é que está ao contrário!

Aconteceram várias coisas curiosas com os quadros que eu pintei mas que não vem para o caso relatar. Um dia o Embaixador da Áustria descreveu pormenorizadamente a alma do artista, sem nunca saber que tinha sido eu a pintar. Disse-lhe que conhecia o artista mais ou menos bem e também lhe disse que tudo aquilo que ele tinha dito coincidia com aquilo que descrevia. Por fim, disse-me para felicitar o meu amigo.

Eu nunca deixava que fotografassem os meus quadros mas houve um dia que uma das minhas secretárias permitiu um jornalista fotografa-los. Tempos depois, sem nunca saber que tinham fotografado as pinturas, estava eu em Lisboa, a folhear uma revista, quando de repente me deparo com fotografias dos meus quadros com a respectiva crítica. Foi uma surpresa muito agradável até porque as críticas eram boas.

ENTREVISTA:

Entrevistado: João Carlos Abreu

Entrevistador: Sílvia Chícharo Laranjeiro

Data: 11 de Março de 2008

Tema: Referências biográficas

DADOS PESSOAIS

Nome: João Carlos Nunes Abreu

Data de nascimento: 05/12/1935

Pai: Manuel Gomes Abreu

Mãe: Maria da Conceição Nunes Abreu

Irmãos: 4 irmãos com idades compreendidas entre os 34 e os 76 anos

Sobrinhos (nº): 9

Sobrinhos netos (nº): 12

Até que idade viveu na Zona Velha da Cidade?

- Até aos 25 anos.

PERCURSO PROFISSIONAL E PESSOAL

O JORNALISMO

Ter pai jornalista foi decisivo para abarcar a carreira jornalística?

- Muito.

Que idade tinha quando fez o seu primeiro trabalho jornalístico?

- 17 anos.

Durante quanto tempo exerceu essa profissão?

- Cerca de 22 anos.

Em que empresas desempenhou essa função?

- *Jornal da Madeira e colaborador de vários jornais do continente como, “O Tempo”, “Jornal do Comércio”, “A Capital” e “A voz”.*

Exerceu a função de jornalista unicamente na Madeira?

- *Também estive no Vaticano como correspondente do “Jornal da Madeira”.*

Ainda se lembra do primeiro e do último trabalho jornalístico que fez?

- *O primeiro, tinha eu 17 anos, foi uma reportagem acerca da chegada de um navio cruzeiro à Madeira. Um dos últimos trabalhos foi em 1964 sobre a tragédia do navio Lacónia cujo título era “Lacónia: Cruzeiro em Chamas”.*

O que mais o marcou enquanto jornalista?

- *Foi o privilégio que tive em trabalhar, como correspondente do Jornal da Madeira, no Concílio Vaticano II. Foi um acontecimento único no séc. XX já que não se fazia um Concílio desde 1869.*

2. OS INVESTIMENTOS PRIVADOS**Quantos negócios já teve, em que anos, áreas e locais?**

- *Quando regresssei à Madeira, depois de ter terminado o curso de Gestão de Empresas, em Bolzano, resolvi investir na Zona Velha da Cidade. Decidi por este sítio, não só por ser o local onde nasci mas também para requalificar, revitalizar e, de certa forma, salvar toda aquela zona que estava degradada e votada ao abandono. Tive quatro negócios quatro na área da restauração (“A Romana”, “O Portão”, “Marcelino Pão e Vinho”) e um na área do mobiliário e decoração (“Toni bric-à-brac”). “A Romana”, foi sem dúvida o mais conhecido. Era um restaurante que se diferenciava dos demais da época, pela música ambiente, pela decoração, qualidade e variedade das ementas e pela interacção que havia entre os clientes e os artistas convidados. Só havia lugar mediante reserva antecipada e as mesas tinham os nomes de ruas romanas.*

“O Refugio dos Poetas”, também na Zona Velha da Cidade, foi um “patamar” de encontros com personalidades do mundo das letras, da arte e da política. Funcionou

nos anos 70 e 80 e foi visitado por individualidades como Amália Rodrigues, David Mourão Ferreira, Fernando Carneiro, Vera Lagoa e Príncipe Alberto do Mónaco.

3. O TURISMO

O turismo foi para mim um complemento ao jornalismo, pelas viagens, pelas pessoas que conheci, pela versatilidade do mundo, formação e informação.

Em que ano começa a trabalhar na área do turismo?

- Em 1964, após concluir uma série de seminários de animação turística na Suíça e de ter estagiado em Londres.

Que funções desempenhou?

- Fui agente de viagens, relações públicas e director de hotel. Também fui professor na área de turismo e relações públicas na Escola de Hotelaria da Madeira e no Colégio da Apel.

O que mais gostou de fazer nesta área?

- De conhecer pessoas e viajar.

4. A POLÍTICA

Em que ano ingressa na política?

- Ingressei na política em 1980, como Director de Animação, depois fui Director de Turismo e de 1984 a 2007, desempenhei o cargo de Secretário Regional de Turismo e Cultura. Entre 19... E 19... também tive a pasta da Emigração.

O que mais gostou de fazer enquanto governante?

- Tive o pelouro de áreas muito humanas e isso enriqueceu-me e permitiu-me pôr a Madeira em relacionamento com várias regiões e personalidades. Personalidades na área dos negócios, turismo, ciência, música, literatura, pintura, moda, ...

5. AS VIAGENS

Com que idade fez a sua primeira viagem? Qual o destino? Foi de barco ou avião?

- A minha primeira viagem foi aos 7 anos de idade, para Lisboa e, obviamente de barco. Viajei de barco até ser inaugurado o aeroporto da Madeira.

Que motivações o levam a visitar determinado país

- Conhecer pessoas, conhecer tudo aquilo a que se refere à história local e tradições. O elemento humano e tudo aquilo a ele ligado é aquilo que mais me fascina.

Sabe quantos países já visitou?

- Mais de 60.

Costuma usufruir das excursões turísticas que cada país tem para oferecer aos turistas ou, prefere planear as suas próprias visitas?

- Só usufruo de excursões organizadas quando vou em cruzeiros e fazemos escala em várias cidades.

Costuma se preparar antes das viagens, lendo e se informando acerca da cultura do país que irá visitar?

- Escolho o destino tendo por base uma panorâmica histórica do local mas não me preparo antecipadamente ... gosto de ser surpreendido.

Costuma viajar sozinho ou em grupo?

- Durante muitos anos viajei sozinho. Hoje, só viajo em grupo.

O que costuma trazer de recordação dos sítios que visita?

- Tudo o que gosto e o que possa comprar.

Qual o sítio que mais gostou de visitar? Porquê?

- É muito difícil dizer que país mais gostei...cada um tem o seu próprio encanto.

**Existe algum sítio que tivesse visitado e que nunca mais queira voltar?
Porquê?**

- Não.

Qual o seu país de eleição?

- Itália.

Qual o lugar que ainda não que conhece mas que gostaria muito de conhecer?

- Irão, Jordânia e Síria.

6. O TEATRO E A REPRESENTAÇÃO

Devo desde já confessar que é extremamente difícil representar, decorar o texto e vestir a pele do personagem. Um caríssimo amigo actor disse-me há poucos dias: “Admiro a tua coragem”. Não sei bem se é coragem ou loucura este meu subir ao palco. Na verdade a certa altura pensei desistir mas como nunca foi hábito dar-me por vencido prossegui nos ensaios, apadrinhado por esse jovem e dinâmico actor-encenador que na peça interpreta o papel de Chico cujo seu nome é José António, um amigo extraordinário que me convenceu a ser o italiano Agostino, proprietário de um “Quiosque” que esquecendo a idade da “Nonna” – 100 anos – mas atraído pela sua grande herança não se importa de casar com ela. Justamente tudo ao contrário do que procurei fazer na minha vida real.

Esta experiência serviu-me porém para melhor compreender que o teatro não é apenas a representação; é a alma dos actores que vivendo intensamente os personagens de tal forma que às vezes a ficção e o real se confundem. Nesta peça todos os actores, da Nonna ao Chico passando pelo Eusébio, a Maria, a Lúcia e a Vanessa, são verdadeiramente fantásticos. Merecem o meu respeito e admiração profunda. Eles com entusiasmo invulgar, depois de um dia cheio de trabalho e problemas, encontram espaço no tempo para fazerem teatro. Com a alma vestida de amor – só assim se compreende – eles levam ao público uma mensagem humanizante.

“Contigo Teatro” é um grupo de amadores, constituído por professores do ensino secundário, que dão corpo e vida a peças teatrais destinadas a um público que naturalmente os admiram e os aplaudem calorosamente.

João Carlos Abreu

Outubro 2007

“La Nona”, foi a sua estreia no teatro ou já tinha passado anteriormente pela experiência da representação?

- *“La Nona” foi a minha estreia total no teatro.*

O que sentiu ao representar para um teatro repleto de público?

- *Um misto de emoção e responsabilidade. A responsabilidade associada ao facto de ter tido muita dificuldade em decorar o meu papel. Na vida nunca decorei, ou lia ou fazia de improviso.*

Pretende dar continuidade a esta experiência?

- *Sim. No próximo mês de Junho.*

7. A PINTURA

Quando e porquê começou a pintar?

- *A pintura é um momento de loucura da minha vida. Comecei a pintar porque queria mudar o visual do meu gabinete para o novo milénio.*

Ainda ontem (24/01/2008) pintei um quadro que ofereci a um amigo, pintei para não pintar e até escrevi atrás “já não pinto mais a partir de agora”. Tem tanta mistura de tintas que o fundo do quadro tem uma côr que ninguém consegue fazer, nem eu! Fiz e desfiz, misturei acrílico com óleo, por engano, mas o resultado foi uma obra viva, uma coisa com energia, força e alma.

A minha pintura não é figurativa, não tem técnica, mas tem força. É claro que eu gosto da pintura clássica, mas a pintura séria – pintura flamenga, pintura veneziana,..

É claro que olham para os meus quadros e dizem “Daquilo também eu faço!” e eu digo “então façam!”. A mistura de cores nasce do momento, do estado de espírito, da força e da alma...Não da técnica, porque eu não a tenho!

Aquele quadro, por exemplo, já várias pessoas me disseram que são barcos no fundo do mar e como é óbvio eu não contrarrio, pode ser o que elas quiserem! Aliás, grande parte das pessoas procura o figurativo na pintura.

Aquela outra pintura, estava eu no meu gabinete na Secretaria do Turismo e Cultura. Um dia houve um artista suíço que tinha uma reunião marcada comigo e que alertou-me para o facto do quadro estar ao contrário e que com certeza o artista não

iria gostar de ver o seu trabalho adulterado. Ele mostrou-me um veleiro no centro do quadro, quadro esse que, segundo ele, estava ao contrário. Acedi prontamente e...virei o quadro. Mal sabia ele que o artista era eu. Agora toda a gente vê o veleiro direito...a minha assinatura é que está ao contrário!

Aconteceram várias coisas curiosas com os quadros que eu pintei, mas que não vem aqui ao caso relatar. Um dia o Embaixador da Áustria descreveu pormenorizadamente a alma do artista, [presente num dos meus quadros] sem nunca saber que tinha sido eu a pintar. Disse-lhe que conhecia o artista mais ou menos bem e também lhe disse que tudo aquilo que ele tinha dito coincidia com aquilo que descrevia. Por fim, disse-me para felicitar o meu amigo.

Nunca deixava que fotografassem os meus quadros, mas houve um dia em que uma das minhas secretárias permitiu um jornalista fotografa-los. Tempos depois, sem nunca saber que tinham fotografado as minhas pinturas, estava eu em Lisboa, a folhear uma revista, quando de repente me deparo com fotografias dos meus quadros com a respectiva crítica. Foi uma surpresa muito agradável, até porque as críticas eram boas.

Anexos

Escritura de compra e venda do edifício da Calçada do Pico nº 2

238	65
Livro	Folhas

W

COMPRA E VENDA

No dia nove de Outubro de dois mil e dois, na Assessoria Jurídica da Presidência do Governo da Região Autónoma da Madeira, com instalações provisórias na Rua do Seminário, número sete, terceiro andar, sala letra "K", cidade do Funchal, perante mim, José António Correia Câmara, assessor principal jurídico da Presidência, exercendo as funções de notário privativo do Governo, compareceram como outorgantes: -----

PRIMEIRO - o senhor José Norberto da Silva Melim, casado sob o regime da separação de bens com Ângela Maria da Silva Fernandes Dantas Melim, arquitecto, natural da freguesia de São Pedro, município do Funchal, residente no Caminho do Doutor Barreto, número trinta e quatro, freguesia de São Martinho, município do Funchal, CN 122 124 383. -----

SEGUNDO - o senhor José Manuel Ventura Garcês, casado, licenciado em Organização e Gestão de Empresas, natural da freguesia da Tabua, município da Ribeira Brava, residente no Conjunto Habitacional da Madalena, Edifício F II, segundo direito, na cidade do Funchal, na qualidade de Secretário Regional do Plano e Finanças e em representação da Região Autónoma da Madeira, qualidade que é do meu conhecimento pessoal e suficiência de poderes de representação emergente da Resolução número quatrocentos e sessenta e cinco barra dois mil e dois, aprovada pelo Conselho do Governo Regional em reunião de vinte e seis de Abril. - Reconheço a identidade dos outorgantes, a do primeiro, pela exibição do Bilhete de Identidade número 5356891, emitido a vinte e dois de Abril de mil novecentos e noventa e seis pela delegação no Funchal dos Serviços

de Identificação Civil do Ministério da Justiça, e, a do segundo, por ser do meu conhecimento pessoal. -----

Declarou o primeiro outorgante: -----

Que é dono e legítimo proprietário e possuidor do prédio urbano localizado na Calçada do Pico, números dois e quatro, freguesia de São Pedro, município do Funchal, inscrito na matriz predial respectiva sob o artigo três mil trezentos e dezoito, com o valor patrimonial de dois milhões e trezentos mil escudos, descrito na Conservatória do Registo Predial do Funchal sob o número nove oito nove barra um nove nove nove zero cinco dois zero, onde se encontra registado a seu favor pela inscrição G um nove nove nove zero cinco dois zero zero seis quatro, Apresentação número sessenta e quatro, de vinte de Maio de mil novecentos e noventa e nove. -----

Que, pela presente escritura, e na invocada qualidade, vende à representada do segundo outorgante, livre de quaisquer ónus ou encargos, o prédio acima indicado. -----

Que o preço global da presente compra e venda é de um milhão duzentos e vinte e um mil e cinquenta e sete euros e vinte e seis cêntimos, preço já recebido e do qual presta a devida quitação. -----

Pelo segundo outorgante, na invocada qualidade, foi declarado: -----

Que aceita, nos termos das Resoluções números quatrocentos e sessenta e cinco barra dois mil e dois e oitocentos e oitenta barra dois mil e dois, para a sua representada, Região Autónoma da Madeira, a presente venda nos precisos termos exarados. -----

Declarou ainda o segundo outorgante que a presente despesa foi paga

233	66
Livro	Folhas

W

pela rubrica inscrita na Classificação Orgânica zero nove zero dois zero três zero zero, Classificação Funcional um ponto um ponto um, Classificação Económica zero sete zero um zero três. -----

Assim o declararam e outorgaram. -----

Foram-me exibidos: -----

- a) Caderneta predial urbana conferida a três de Dezembro transacto; -----
- b) Cópia certificada da certidão de teor de todas as inscrições e descrições em vigor emitida pela Conservatória do Registo Predial a sete de Agosto passado; -----
- c) Certidões das Resoluções números quatrocentos e sessenta e cinco barra dois mil e dois e oitocentos e oitenta barra dois mil e dois; -----
- d) Parecer número um três barra zero dois, emitido a catorze de Maio pela Direcção Regional do Património; -----
- e) Declaração emitida na mesma data pela Direcção Regional do Património; -----
- f) Certidão emitida pela Primeiro Serviço de Finanças do Funchal a trinta de Novembro transacto; -----
- g) Declaração emitida pelo Centro de Segurança Social da Madeira a vinte e sete de Março passado; -----
- h) Relatório de avaliação; -----
- i) Certidão emitida pelo Primeiro Serviço de Finanças do Funchal a vinte e dois de Fevereiro último; -----
- j) Informação de cabimento. -----

A celebração desta escritura foi autorizada pela já mencionada Resolução número quatrocentos e sessenta e cinco barra dois mil e dois, e a sua

minuta, que com ela se conforma, foi aprovada pela já referida Resolução número oitocentos e oitenta barra dois mil e dois e visada pela Secção Regional da Madeira do Tribunal de Contas a dezassete de Setembro último. -----

O presente acto encontra-se isento do imposto do selo, nos termos da alínea a) do artigo quinto do Código do Imposto do Selo. -----

Adverti o segundo outorgante da obrigatoriedade do registo deste acto na competente Conservatória, no prazo legalmente estabelecido. -----

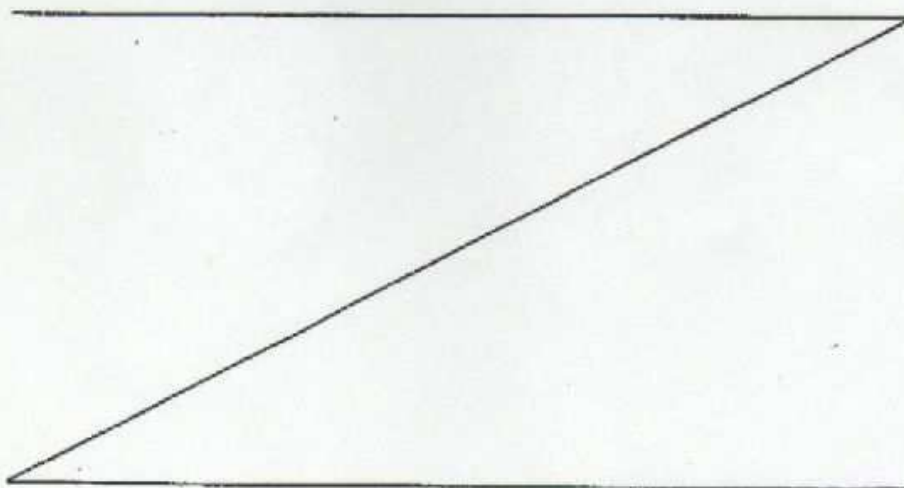
Este contrato vai ser assinado pelos outorgantes depois de lido em voz alta e devidamente explicado por mim, notário, que, também, assino. ---



O notário privativo,

W

Conta registada sob o n.º 176. W



**Resultado da análise de um inquérito de satisfação aos visitantes do
“Universo de Memórias” em relação ao desempenho de uma das guias
de museu**

Centro Cívico e Cultural de Santa Clara
Universo de Memórias João Carlos Abreu

Análise de inquéritos de grau de satisfação

Simpatia					
Excelente	Muito Bom	Bom	Razoável	Mau	TOTAL
47	2	1	0	0	50
94%	4%	2%	0%	0%	100%

Informação Transmitida					
Excelente	Muito Bom	Bom	Razoável	Mau	TOTAL
42	7	1	0	0	50
84%	14%	2%	0%	0%	100%

Fluência Linguística					
Excelente	Muito Bom	Bom	Razoável	Mau	TOTAL
36	12	2	0	0	50
72%	24%	4%	0%	0%	100%

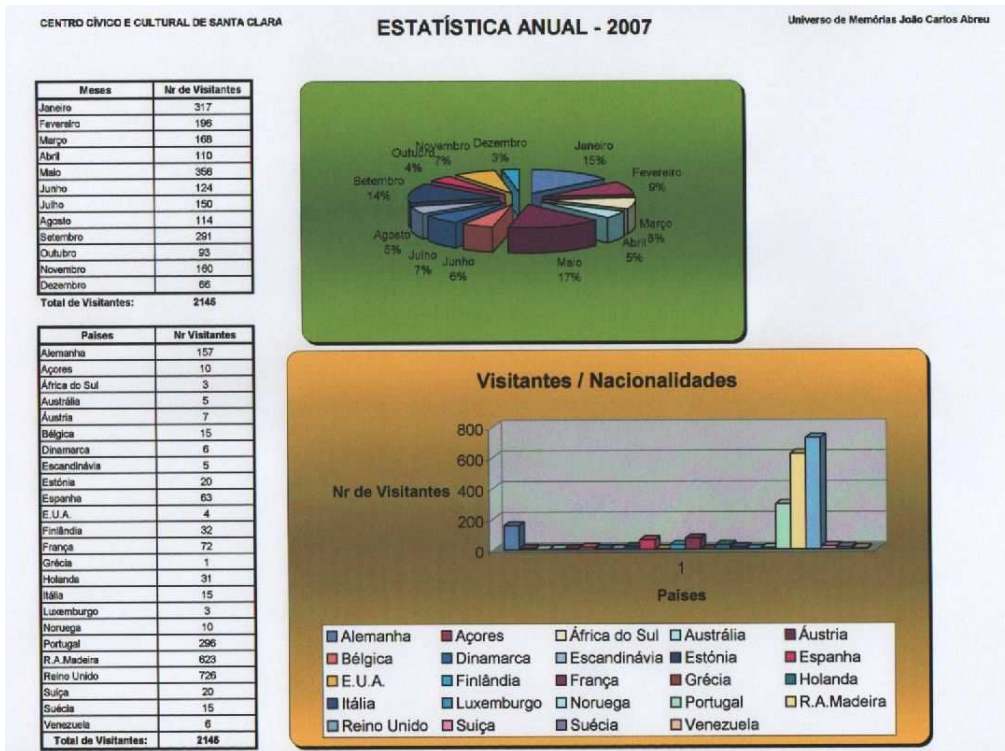
Apresentação					
Excelente	Muito Bom	Bom	Razoável	Mau	TOTAL
44	5	1	0	0	50
88%	10%	2%	0%	0%	100%

Universo – 50 Visitantes

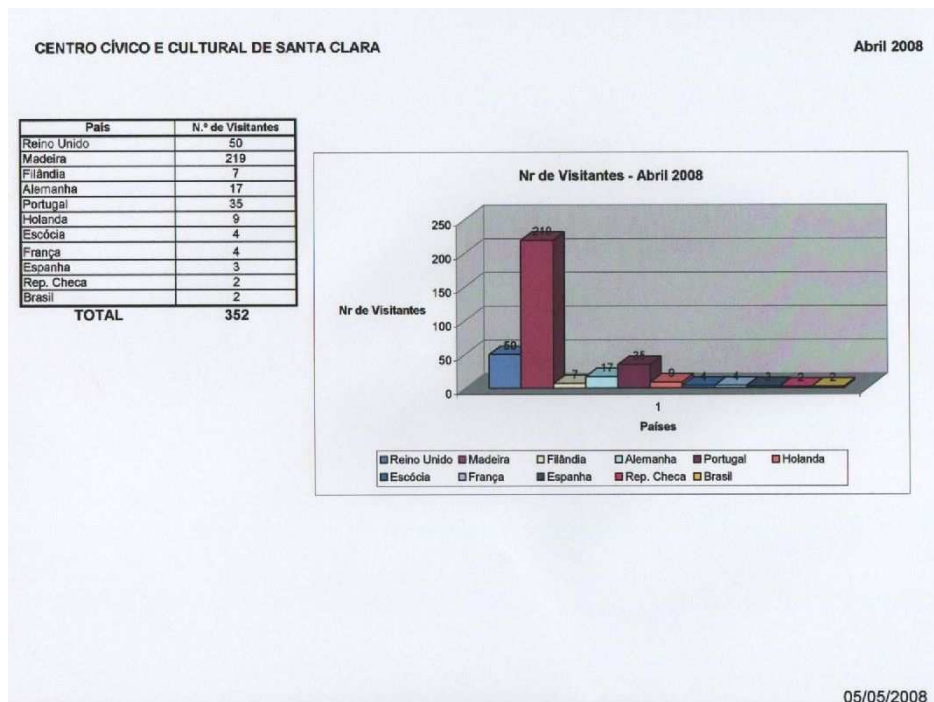
Período - Setembro a Dezembro de 2007

Avaliado – Guia

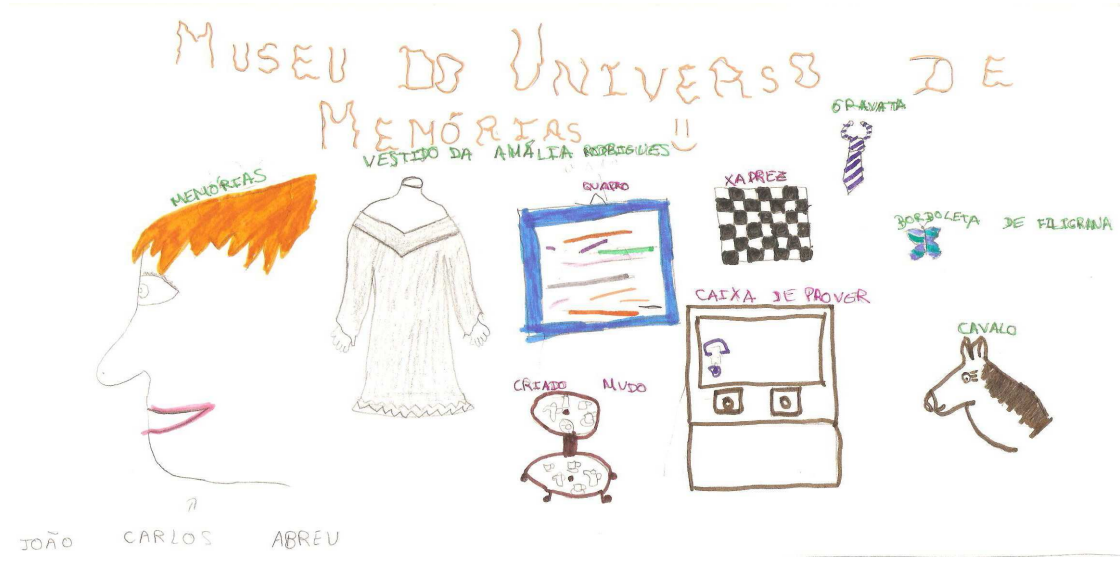
Estatística anual (2007) do número de visitantes e nacionalidades do “Universo de Memórias”



Estatística mensal (Abril 2008) do número de visitantes e nacionalidades do “Universo de Memórias”



Trabalhos elaborados por crianças do 1º Ciclo no âmbito dos Serviços Educativos



Universo de Ilmóricas

No dia dez de Setembro eu vim à casa do
 Amélia das Memórias. gostei muito da Sala
 de jogos por causa da mesa e das tabuleiros.
 gostei da guia Ina, é muito boa guia.
 Também gostei da biblioteca e da cozinha.
 O João Carlos começou a fazer as coleções aos
 16 anos. Depois de tudo a sala que gostei mais
 foi a sala das gravatas.



Universo de Memórias

Eu adorei o cavalo de cristal, das borboletas, etc



Tabela de estudo

Gostei muito da visita, adorei milhões de coisas: gravatas, canecas, clássicas, coisas de cristal, borboletas, jóias, etc. Foi muito giro até queria ir outra vez com os meus pais.

Visita ao Universo de Memórias

Hoje pela manhã fomos ao «Universo de Memórias», fazer uma visita de estudo. Era como viajar nas memórias de João Carlos Oliveira.

Gostei de tudo, mas do que gostei foi a «Lala das Gravatas» e da «Lala Vermelha» porque é das minhas cores preferidas.

A mesa da «Lala de Jantar» estava posta, porque João Carlos Oliveira adora visitas. Mesmo às escuras as pratas brilhavam no escuro, mas eram falsas eram bem falsinhas. Nessa altura pensei para mim mesma «Se isto brilha assim, imagino o ouro».

Havia na recepção exterior lâmpadas que serviam para ver fotos antigamente, mas hoje em dia já não se utilizam.

Na cozinha havia 4 cores que representavam as 4 estações (Primavera, Verão, Outono e Inverno).

A nossa visita terminou na «Lala de Lela».

Leamos histórias, e de seguida desenhámos as coisas do «Universo de Memórias».

Gostei da visita!

Extermato Júlio Dinis



Museu: Universo de Memórias

Eu fiz uma visita ao museu: "Universo de Memórias".

Primeiro fui visitar a biblioteca. Lá tinha imensos livros catalogados, cerca de 6000 livros.

Em segundo lugar fui à recepção onde havia uma vasta coleção de relógios.

Em terceiro lugar fui ver a sala vermelha. Lá tinha uma das coleções de bengalas do senhor secretário João Carlos de Breu.

Depois fomos à sala rosa. Nesta sala havia uma coleção de chás e de ovos de coelho pintados à mão.

Rapidamente fomos para a sala verde. Na sala verde havia enorme variedade de pratos. Lá também tinha o tecto pintado à mão.

Na casa de banho havia muitos chapéus oferecidos pelas pessoas amigas.

Em seguida fomos para a sala das viagens. Lá tinha uma coleção de máscaras para afastar os espíritos maus.

Depois fomos para a sala dos cavalos. Nessa sala havia uns cavalos feitos de: madeira, vidro, cabedal e também existia um cavalo carrissel.

Depois fomos à sala das gravatas, onde tinha gravatas que estavam em forma de girassol.

Rapidamente fomos à sala dos instrumentos. Lá tinha dois trombetas e também tínhamos vista para a escola da varanda dessa sala.

Na cozinha tinha pratos com as estações do ano. Foste imenso desta visita de estudo porque enriqueceu os meus conhecimentos!

Algaria Velizira
Turma: B

Seleção de mensagens deixadas no "Livro de Honra"

Quando a vida foi ao ritmo do envolvimento cultural quotidiano, que marca a pessoa e figura pública que é o João Carlos Abreu.

Quanto tal riqueza acumulada também teve a preocupação de se amarar identicamente com simbologias, referências e recordações, materializadas em Arte ou Qualidade.

Mas quando a Alma de João Carlos de tudo se desprende, o que é uma entrega do íntimo, para doar património tão valioso à Terra-Mãe que ama.

Um exemplo, João Carlos!

Obrigado. Por tudo e por mais isto.

Alberto João Jardim

Setembro 2003

Foi um grande prazer visitar esta
casa de memórias de um grande Amigo
onde se vê em cada objecto um affecto de um
Homem de grande sensibilidade e de um
imenso amor à sua Ilha da Madeira.
Esta cidade, esta ilha ficou diferente,
mais sensível e mais universal, com
a passagem deste Homem que lhe deu,
inteiro, a sua Alma e o seu Coração

~~o amigo~~
~~Alfete a fazer~~

Funchal, 4 de Dezembro 2003

Fiquei encantada e sensibilizada
com tanto amor à Madeira, pois por
onde andou pelo mundo sempre
se lembrou da sua terra
Sinceros parabéns pelo dia de hoje
Funchal 5 de Dezembro 2003
Moria Colada Calhais/Pantaloni/Ricardo

Clara de Freitas

Qual o sentimento que me analtu e pre-
valeu no termo da demorada peregrinação pe-
lo "Universo de Memórias" de João Carlos Abreu?

Antes de tudo, uma comovida nostalgia po-
voada de recordações distintas, de rostos perdidos
na voragem do tempo afluando a distância no
mar imenso onde vai naufragando tudo quanto
constitui o fio da nossa existência.

Ao percorrer estas memórias, cada um de nós,
seguramente, sente-se invadido pelo seu próprio pas-
sado, vivido na contemplação de tantas coisas be-
las que preencheram um outro tempo, um tempo
que passou sem avisar que partia.

Mas, a comovida nostalgia que se desprende de to-
dos os testemunhos de uma vida reunidos neste "Uni-
verso de Memórias", não pode deixar de ser a compaña-
da por um outro sentimento, qual seja o do respeito e
do reconhecimento por um gesto tão raro e nobre
de despojamento e desprendimento material, legam-
do aos outros, muito em especial aos Madeirenses, os
seus, os símbolos, as realizações próximas e
remotas de toda uma vida.

E pode dividir-se, com meridiana nitidez,
através das vozes e dos silêncios que se adivi-
nham nas memórias aqui reunidas, uma al-
ma poética e um espírito generoso, universal,
futuro e solitário.

Arturo Alves Monteiro Diniz

13 de Janeiro de 2004.

19 oktober 2004

Beste meneer,

João Carlos Nunes Abreu,

Wij zijn verast over de prachtige
verzameling van U en de fantastische
presentatie.

Onze complimenten en wij wensen
U een goede gezondheid toe.

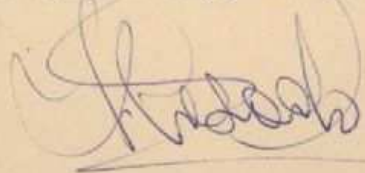
Th. Stuart J. Heenders

Wychen Nijmegen

HOLLAND

20. Octubre 2004

Viejar es recordar... y como no...
volver a vivir de lo que nos queda
en la memoria. Es mi impresión
fresca de la visita realizada a través
de otra visión y muchos obje-



Boate muito

Algumas feias merecem
expressões temporárias

Mr. Fern. Costa
26.4.05

Obrigado, João Carlos

Por permitir conosco as suas presenças.

Paulo Lopes
26.4.2005

To visit this house is as to visit
a dream or a wonder. All the world
is coming into your soul.

Mr. João Carlos must be a wonderful
man!

The entrance fee is too low - it doesn't
fit to the readiness you can meet in here.

Thanks for showing the house to us

Elisabeth & Wolfgang Seifert
from Regensburg / Bavaria
in Germany

E. Seifert 27.4.05

14.05.05

Encore beaucoup G. Fabry

Jejehtare Jejehtare Jejehtare

6. Let uns selv fut ffitte

~~flute x l'art de l'usage~~
- Dubillard -

18 mai 2005

Sublimes mélanges du monde que seule cette maison pouvait recevoir. Excellents arrangements et décors. Sincères remerciements de la Française heureuse de leur visite à Funchal. Evelyn
Catherine, Joëlle et Jean.

18/05/05

Não há palavras para descrever tudo o que vi com os meus próprios olhos. Parabéns João Carlos. Adorei... obrigada pela alegria que me deu hoje. Sou vobros
Janina Egquil Espírito.

We came at the wrong time last year ~
so we stayed for lunch and we promised
each other that we would come back
this year. We are so glad we kept
our promise. It is a beautiful house,
which holds an amazing collection
of memorabilia and art ~ some
worth millions, some worth just a
few euros but all beautiful.

Thank you to our guide who
was so proud of João Carlos Abreu's
contribution to the Island of Madeira.

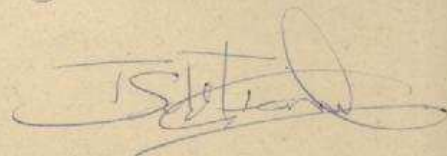
Maggie and David Sindells
10th August 2005

We were very impressed by the idea behind the universe and the
power with which it is realized. When you need inspiration for "whatever"
come and see this amazing collection and let you take by the hand
by the friendly and excellent guide!

Johannes (João) and Hermine
Wamaers - Keislar
Bloemendaal - HOLLAND

Parabéns pela criação deste espaço. É um local muito
agradável, no qual voltamos sempre com muito prazer.
Pois retrata-nos toda uma vida de uma pessoa
fantástica que é o Secretário João Carlos Abreu!
Simplesmente Fantástico!

12/08/2005



29.10.05

What a surprise! What was to be a quiet cup of tea in a courtyard turned out to be such an experience. The house is a "tardis" (Dr Who reference) - just how much can be exhibited in such a small space?

We were totally overwhelmed by the sumptuous collection, the weird, the beautiful, the quaint, the 'brash', the exotic. But so well organised and displayed, and very well lit.

This has been one of the highlights of our week in Madras.

Many, many thanks.

The Roberts Family
East Harphree
Somerset.
England.

Thank you for a
 wonderful visit - what a great
 collection, beautifully presented, stunning house -
 and great people!

Judith, Ian and Amy Jewell 26 August
 London.

Dans l'île de Madéira,
 paradis du monde,
 nous avons trouvé un
 autre espace céleste
 pleine de beauté, de
 miracle et d'hospitalité.
 Merci à vous, tous qui
 soignent ces trésors.

黃
 風
 撫
 肌
 夏
 日
 長
 綠
 蔭
 影
 濃
 金
 魚
 遊

平成 11 年 1 月 日
 日本國 山 下 族 殿 京 西 官 舎 御

Bom dia,
estava lá
lecos lá
spece x le
vê q
u/19/257

Com minha esposa, finalmente visitei
este maravilhoso Museu do meu grande
Amigo João Carlos Abreu, colega da
vida militar em Távira e Setúbal.
É sem dúvida das melhores experiências
da minha vida ter tido a honra de
passar mais de um ano com este
extraordinário ser humano. Muito
famoso e ao mesmo tempo modesto
Obrigado João Carlos
8-10-2007
Judeira Namul Pacheco
Deolinda Pacheco

To João Carlos -
Your Heart is as big as the
Island you love
Thank you for sharing your
life with so many.
I feel honored and
humbled to have met you.
David E. Barlow
8-10-2007
Beism RI USA

What a beautiful & surprising collection - so good, I had to
visit it twice! Stéphane Rowden UK. May 2008

27/05/08

ADONIMOS AGUILO QUE ACABAMOS DE VER,
BEM HAJA AS PESSOAS QUE HOSIMY AGUILO DE
QUE HOSIMY E QUE AO LONGO DOS ANOS ADQUINIMOS
PARA QUE POSSA SER PARTILHADO POR TODOS.

AR

Luís Faria

04/06/08 Parabéns!!!

Foi a hora e meia mais rápida e leve passada
de toda a minha vida!

Obrigada ao João Carlos Faria por este
dadoz maravilhosa aos meus sentidos,
principalmente vista e estético, todo o
fluxo e um deslumbramento pelo requinte
e a forma como expôs as peças.

Fico feliz por esse grande seu trabalho poder
assistir e partilhar com estes momentos
inesquecíveis que com a sua vida rica e
tão preendida nos proporcionou.

Uma palavra ainda ao excelente atendi-
mento, competente e cordial. Bem hajam!

Luísa Botto Costa

Seleção de poemas destinados ao *site*

UM HOMEM NOVO...

Junta como letras
as flores que te mandei
elas são o poema
da tua liberdade
tece como fios
manhãs novas
corre com as gaivotas
caminhos felizes
imaginados nos sonhos
das tuas noites,
desejados nas tuas preces
aos céus prometidos:

um homem novo
irá chegar. . .

(Abreu 1996:12)

Perdi-me
nas grandes multidões do mundo
encontrei-me
nos becos estreitos da minha ilha...

(Abreu 1996:20)

AUTONOMIA

Em ti te encontro
e me vejo,
na incerteza certa
das horas,
no refúgio das montanhas.
no resplandecer das águas,
no debruçar das janelas,
na construção das ruas e praças,
no correr do teu sangue,
na seiva das tuas plantas.

faço-te deus dos deuses
e por ti me ajoelho,
nos socos transpirados
do teu povo gigantesco
agora mais dignificado,
tendo nas mãos o rosário
das pedras da libertação.

(Abreu 1996:26)

NEW YORK – NEW YORK

Os pássaros
morreram
esta manhã
em
New York...
manhã
cinzenta
provoca

deuses
que
ruas
acolhem
no teatro
da vida.
fumos
teimosamente
sobem
do chão.
O mistério
das personagens
na sedução
da cidade
“aves sem ninho”
na representação
da imensa
geometria
das ruas
de olhares
espantados
desconfiados
porque
se rasga
nos céus
a vingança
das nuvens
insultadas
cobrindo
torres
gritantes
Esta manhã
Esta manhã
é

só minha
A possessão
ilusória
da manhã
cinzenta
será
verde
amarela
roxa
vermelha
todas
as cores
que
meus olhos
guardam
da noite
derramada
no dia
da Broadway
New York
é
alucinação
de quem
no medo
do espaço
dama
ganha
a loucura
do enigmático
e
o inexplicável
existe
nesta loucura
que

fascina
sem
tempo
para começar
esta aventura
O
que
vem
depois
é
o arrepio
da manhã
fria
invadida
pelos
fumos
saídos
de rompante
dos
esconderijos
aquecem
passos
apressadas
dos
embebedados
das madrugadas
dos trajectos
repetidos
Passos
ecoados
em mim
levam-me
à descoberta
das caras

colocadas .
na cidade
milhares
espalhadas
na incerteza
dos percursos
dos vidros
corridos
metros x metros
de insistência
na duplicação
dos caixilhos
iluminados...
Levam-me
os passos
até
onde
a cidade
reflecte
em si mesma
a sua alma
o
deslumbramento
dos retratos
expostos
na sala
sem medidas
o vazio
patético
das figuras
atropelam-se
nos degraus
nas escadas
de ferro

no cais
nas ruas.
(...)
O sorriso
branco
da mestiça
laços vermelhos
na cabeça
encaracolada
lábios grossos
New York
New York
Chuvosa
veste-se
de arte
em
Manhattan
cores
traços
formas
dizem
histórias
sem
nome
artistas
enlouquecidos
pelo
discurso
da paixão.

Esta cidade
sem limites
é assim
escraviza

quem
quem
por ela
passa
na
5ª avenida
(...)
New York
New York
quiseram
roubar-te
ladrões
crianças
vagabundos
velhos
putas
músicos
músicos
poetas .
escritores
artistas
deixaram
desenfrear
o pensamento
desesperado:
ódio
e
paixão
mascaram-se
nas
mortes .
antecipadas
(...)
O que

fica
envolto
nos fumos
luzes
que
correm
nos placards
co-ca-co-la
marilyn monroe
number one
a população
que
nao dorme
A inquietação
de amar
a loucura
acorrenta
à cidade
os “flashes”
descobrem
as ruas
as casas
e
os
olhos
dos
vagabundos

Ah
os olhos
dos vagabundos
trazem
retratos
da cidade...

West Side

A bordo do “Queen Elizabeth”

À valia da mesa das poetas

1994, Abril

(Abreu 1995:1-17)\

Amo

o vento

batido

nas madrugadas

não confessadas

de oceanos

desconhecidos.

Sonho com outros países...

(...)

Amo

as primaveras

de Botticelli

pescoços

longos

lambidos

enfeitados

com cordões

de flores

e prata

ornamentam

os sonhos

não concretizados

A importância do sonho
na realização do homem...

(...)

Amo os apocalipses
de Salvador Dali
pela loucura
cores
pedras
metais
num misto
de religioso
profano
mensagem
transmitida
abstracta
mas
compreendia...

A inteligência sábia dos artistas
que descrevem com cores os sonhos
das suas paixões

(...)

Amo
porque
amo
a razão
que
não
tem razão

explica-se
nesta forma
de amar
viver
sentir...

Capri, Festival Mundial de Poesia - 1991

(Abreu 1994:45-52)

Nada escondo
trago nos olhos
a leitura
do pensamento .
inconformista
da hipocrisia.
Explico-me.
Basta...

Roma 1993

(Abreu 1994:67)

Nunca
me deixei
fechar
na ilha
como
tantos
outros
com

o talento .
da escrita
a riqueza
da fantasia
fazem
circunferências.

(...)

Entendi a linguagem
universal dos povos.

Ganhei mais força
nas raízes.

Amo mais facilmente
os países para onde vou...

San Diego, 1991

(Abreu 1994:69-70)

A loucura
do sonho .
alimenta .
as noites
que .
a imaginação
enfeita
no percurso
das delícias
de um
carnaval

fantasiado
de desejos
projectos .
castelos
e
as
bailarinas
saídas .
da noite
enfeitiçada .
flutuam
nos véus
do universo
inteiro...

(Abreu 1994:79)

(...)

Porquê
discutir
religiões
se
no mais
completo do homem
está deus
na amplitude
do seu pensamento?

(...)

- Porquê

este ódio
esta raiva
dividida
aumentada
nas mentes
nas mentes
(qual justiça, qual injustiça)
perpassando
apressadamente
em mãos
trémulas
que apertam
as pedras
dos rosários
e lágrimas
formam
rios de pedidos
simples
que desaguam
no muro das lamentações...

(...)

Porquê
justamente
aqui
os árabes
matam
os judeus
matam-se
loucamente
uns aos outros...

(...)

O que
mudou
diz-me
senhor
o que mudou
depois da guerra do Golfo?!

Apenas
o petróleo jorrou...

(...)

Porquê
Senhor
porquê?
Não sou
teólogo
nem sábio
nem sacerdote
nem rei
nada sei
sou
um dos teus
crentes
que te ama
fala
chama
quando de ti
necessita
como
agora
que
aqui

estou
em Jerusalém
onde
tudo começou
e acabou
para perguntar-te:

Porquê?
Porquê?
Senhor!...

Israel, Julho 1991

(Abreu 1994:103-115)

Perdi-me
nas grandes multidões do mundo
Encontrei-me
nos becos estreitos da minha ilha...

(Abreu 1994:14)

REENCARNACÃO

Voltarei...
um dia
uma manhã.
Voltarei
no fumo da chaminé
de um navio,
nas asas de uma gaivota,

nas letras de uma canção,
nos acordes de uma música,
no trinar de uma guitarra.

Voltarei

nas pétalas de uma flor
no olhar de uma criança.

Estarei em tudo

o que amei com força

Estarei em ti,

no despedir das tardes,
na chegada da primavera

para ensinar-te

de novo a amar,

recordando promessas

confidenciando sonhos

que não sonhaste:

temeste amar-me

recusaste o poema

que és

trocaste a verdade

pelo chorar silencioso

só para não dizeres:

AMO – TE

(Abreu 1994:34-35)

AUSÊNCIA

Bati nas portas do tempo
tive medo que embarcasses
dez vezes disquei
insistentemente
o número do telefone

Dez vezes
fiquei suspenso
no fio da esperança
Era tarde
Demasiadamente tarde....
bati nas portas da rua
onde em noites
onde em noites
nas palavras
Perguntei por ti
ao vento
palmeiras vergadas
disseram-me ausência
Esperei por ti,
hoje,
nafragando de saudades
no mar da separação

(Abreu 1994:48)

NATAL DAS SOMBRAS

Mãe, vamos brincar
de braço dado,
criando a ilusão da vida
que já não existe!

Vamos porque é Natal
e à meia-noite em ponto,
vai nascer nas ruas deste Funchal
na prisão e nos bairros feitos
de trapos, pedras e cartão.
Vai nascer, Mãe, aqui mesmo

neste hotel, nas águas quentes da Ribeira,
Nas fumas do Lazareto, no Albergue
Dos Velhinhos, à meia-noite em ponto,
em toda a parte onde a terra respirar
vai nascer, mãe, um menino,
com o nome de António, Manuel ou José,
para ser acarinhado, chicoteado,
ou aqui mesmo ser
no tribunal da Cidade.

Vem, Mãe, porque as bolas
de soprar, uma a uma,
vão encher-se de luz
e de estrelas cintilantes,
iluminando na escuridão
o teu rosto que há anos
que não encontro!

Nesta noite de Natal
convidei também o pai,
como desiludido está!
Meu Deus!
O pai, Também, Não chegou?!

Vamos todos discutir
pintar de castanho o papel
e contornar de algodão
as montanhas fictícias
com pastores, ovelhas e um guardião.

A canja aquecida,
o cacau mais bem temperado.
os bolos de mel na mesa,
quando for a meia-noite.

na chaminé da lareira,
os sapatos ficam cheios
de coisas que tu inventas!

Mãe, o ponteiro está nas vinte e quatro.
vinte e quatro!
Tantos anos passámos juntos!
É possível, tu não estás?!

É Natal, mãe!
As searas cresceram! Os sinos estão
a tocar.
É Natal na cidade: há pessoas que
se beijam.
É Natal! É Natal!
Ele é feito de saudade.

Funchal/1977

(Abreu 1994:49-52)

Passa o Homem
pergunta o Poeta:

- Ilhéu, por que
te sentes ilhéu?

- Por necessidade de meditar,
me transformei ilha.

(Abreu 1980:9)

Revoltei-me com os vivos.

Fiz um pacto com os mortos -
imaginei-os numa roda:
um a um demos as mãos
ficámos como ciprestes
firmes e resistente
capazes de enfrentar Ilha.

(Abreu 1980:13)

Sonhei que o mar ficou
sem sal
e a terra verde, de branco se pintou:
era uma ilha completamente
diferente,
povoada de esquimós,
com sinfonias de música, exaltando
a agonia do passado.

(Abreu 1980:14)

Ser ilhéu
é ser diferente:
Sentir na Alma – Sangue
peso de 4 séculos – história
história condicionada
ao mar que nos rodeia
à porção de terra que somos.

(Abreu 1980:16)

Conscientemente escolhi a solidão
à procura de um abrigo
onde metesse o coração

Sonhei contigo,
-Mãe

Quanta saudade sem fim,
Como podes viver aí
Sem mim?

Espero apenas que
digas:
- Vem!

(Abreu 1980:29)

DEGRAUS

1
Do nada nascem
os degraus do meu percurso.
Inscreve-se no sangue das veias
que atam os sentimentos
e a alegria de ter vencido
o medo da escuridão.

Espreitaram na noite
os relógios da minha mente.
Pintaram-me com fantasmas
dependurados nos guindastes
dos meus dedos

desfeitos pela força da verdade.

Cães vadios beijaram-me
na madrugada
senti o arrepio
da ilha envolvente
no arfar das coisas invisíveis.

2

Medos que se sentem
e não se explicam
porque carregados de sonhos
e de mistérios
ou de feitiços.
Pesadelos que me põem na madrugada
onde estou:
no cais da minha paixão.

(Abreu 1990:52-53)

Volto de novo, ao público,
com a minha
porta aberta. De pequeno,
sempre em minha casa
as portas se abriram. meus
pais usavam dizer que
nunca se fechavam as
portas, pois estas eram a entrada
para os corredores da alma.
Durante o período difícil
da guerra, diariamente,
iam e vinham pessoas comer
à minha casa. Minha mãe,

com o consentimento de meu pai,
a todos socorria. Dela, ficou-me
esta lição de dar e dar-me, inteiramente.
Assim descobri a beleza da vida.
Recordo que um dia, distraidamente, fechei a porta.
Minha mãe logo me solicitou:
- Por favor, deixa
a porta sempre aberta...

(Abreu 1990:54)

do
silêncio
fez-se voz
o
que
se ouviu
era
súplica
de paz

são
os
degraus
de
roma
meu confessionário
onde
deposito
no
silêncio
silêncio

que
tu sabes

(Abreu 2004:17-19)

Ao percorrer o mundo compreendi
que o sorriso de felicidade de uma
mãe vietnamita que dá a luz uma criança
é idêntico ao SORRISO DE FELICIDADE
DE UMA MÃE PORTUGUESA ao ver seu filho nascer
e que a dor de uma mãe japonesa
que perde um filho é igual à dor
que sente uma mãe francesa ao
ver seu filho morrer.

(Abreu 2001:9)

Norte de África

No areal do deserto

tudo
começa na árvore
A tocar
na primavera
do céu
nos olhos
estão
as estrelas
que
a noite

traz
em sonhos
esta noite
não chega
para abafar
o desejo
da viagem
é mais longa
a viagem
no poema
silenciado
que a noite
despida de flores.

(Abreu 2001:18-19)

Ásia

Bangkok

Na terra dos Budas deitados

trago
dentro de mim
a
inquietação
exaltante
dos
contrastes
orientais

trago
o

espreitar
tem
parapeito
de
janela
incensos
queimados
ao
vento
rosto
coberto
de
velas

trago
uma
madrugada
escondida
na
memória
e
na
curva
dos
meus dedos
o
beijo
de
uma
cidade

trago
a
poesia

das
coisas
que
alimentam
as
palavras
e
das
palavras
brotam
os
liberdade...

(Abreu 2001:69-71)

Brasil

Na Terra dos pedidos do Bonfim

são os meus olhos
que retratam a Baía
esta terra irrequieta
enriquece os meus olhos

levo
nos olhos
os
corpos
bamboleantes
das
iças
da
baía

levo
nos olhos
o
sorriso branco
destas baianas
e
a
doçura
das
palavras
que
se
me
repetem
como
orações
este
misticismo
só
explicável
pela
crença
de
quem ama
acreditando
nos deuses
nos santos
nas cores
nas músicas
nas formas
nos céus
nos infernos
esta
amálgama

de
ódio-amor
amor-vingança
raiva-perdão
levo
comigo
as
asas
coloridas
no
despertar
das
manhãs
novas
e
os
coqueiros
debruçados
sobre
este
mar
batidos
por
barcos-à-vela
que
os
sóis
incendeiam
correndo
não sei
p'ra onde
teve
comigo
esta

igreja
do
bonfim
construída
de
pedidos
três
apenas
em
laços
de
fitas
de seda
vermelhas
azuis
amarelas
desejos
inconfessados
que
se
escondem
em
nossas
mentes
exala
a
terra
o
perfume
dos
corpos nus
sinto
o
batucar

dos
tambores
dos
instrumentos
os
que
conheço
os
que
não
conheço
com
nomes
sem
nomes
pouco
interessa
porque
a
musicalidade
deles
alegra
o
pensamento
o
martelar
dos
passos
bem
ritmados
nas ancas
destas
mulheres
morenas

doces
levo
comigo
a
imagem
desse
homem
único
que
não encontrei
aqui
em
sua morada
mas
conheci
na vi da
esse
homem
que
escreveu
a
terra
e
as
personagens
na sua
força
dando-lhes
alma
falas
características
páginas
admiráveis
de

uma
leitura
fascinante
empática
poética
que
me ensinou
a
amar
esta
terra
antes
de
a compreender
desta
vertigem
colorida
de
um
tempo
privilegiado
que
vivo
e
outro
que
vislumbro
já
para
reencontrá-lo
na
grandeza
do
poema

de
gentes
simples
apaixonantes
acontece
o
enamoramento
que
provoca
o
desejo
de
envolvê-la
comigo
no
ritmo
nas
formas
no
tempo
de
todas
as
coisas
o
tempo
próprio
dos
poetas
admitindo
que
o
tempo
imaginário

e
sempre
um
tempo
porque
o
real
faz
parar
as emoções
na
estação
do
abstracto
urge
desligar
a
continuidade
do
discurso
da razão
deixar-se
embebedar
nos
tons fortes
enlouquecer
nos ritmos
desenhados
na
linguagem
do
arrepio
dos
corpos

a
linguagem
provocante
na
excitação
nafragada
do
percurso
fantasioso
das
manhãs
de
todas
as
manhãs
cobertas
com
luzes
tules
rendas
brancas
das
baianas
pois
o
entardecer
lânguido
perfumado
nasce
nos
nossos
corpos
vai até
onde

a
música
acaba
o
coração
enamorado
festejado
encalha
por
fim
na
paixão
do
sonho
Baía de S. Salvador
Baía de Todos os Santos
irrequieta
feita
de
muitas
emoções
vivida
curtida
indescritível
que
se
leva
nos olhos
para sempre
e
os
olhos
com ela
se

valorizam...

(Abreu 2001:38-51)

China

Aquela
magnólia
arquivada
no coração
do tempo
floriu
inesperadamente
para
reviver
a
história
dos
desenganos
perdida
nas
pedras
negras
de
uma
praia
deserta
criança
infeliz
escondeu
nos
olhos
o

reflexo
da
luz
de
repente
um raio
iluminou
o
rosto
que
os anos
arquivaram
no coração
a imagem
da mãe
desconhecida
surgiu
nessa
luz
e
a
criança
chorou...

(Abreu 2001:72-74)

Zulai

A Doce Chinezinha

não
era
a

beleza
física
que
atraía
naquele
entardecer
que
deixámos
a
china
país
estranho
era
a
alma
daquela
mulher
frágil
que
cantou
tão
penetrantemente
amor
era
o seu olhar
de
primavera
que
se
vestiu
de
outono
triste
quando

a
abandonámos
era
china
imensamente
humana
mergulhada
na
nostalgia
e
no
medo ..,

(Abreu 2001:80-81)

Europa

Madrid, um rosto, uma flor

Oh Madrid!

Madrid

Da minha alma

De viajante

Correndo

Olhei-te

Tão

Fixamente

Nos

Teus

Olhos

Sedutores

vi

Palácios

Jardins
Retiros
Não sei
Onde
És
Mais bela
Se
Nas praças
Se
Nas ruas
Se
Nas tuas
Românticas
Janelas
vi-te
toda
apressada
em
plena
primavera
vinham
todos
de
mãos dadas:
bailarinas
poetas
músicos
pintores
toureiros
numa
tarde
de
euforia
na

aragem
do
vento
que passa
caiem
pétalas
de
flores
que
atapetam
a
Gran-Via

(Abreu 2001:82-84)

Seleccção de fotografias destinadas ao *site*



João Carlos Abreu ladeado pelo irmão mais novo, Carlos Manuel e pelo irmão mais velho, João Manuel



João Carlos Abreu com a amiga e apresentadora de televisão Alice Cruz



João Carlos Abreu com o colunista Abel Dias e com a actriz Rita Ribeiro



João Carlos Abreu com a astróloga Maya



João Carlos Abreu com a estilista Fátima Lopes



João Carlos Abreu com a fadista Alexandra



João Carlos Abreu com o actor Rui de Carvalho



João Carlos Abreu com os actores João Raposo e Maria João Abreu e com o encenador Filipe La Féria



João Carlos Abreu a praticar *parasailing*